



<http://livrosgospel.net>

<http://livrosevangelicos.org>

**Livros gospel e estudos bíblicos grátis, livros de utilidades**

**gerais e produtos diversos**

## **ESTUDOS DO ANTIGO TESTAMENTO**

### **ANTIGO TESTAMENTO I**

Através deste módulo você poderá fazer um estudo de alguns assuntos relacionados ao estudo do Antigo Testamento.

#### **Introdução Geral ao Antigo Testamento**

O leitor entende a importância do estudo do Antigo Testamento e conhece quais são as línguas originais e as divisões do Antigo Testamento. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Discorrer sobre a importância do estudo do Antigo Testamento e citar as línguas originais e as divisões do mesmo.

#### **A FORMAÇÃO DO CÂNON DO AT**

Os livros do Antigo Testamento que compõem o cânon foram escritos entre 1400 e 400 antes de Cristo. Esses livros foram inspirados por Deus e cremos que o mesmo Deus iluminou o seu povo para reconhecimento dos livros inspirados entre outros livros religiosos antigos (João 7.17; 1 Coríntios 2.12-13). Portanto, "se reconhece o papel da providência de Deus quanto à origem, seleção e coleção destes escritos. É por esta razão que os livros do Antigo Testamento existem em número de 39, como temos, nem mais nem menos. Esta tem sido a convicção dos crentes protestantes de modo geral, embora tivesse havido dúvidas levantadas a respeito de alguns livros, como, por exemplo, Cantares de Salomão e Eclesiastes. A providência de Deus operante na vida da igreja, entretanto, tem feito com que todos os 39 fossem aceitos" (1).

A seguir cito Harbin integralmente sobre os aspectos históricos da formação do Cânon:

- a. O texto hebraico, ou seja, a Bíblia Hebraica, ou seja, o Texto Massorético não contém os chamados livros apócrifos. É basicamente o mesmo cânon reconhecido pelos rabinos em Jamnia, em 90 d.C.
- b. O mais antigo manuscrito completo da Septuaginta (LXX) é de proveniência cristã no quarto século depois de Cristo e contém "os apócrifos" da Bíblia Católica Romana.

c. Todavia, as listas cristãs do cânon, que são mais anteriores, seguem principalmente o cânon hebraico da palestina, por exemplo, a lista de Melito de Sardo, cerca de 160 d.C.(A LXX originou fora da Palestina em Alexandria no Egito em cerca de 275-100 antes de Cristo. Entretanto, os cristãos geralmente usavam a LXX desde a época primitiva, embora não haja evidências de que nem os cristãos primitivos, nem os judeus da Palestina sequer consideravam seriamente a inclusão no cânon de quaisquer dos livros que hoje chamamos de "os apócrifos" e os "pseudepígrafos"( outra coleção de livros judaicos relacionados ao Antigo Testamento, assim denominados porque os seus autores empregaram disfarçadamente os nomes de notáveis homens do Antigo Testamento como sendo os autores, dependendo do livro em questão, a fim de ganhar aceitação dos livros).

d. Embora a LXX contenha os apócrifos, não se pode provar que a mesma autoridade fosse atribuída a todos os livros. O fato da sua inclusão, entretanto, parece mostrar uma tal tendência da parte de alguns judeus, embora possa refletir somente o desejo de traduzir, preservar e circular todos os livros incluídos sem pensar em valorizar todos do mesmo modo.

e. A lista da LXX conseguiu aprovação da maioria nos Sínodos de 393 d.C. e seguintes embora contra o voto de certos líderes notáveis como Jerônimo. Agostinho estava a favor, mas os seus escritos posteriores mostram uma ambigüidade a respeito.

f. Os reformadores do século dezesseis depois de Cristo voltaram para o cânon hebraico. Calvino, por exemplo, apontando o fato de não existir tradição unânime a respeito do "apócrifos" como livros que devem ser considerados como inspirados.

g. O Concílio de Trento, em 1546 d.C., aceitou pela primeira vez como canônicos os seguintes 13 "apócrifos": Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, I e II Macabeus e as adições dos livros de Ester, Baruque(a carta de Jeremias) e Daniel(o cântico dos três mancebos, a História de Susana, Bel e o Dragão, e a Oração de Azarias); a Vulgata, edição publicada em 1592 d.C., mas autorizada pelo Concílio de Trento em 1546 d.C., incluiu também I e II Esdras e A Oração de Manassés, porém, depois o Novo Testamento na sua seqüência bíblica.

**Na Septuaginta** o Cânon do Antigo Testamento tem o seguinte arranjo:

a. Livros da Lei(o nome "Pentateuco" é de origem grega e sabemos do seu uso desde o primeiro século de nossa era) = Os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

b. Livros de História = Josué, Juízes, Rute I e II Samuel, I e II Reis(considerados Samuel e Reis como I, II, III e IV reinados), I e II Crônicas, I e II Esdras(o primeiro sendo apócrifo e o segundo o canônico), Neemias, Tobias, Judite e Ester(com as adições).

c. Livros de Poesia e Sabedoria = Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico(ou Sabedoria de Siraque).

d. Livros Proféticos = Os Profetas Menores(em termos de tamanho e não de importância): Oséias, Amós, Miquéias, Joel, Obadias, Jonas, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias. Os Profetas Maiores: Isaías, Jeremias, Baruque, Lamentações, A Carta de Jeremias, Ezequiel, e Daniel(incluindo Susana, Bel e o Dragão, e O Cântico dos Três Varões).

e. Livros Suplementares de História = I e II Macabeus.

f. A tradução do Pentateuco foi completa em cerca de 250 antes de Cristo, a dos Profetas em cerca de 200 antes de Cristo e a dos Escritos em cerca de 100 antes de Cristo.

**O arranjo da Bíblia Hebraica**(Cânon Hebraico, Judaico ou TM) é composto assim:

a. A Torá( A Lei) = Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio.

b. Os Profetas = Os Anteriores: Josué, Juízes, Samuel(I e II considerados em conjunto), Reis(I e II em conjunto). Os Posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel, e o Rolo dos Doze(Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias).

c. Os Escritos = Poesia e Sabedoria: Salmos, Provérbios, Jó. Os Rolos(Megilot) cada um usado na ocasião de uma festa específica: Cantares na Páscoa; Rute no Pentecostes; Lamentações no dia 9 do mês Abibe; Eclesiastes na Festa dos Tabernáculos; Ester na Festa de Purim. História: Daniel, Esdras, Neemias, Crônicas(I e II em conjunto).

Observações: são 24 livros, sendo tomados como um só livro os seguintes conjuntos: Samuel, Crônicas, Reis, Os Doze, Esdras e Neemias. Josefo, por achar mais dois conjuntos Juízes e Rute, Jeremias e Lamentações, falou em 22 livros. O Novo Testamento menciona uma divisão tripla do

Antigo Testamento: “A Lei, os Profetas e os Salmos”(Lucas 24:44). O livro de Eclesiástico(apócrifo), escrito em cerca de 130 antes de Cristo fala de “a lei, os profetas e os outros escritos”. Confirma Mateus 23:35 e Lucas 11:51 que refletem o arranjo da Bíblia Hebraica. **O arranjo da Vulgata**(versão latina oficial da Igreja católica romana, completa em 450 antes de Cristo, mas aceita plenamente em cerca de 650 antes de Cristo). Em geral, segue a LXX, só que I e II Esdras são iguais a Esdras e Neemias, e as partes apócrifas(III e IV Esdras), tanto como a Oração de Manassés, são colocados no fim do Novo Testamento. Os Profetas Maiores são colocados antes dos Profetas Menores. “Destas listas percebe-se que a Bíblia protestante segue a mesma ordem tópica do arranjo da Vulgata, só que omite todas as partes apócrifas... Na ordem, a Bíblia protestante segue a Vulgata, no conteúdo, segue a Hebraica”(2). Uma avaliação dos livros apócrifos indica que eles têm certos valores históricos e religiosos. Confirma Judas 14,15 cita I Enoque 1.9 e Atos 17.28; I Coríntios 15.33 citam uma linha do drama grego Taís de Alexandre. De um modo geral os apócrifos não têm: a qualidade histórica, ética, teológica e espiritual dos canônicos.

## **PRINCÍPIOS PARA INTERPRETAÇÃO DO VELHO TESTAMENTO**

**Por Lonnie Byron Harbin**

1. Distinguir, o quanto possível, a natureza da literatura do trecho. Por exemplo:

1. Jó 38.7 = É poesia ou prosa?

2. Êxodo 20.8 = É lei ou evangelho; Mc. 1.1; Mt. 4.23; Ef. 2.8-10? ou provérbio(axioma), Pv. 13.20? ou canção de amor, Ct. 1.2? ou drama poético, Jó 2.16? ou hino, Sl.42.1?

3. Gênesis 1.27 = É narrativa religiosa ou tratado científico moderno? ou predição, Is.2.2? ou ensaio biográfico, Ec.1.12? ou cântico profético, Is.45.12, 18; 43.6-7? Ou poesia dramática, Jó 10.8-9?

4. II Timóteo 3.16 nos mostra a finalidade principalmente religiosa e moral do Antigo Testamento.

2. Estabelecer, o mais exato possível, a posição histórica do autor ou do trecho.

1. Salmo 137.8-9 comparado com Mateus 5.43-48.

2. Jó 7.9-10 e 10.21-22 comparado com Jó 19.25-26.

3. Salmo 6.5 e Eclesiastes 9.5 comparados com Lucas 23.43 e II Timóteo 1.10.

3. Levar em conta o contexto do trecho.

1. Isaías 14.12 à luz dos versículos 4 e 16.

2. Gênesis 1.3 e 5 à luz de 1.14 e 19.

3. Gênesis 1.26-27 e 31 à luz de 2.4b-7.

4. Notar as relações existentes entre o trecho profético e o seu futuro cumprimento ou cumprimentos.

1. Gênesis 13.15 comparado com Jeremias 29.10; 32.36-41; Esdras 1.1-5; Hebreus 11.8-10; 12.22-24; Apocalipse 21.2,10.

2. Jeremias 31.31-34 comparado com Hebreus 8.6-7,13; 9.11-15.

3. Isaías 53.7-8 comparado com Atos 8.32-33.

4. Malaquias 4.5-6 comparado com Mateus 11.14.

5. Amós 9.11-21 comparado com Atos 15.16-18.

5. Procurar luz junto com a linguagem original em que o autor escreveu.

1. Êxodo 6.3 – “O Senhor” quer dizer Jeová, ou Javé, ou Iaweh, o nome de Deus revelado em relação à aliança feita com Israel, Ex. 19.3,5; 34.5-7; Mt. 1.21-22; Lc. 1.31-33. É o Deus que, se identificando em relação à aliança, posteriormente se encarnou em Jesus, “Salvação de Jah” ou “Javé”, a fim de cumprir o seu propósito maior em fazer a aliança com Israel.

2. “Criar”(bara) em Gênesis 1.1, 21,27 e 2:4 não é a mesma palavra traduzida como “fez” em Gênesis.1.7,16 e 25.

3. Salmo 6.5 – “no sepulcro” quer dizer mais do que o simples túmulo, a palavra original sheol indica a região dos mortos.

## **ESQUEMA HISTÓRICO**

Criação.....de 8 a 25 bilhões de anos antes de Cristo.

Os patriarcas.....cerca de 2000 a 1600 antes de Cristo.

Moisés e o Êxodo(3)..... cerca do século 13 antes de Cristo.

Samuel(último juiz e primeiro profeta)..... cerca de 1075 a 1035 antes de Cristo.  
 Saul .....teria reinado de 1050/45 a 1010 antes de Cristo.  
 Davi .....teria reinado de 1010 a 970 antes de Cristo.  
 Salomão..... teria reinado de 970 a 931 antes de Cristo.  
 A divisão do reino nos dias de Roboão .....cerca de 931 antes de Cristo.  
 A destruição do reino do norte(Israel, Efraim).....722/721 antes de Cristo.  
 A destruição do reino do sul(Judá).....587/586 antes de Cristo.  
 A primeira volta dos judeus da Babilônia sob Zorobabel ..... 537 antes de Cristo.  
 A obra de Esdras .....cerca de 458 antes de Cristo.  
 A obra de Neemias ..... cerca de 432 antes de Cristo.

## **OS GÊNEROS LITERÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO**

1. Os escritores do AT foram inspirados por Deus, 2 Timóteo 3.16.
2. Ao inspirar, Deus falava por homens escolhidos, 2 Pedro 1.20–21. No seu escrever e editar o conteúdo do nosso AT esses homens eram inspirados(sob a influência especial do Espírito de Deus) para registrarem a revelação que lhes fora dada de várias maneiras. Assim, os seus escritos são inspirados. Pelo mesmo Espírito esses escritos tornam-se iluminados a nós que temos fé e assim também nos inspiram. Atualmente se usa “inspirar” mais no sentido emotivo esquecendo de falar devidamente em iluminação(sentido instrutivo) proveniente do Espírito da Bíblia.
3. O AT como palavra(mensagem) de Deus escrita, é um compêndio de literatura proveniente do antigo Oriente Médio. É assim que devemos iniciar a nossa caracterização do aspecto humano da Bíblia, sempre levando em consideração também o seu aspecto divino(inspiração).
4. O AT consta de 39 livros diversos, e assim é uma coleção literária(aspecto humano).
  - a) Foi escrito em duas línguas semitas antigas(Gênesis 10.21 e 26) o hebraico e o aramaico. Somente Daniel 2.4–7.28, Esdras 4.8–6.18 e Jeremias 10.11 foram escritos em aramaico(sírio antigo, cf. Dt.26.5; Gênesis. 25.20), o resto em hebraico, língua irmã, a língua de Canaã, Is. 19.18.
  - b) Portanto, é uma coleção de literatura proveniente do Antigo Oriente Próximo( de cerca de 1400 a 200 antes de Cristo).
  - c) Se não fosse assim, seria necessário a Deus repetir toda esta obra para cada nova geração e língua.
  - d) Significa tudo isto que ao descobrirmos o sentido do relato para o antigo povo de Israel, em face da sua língua e ambiente cultural e histórico, é que sentiremos de maneira mais tocante, sob a iluminação do Espírito, a sua mensagem vital e autêntica para nós.
  - e) Deve-se salientar ainda que as porções mais antigas do conteúdo do AT, antes de serem colocadas na sua forma final, eram transmitidas oralmente e depois fixadas em escrito. As narrativas de Gênesis parecem-nos um caso em questão. Um exemplo claro implica-se em Jeremias 36.2. Todas as mensagens do profeta da época de 627 a 605 antes de Cristo são referidas. Ele teria gravado na memória suas mensagens, muitas encontrando-se em forma poética.
  - f) Os dez mandamentos foram esculpido em tábuas de pedra, Êxodo 31.18. Moisés teria preservado “O Livro da Aliança” em alguma forma de “livro”, Êxodo 24.4,7. Também a conservação do “Livro da Lei” encontrado no templo em 621 antes de Cristo, II Reis 22–23, é exemplo adicional da tendência de formar “livros”, possivelmente rolos de pergaminhos como no caso de Jeremias 36. A arqueologia nos mostra que blocos de barro foram usados mais comumente naquela antigüidade mais remota.
  - g) Assim a tradição oral e aquela escrita teriam coexistido lado a lado por séculos, sendo que no período do exílio babilônico(após 586 a.C.), e especialmente no período de Esdras(c.458 a.C.) em relação à Lei, teriam sido as duas empregadas para produzir a forma original final dos livros. A evidência, contudo, leva a crer que as porções centrais do conteúdo fossem conservadas o quanto possível em forma escrita através dos séculos desde a época de Moisés em diante, cf. Ex 17.14; 24.7; Nm 33.2; Dt 27.3; 31.9, 24–26; Js 1.8; 23.6; 24.26; I Rs 2.3; II Rs 22.8; 23.25; Ed 3.2; Ne 8.1–3; 11.13.
5. A pré-história oral e escrita teria relação principalmente aos livros do AT que tratam do período pré-exílico – o Pentateuco, os livros históricos, os profetas pré-exílicos, e porções de livros como, por exemplo, Salmos e Provérbios.

a) A pré-história escrita. Moisés, segundo Ex 24.4,7, escreveu o "Livro da Aliança", o qual teria existido em separado até tornar-se uma das formas empregadas pelo autor do Livro de Êxodo. Josué 10.13 refere-se a outro antigo livro-fonte, "O livro dos justos", em que o autor teria se baseado em parte. I Reis 11.41 menciona uma das fontes escritas do seu autor, "O Livro da História de Salomão". II Reis 1.18 refere-se ao "Livro da História dos Reis de Israel". A crítica literária referida em baixo era a primeira das disciplinas do alto criticismo a surgir nos tempos modernos(séc.18 d.C.) e se preocupa principalmente com a investigação das fontes literárias refletidas no atual texto.

b) A pré-história oral. É interessante notar que Ex 15 relata "O Cântico de Moisés", o qual ele e o povo entoaram ao Senhor. O assunto celebrado é o livramento de Israel do exército de Faraó. Ex 14 contém um relato prosaico do mesmo acontecimento. É lógico, na base das dicas do texto, que o cântico fosse preservado tanto em forma oral como escrita, e também que fosse preservado por grupos de sacerdotes ligados, através dos séculos, a um ou mais dos santuários em Israel.

c) A pré-história do texto dos livros mais antigos do AT, portanto, tem ocupado o interesse dos estudiosos no século 20. Assim se desenvolvia o estudo das formas típicas de fala que jazem atrás do texto e servem de dicas para entender algo da origem e do uso na comunidade de Israel do bloco do conteúdo. Na vida de uma comunidade existiam determinadas situações típicas que se repetiam com regularidade, sendo muitas vezes ligadas a certo lugar e determinada época. Tais situações(Sitz im Lebem, ou "contexto vital") teriam incluído o julgamento, o culto divino, festas religiosas, etc. em certos lugares como Siquém e Jerusalém. A forma de expressão era determinada pelo correspondente Sitz im Lebem e ela se realizava mediante fórmulas e gêneros literários fixos. Esta disciplina, não muito prática é chamada de a crítica das formas e desenvolveuse depois da crítica literária. Ela tem dado seus melhores resultados no estudo dos Salmos. Dois nomes importam quanto à sua origem: Hermann Gunkel e Sigmund Mowinckel.

1) A crítica literária do AT tem suas raízes no humanismo da Renascença e da Reforma Protestante, embora surgisse historicamente no racionalismo europeu do século 19. A preocupação principal da disciplina é situar o autor na sua época à luz da marcha da história.

2) Esta disciplina tem servido para desafiar a tese tradicional de Moisés como autor do pentateuco em si, por exemplo, achando o pentateuco composto no período do exílio babilônico na base de quatro extratos(documentos) surgidos em diferentes grupos em Israel e em épocas diferentes.

3) A crítica literária também tem procurado elucidar os documentos ou extratos usados pelos autores dos outros livros do AT, como por exemplo, no caso dos livros de Samuel, os Salmos, Eclesiastes, Cânticos, Jonas, Isaías, Daniel e Zacarias.

6. Perante o fato do surgimento arqueológico de textos variados provenientes tanto em Israel como dos povos vizinhos dele, os estudiosos têm se preocupado em comparar a literatura do AT com aquela das descobertas. O resultado tem sido promissor, embora haja sempre radicais tanto liberais como conservadores quanto à interpretação de tais comparações.

6.1. Os gêneros literários dos textos arqueológicos se dividem, semelhante ao AT, em duas categorias principais: prosa e poesia.

a) As subcategorias da prosa( a forma natural de falar, por oposição ao verso) são geralmente entendidas como incluindo: 1) narrativa. 2) parábola. 3) fábula. 4) alegoria. 5) sermão. 6) história curta. 7) discurso. 8) oráculo e 9) ensaio.

b) O debate entre os estudiosos relaciona-se principalmente à subcategoria de narrativa. As descobertas arqueológicas mostram historiografia, mito, conto-folclórico, lenda, saga e material jurídico. Será que no AT contamos com mito, conto, lenda e saga? Os mais liberais têm dito que sim, mas ultimamente a maioria dos eruditos têm chegado à seguinte conclusão típica exemplificada por Bentzen: "No Antigo Testamento... só encontram-se restos e adaptações de material mitológico", porque o mito não teve condições favoráveis em Israel devido à sua ligação com o politeísmo(cf. Is 27.1, 51.9; Ez 29.3; Jr 51.34; Sl 74.13,14; 104.26; Is 14.12-15; Ez 28.12-15; Gênesis 1-2).

6.2. As subcategorias da poesia(a arte de se expressar em verso que muitas vezes emprega a linguagem figurada e bem expressiva para descrever a beleza ou o sentido da coisa).

1) Pelo menos uma terça parte do AT é de poesia.

2) Foi somente em 1753 d.C. que essa poesia foi pela primeira vez nos tempos modernos

examinada e descrita.

6.3. As principais categorias da poesia do AT são:

6.3.1. Canções.

1. Nupciais – Cantares de Salomão.

2. Fúnebres – lamentações.

3. Hinos – Os Salmos 42–46, 92, 124, 147.

4. Populares – I Samuel 18.7(resumo da canção popular).

5. Bênçãos e Maldições(“palavras patriarcais”) – Gênesis 12.1–3; 14.19–20; 22.16–18 48.15–16; 49.2–27 cf. Gênesis 3.14–19; 4.23–24; 9.25–27.

6. A sentença – uma só linha poética, Gênesis 10.9; I Samuel 10.12.

7. O Enigma – Jz 14.14.

8. O Provérbio – O livro de Provérbios, cf. Jr 18.18.

9. Poemas diversos – Os Salmos, a maior parte de Jó é poesia dramática.

10. Segundo Robert Lowth(o estudo de 1753 d.C.) e os estudiosos posteriores, a poesia hebraica tem duas características básicas que se mostram numa grande variedade por todo o AT:

a) paralelismo, ou “rima”, de pensamento.

b) várias seqüências de sílabas tônicas e átonas(ritmo).

7. Tem se desenvolvido outras disciplinas além da crítica literária e das formas.

a) A crítica da história das tradições ocupa-se dessas duas a fim de traçar a história pré-canônica dos vários blocos homogêneos de material(tradições) para entender melhor a história religiosa e teológica que teriam produzido a tradição. É disciplina difícil e não é muito prática.

b) A crítica canônica, uma das mais novas a surgir, visa entender os livros do AT à luz da história da sua canonização e lugar no cânon como sendo Escritura Sagrada para o judaísmo e a Igreja.

Quais os valores que os antigos judeus, por exemplo, teriam achado no livro de Jonas para incluí-lo no cânon entre os profetas? Salienta-se a necessidade de olhar para a totalidade de um livro bíblico ao invés de somente analisar as tradições separadas refletidas nele. O livro todo, na forma em que se encontra e na divisão canônica da qual faz parte, importa como palavra de Deus para a Igreja. Esta disciplina é mais promissora do que algumas outras da alta crítica e foi motivada por uma reação contra a esterilidade espiritual e prática de muita coisa na alta crítica.

#### **O PENTATEUCO(4)**

Chama-se “Lei de Moisés” ou Pentateuco(em hebraico Humash, Hamishá, Humashé Torah ou simplesmente Torah), ao conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônimo(em hebraico: Bereshit, Shemót, Vayikrah, Bamidbar e Devarim). Os nomes que derivam do grego estão relacionados com o conteúdo, enquanto que as denominações hebraicas são constituídas pela primeira ou principal palavra do início de qualquer livro.

A autoria do Pentateuco é atribuída a Moisés, que o escreveu sob inspiração divina. A crença afirma que a Torah que possuímos hoje é a mesma que nos transmitiu Moisés. Esta afirmação faz parte dos Treze Artigos de Fé Judaica de Maimônides(Shelosh-esrê ikarim le “Harambam”).

Existem três diferentes redações do Pentateuco: a judaica, a samaritana e a grega da “Versão do Setenta” e a versão latina desta, denominada “Vulgata”. A mais próxima da judaica é a grega. A redação judaica foi vocalizada pelos rabinos massoraitas, aproximadamente no século VII depois da era comum. A redação samaritana, a mais recente das três, difere bastante da judaica e da versão grega.

O Pentateuco contém a história do Homem, a origem do povo hebreu e toda sua legislação civil e religiosa, finalizando com a morte de Moisés. No que concerne à autoria dos oito versículos finais da Torah, que tratam da morte de Moisés(Dt 34.5), o “Talmud”(B.B. 14b) a atribui a Josué, seu sucessor, o qual acompanhou o seu mestre até os últimos momentos. A Torah contém cinco mil oitocentos e quarenta e cinco versículos.

#### **GÊNESIS**

O primeiro livro do Pentateuco chama-se Gênesis, isto é, “origem” e em hebraico, “Bereshit” que significa “no princípio”. Esses títulos são adequados a um livro que trata da criação do mundo, das origens do gênero humano e da iniciação da história do povo hebreu. O livro está dividido em três partes: a primeira trata do princípio do Mundo e da Humanidade(cap.1–12); a segunda, da vida

patriarcal(cap.12-36) e a terceira, da história de José.

As primeiras palavras do Gênesis, que tratam da Cosmogonia, são cheias de solene majestade, sem adornos, sem fantasias inúteis e impressionam justamente por isso. Somente Deus existia naquele tempo, com a sua Onipotência e a sua vontade de criar o mundo. Este conceito tão elevado da realidade e do pensamento humano está expresso de uma maneira simples e sem nenhum esclarecimento sobre o feito maravilhoso da Criação. Os primeiros capítulos do Gênesis encerram em si os profundos princípios e mistérios da Criação, tal como foram desvendados no "Talmud" e na "Cabalah". Além de ser proibido, é impossível considerar o sentido literal ou aparente desses capítulos. O verdadeiro sentido é muito mais profundo, e seu estudo necessita de um prévio conhecimento das doutrinas completas da Torah.

A segunda parte narra a história dos patriarcas Abraão, Isaac e Jacob. Essa história demonstra a existência da idéia monoteísta entre esses antigos progenitores do povo de Israel. Os patriarcas foram homens e não, figuras divinas. Com o caráter essencialmente humano, tiveram uma fé religiosa superior, pela qual compreenderam a Unidade de Deus, permanecendo fiéis a Ele, cuja existência sentiram em toda parte. O estilo é narrativo e as vezes dramático, como o relato do sacrifício de Isaac, o engano de Jacob e a ira de Esau. Termina esta segunda parte com a triste e falsa notícia da morte de José.

A terceira parte está dedicada, principalmente, a história de José alcança uma dramaticidade elevada e humano no relato do encontro de José com os seus irmãos. O Gênesis conclui com o estabelecimento, no Egito, dos doze filhos de Jacob, fundadores das doze tribos de Israel, e a morte de José, para narrar outro período importante da história dos israelitas, no segundo livro: o "Êxodo". O Gênesis tem doze seções, as quais são lidas no "Sefer Torah"(rolo da Torah), nas casas de oração, em doze sábados, a partir do primeiro sábado após a festa de "Simhat Torah". Esse primeiro livro do Pentateuco contém mil quinhentos e trinta e quatro versículos.

### **ÊXODO**

O segundo livro do Pentateuco chama-se em hebraico, "Shemót"(nomes) e em grego, "Êxodo", (Saída), pois um dos principais acontecimentos nele narrados é a saída do povo de Israel do Egito. Este livro pode ser dividido em duas partes: uma histórica e outra legislativa. A histórica, trata da vida dos "Bené Yisrael" no Egito; da infância, vocação e missão de Moisés; da libertação do povo, sua peregrinação pelo deserto e a construção do tabernáculo. A parte legislativa contém uma série de leis civis, morais e religiosas, principalmente o "Decálogo" ou "Dez Mandamentos", que se tornaram leis universais para toda a humanidade, até hoje.

Do ponto de vista literário, a parte que mais se destaca é o cântico de Moisés - "Shirah", escrito em versos conforme as normas da poesia daqueles tempos, sendo um dos documentos poéticos mais antigos da literatura hebraica. A primeira parte do Êxodo narra acontecimentos maravilhosos, como o nascimento e a adolescência de Moisés, a aparição de Deus a ele, os milagres e as pragas, a travessia do Mar Vermelho e a promulgação das leis do Sinai. A segunda parte está narrada em estilo de código legislativo. O Êxodo é considerado por muita gente, como um dos mais importantes livros do Pentateuco, por seu conteúdo histórico e por apresentar grande parte da constituição civil e religiosa do povo de Israel. Este livro contém mil e duzentos e nove versículos.

### **LEVÍTICO**

O terceiro livro do Pentateuco chama-se "Vayicrah"(e chamou), palavra com a qual começa este livro. Entretanto, na linguagem talmúdica, denomina-se "Séfer Torat Cohanim"(livro da lei dos sacerdotes). A "Versão dos Setenta" deu-lhe o título de "Levítico", porém está de acordo com o seu conteúdo, pois o livro só trata dos Levitas esporadicamente, dedicando a maior parte aos "Cohanim"(sacerdotes) e ao culto em geral. Chamaram-no assim, talvez, porque Aarão e seus filhos, os sacerdotes, pertenciam a tribo de Levi(vide Números 8.5-26).

A primeira parte do Levítico trata dos sacrifícios, suas categorias e suas normas(cap.1-7). Seguem-se depois o ritual da consagração de Aarão e seus filhos como sacerdotes, e as regras que eles deviam observar em sua vida consagrada ao culto divino, as leis de higiene alimentar com a especificação de alguns animais e aves(puros e impuros), leis de pureza e seus ritos impostos aos sacerdotes, impureza de mulher e identificação do leproso e outras enfermidades consideradas impuras.

Este livro contém também uma série de leis e disposições incluídas no capítulo 27, para que o homem as observe e se aproxime da santidade de Deus – “sereis santos porque santo sou Eu o Eterno vosso Deus”(Cap.19). Os críticos modernos identificam esta parte com a letra “H”, que significa “Holiness Book”(livro da santidade), pois nele se encontram os principais mandamentos para santificar a vida de um povo.

Vem enumeradas, a seguir, as leis relativas às festas e datas sagradas e leis do jubileu. E, como conclusão, o livro cita as bênçãos reservadas por Deus aos cumpridores de seus mandamentos, e as maldições aos transgressores. O Levítico é um livro essencialmente legislativo. As diversas leis nele contidas não obedecem a ordem alguma e, por conseguinte, o livro pode ser dividido em distintas partes, conforme a identidade do argumento ao qual se referem estas leis. Este livro contém oitocentos e cinquenta e nove versículos.

## **NÚMEROS**

O quarto livro da “Lei de Moisés” foi denominado, em hebraico “Bamidbar”(no deserto) pois nele está narrada a história dos israelitas em sua larga permanência no deserto. Denominou-se também “Humash Hapekudim”(Livro dos Censos), pelos diversos censos incluídos nos seus primeiros capítulos. A “Versão dos Setenta” chamou este livro de “Aritmoi”(Números). Entretanto, o sentido que eles quiseram dar com esta denominação, é o de censos. O conteúdo de “Números” pode-se dividir, em três partes principais.

Na primeira encontra-se os censos e as disposições das tribos, antes de empreender a viagem pelo deserto; a consagração dos Levitas para o serviço do Tabernáculo; as leis do Nazireado, da mulher suspeita de infidelidade, e outras diversas leis e acontecimentos passados antes da partida do Sinai. A parte segunda inclui quase tudo o que sucedeu aos filhos de Israel em sua vida no deserto. Fome, sede, e toda a classe de dificuldades; os doze exploradores, e a falta de confiança do povo pela qual foi condenado a vagar no deserto até morrer a velha geração, sendo substituída pela nova, para a conquista da terra prometida. Nesta parte estão narradas também a rebelião de Coré e sua gente, algumas leis, e por fim, a falta cometida por Moisés e Aarão nas águas de “Meribá”, em Kadesh, do deserto de “Tsin”, pela qual lhes foi proibida a entrada em terra santa. Na parte final são relatados os acontecimentos até a chegada dos israelitas às margens orientais do rio Jordão. A morte de Aarão, a criação da serpente de cobre, as vitórias sobre os reis “Sihon” e “Og”, entremeio de leis, e outros relatos.

Do ponto de vista literário, “Números” desperta muito interesse pelo seu estilo, tanto dramático como legislativo, em todas as suas partes. Os sete versículos(14-20) do capítulo vinte, os oráculos de Bilam são de grande importância histórica. A parte literária destes capítulos, pela sua forma poética, constitui um verdadeiro documento da poesia hebraica antiga. Este livro contém mil e duzentos e oitenta e oito versículos.

## **DEUTERONÔMIO**

O quinto e último livro da “Lei de Moisés” denominou-se em hebraico “Devarim”, o que significa “palavras”, pela razão de começar este livro com “Elle Hadevarim”(Estas são as palavras).

Denominou-se, também “Mishné Torah”, palavras encontradas neste livro(cap.17,18) e que foram explicadas no Talmud(Sanh. 21) como “Segundo livro de Torah” que o rei de Israel levava consigo, além daquele que ficava guardado nos seus arquivos. A versão grega traduz estas duas palavras: “Mishné Torah”, como To deuteronomion(a segunda lei). Daí, o nome de Deuteronômio adotado também pela Vulgata latina.

Este livro apresenta-se de um modo geral em forma de discursos, pronunciados por Moisés ao povo israelita, em que ele o repreende pelas suas faltas passadas, exorta-o a observar as leis divinas, indicando o castigo aos que as transgredirem e as promessas de Deus aos que escolherem a “senda da vida”. No Deuteronômio foram escritas novamente muitas leis dos livros antecedentes, sendo acrescentadas a essas, às vezes, mais explicações, porém, os preceitos sacerdotais e as leis dos sacrifícios não foram repetidas neste livro. “Ramban” no seu prefácio, escreve que há no Deuteronômio noventa e nove mandamentos renovados. Entretanto, todos os doutores da Lei concordam que estes mandamentos já foram ditados por Deus a Moisés no Monte Sinai, ou na Tenda da Revelação e que portanto não há nenhuma lei nova neste livro a não ser as “palavras do pacto”(divré haberit) que Deus fez com Israel.

Grande é a concepção religiosa-moral que domina todo o livro e por isso os nossos rabinos



disseram: que o Deuteronômio e os profetas foram os que salvaram o Judaísmo para sobreviver até os nossos dias. Nenhum dos quatro livros do Pentateuco tem a unidade de estilo e linguagem como o Deuteronômio. A crença tradicional atribui, com razão, este livro a Moisés. As hipóteses dos críticos de que ele foi escrito por Jeremias ou na metade do século VII antes da era comum, não tem fundamentos essenciais. O Deuteronômio contém a maior parte das bases da religião israelita e de sua filosofia. Do ponto de vista literário, destaca-se sobre tudo o cântico de Moisés "Haazinu" (cap.32.1-43) e o Imperador Napoleão Primeiro, entusiasmado com a frase: "de sangue embriagarei as minhas setas" (32.42) mencionada neste cântico, disse: "somente, o profeta Moisés podia descrever uma sentença tão elevada como esta, em três palavras (Otzar Yisrael-Debarim). O Deuteronômio contém novecentos e cinqüenta e cinco versículos.

## OS ESTILOS LITERÁRIOS NA TORÁ

**Dr. Landon Jones**

No livro de Josué, capítulo um versículo oito lemos o seguinte: "não se aparte da tua boca o livro desta lei (torá), antes medita nela dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque farás prosperar o teu caminho e será bem sucedido". Essa orientação foi dada a Josué na véspera da conquista da terra de Canaã. A palavra traduzida "lei" pela Versão Revisada é a palavra Torá. Nesse conselho divino, entendemos que o êxito da conquista dependia da obediência à Torá. Então, antes da entrada na terra prometida, a Torá já assumiu um papel muito importante na vida dos filhos de Israel. Nela o povo encontrou as instruções de Deus para que a conquista fosse bem sucedida.

Na realidade, a melhor maneira de traduzir a palavra Torá é "instrução". A palavra "lei" que é muitas vezes empregada como tradução, comunica a idéia de algo estático e que não fala mais às comunidades religiosas que usam a Torá. Por isso, quando a Sociedade Publicadora Judaica dos EEUU produziu sua nova tradução da **Tanakh(5)**, as Escrituras Sagradas, uma das palavras escolhidas para traduzir a palavra Torá foi a palavra teaching, ensinamento. A implicação é que o leitor encontrará algo dinâmico que veio do Deus vivo. É aquilo que Deus passou para seu povo como orientação perpétua. Mas o nosso propósito aqui não é falar em termos gerais da Torá. Nosso propósito é falar da Torá como literatura e, como literatura, a Torá é de natureza dupla. Ela é uma unidade literária que contém, ao mesmo tempo, uma variedade de estilos literários. Sua unidade procede primeiramente da tradição mosaica. Moisés é a figura principal associada à preservação e transmissão da Torá.

Mas, além da tradição mosaica que une a Torá. Existe uma unidade histórico-teológica, também. O propósito histórico-teológico da Torá é narrar a história da formação do povo de Israel o ponto de vista dos desígnios de Deus para o povo que ele mesmo criou. Os aspectos históricos da Torá estão inseparavelmente entrelaçados com o seu propósito religioso de maneira que a própria história pode ser considerada uma expressão teológica do povo hebraico. Na Torá o Deus de Israel é o Deus que cria e destrói (Gênesis 1.1; 7.23), que chama e preserva (Gênesis 12.2,3; 45.7), que liberta e guia (Êx 12.1-3; Êx 1.6-7), que fez alianças (Gênesis 15.8; Êx 19.5-6) e deu a sua lei ao povo para orientá-lo e preservá-lo como um povo santo na terra (Lv 20.22-24; Dt 29.29). Assim, a Torá é uma instrução divina para o povo de Deus e sua unidade é encontrada nesta função.

Mas, dentro dessa unidade histórico-teológica existe uma diversidade literária. Os grandes atos de Deus em favor de seu povo são registrados em estilos literários diferentes. Esta diversidade forma um tecido literário de várias "cores" e "texturas" que atrai o leitor tanto pela sua beleza quanto pelo seu conteúdo. O indivíduo, em nossa época, que normalmente recebe o crédito pelo reconhecimento da diversidade literária do texto bíblico é o crítico alemão Hermann Gunkel(6).

Gunkel reconheceu que dentro do texto bíblico existem unidades literárias que formam o texto. Ele identificou vários tipos ou formas literárias no texto: histórias orais, poesias, leis e provérbios que, conforme Gunkel foram juntados para criar o texto maior. O estudo das unidades literárias e chamado de *crítica das formas*.

O trabalho de Gunkel formou a base para a investigação mais detalhadas da literatura bíblica. O crítico alemão Otto Eissfeldt(7) escreveu uma introdução ao Antigo Testamento do ponto de vista da crítica das formas. Eissfeldt identificou mais do que 50 formas literárias no AT dividida em três grupos principais: prosa, ditados e canções. Ele identificou exemplos de todos esses estilos na

Torá. Nós reconhecemos a importância das contribuições de Gunkel e Eissfeldt, mas o nosso trabalho aqui não seguirá as mesmas linhas do trabalho deles e será muito mais modesto. Aqui temos tempo somente para traçar em larga pincelada três formas literárias principais na Torá as narrativas, as poesias e as leis. Começamos pelas narrativas.

### **As narrativas da Torá**

Apesar da identificação da Torá com a lei, a maioria do material da Torá é narrativa. Dos 187 capítulos da Torá na Bíblia cristã mais do que a metade são narrativas(8) ou contém principalmente narrativa. Em termos gerais, uma narrativa é uma história prosaica que relata eventos em ordem cronológica, tem personagens que se relacionam entre si e que tem um propósito específico.

No texto bíblico as narrativas têm uma função específica. De acordo com Deuteronômio 4. 9, as narrativas do povo de Israel funcionavam como “arquivos” da história do povo: “Tão somente guarda-te a ti mesmo, e guarda bem a tua alma, para que não te esqueças das coisas que teus olhos viram, e que elas não se apaguem do teu coração todos os dias da tua vida; porém as contarás a teus filhos, e aos filhos dos teus filhos”. Como arquivos, essas histórias podem ser “reabertas” a cada nova geração de leitores para trazer de volta as memórias históricas significativas do passado. A capacidade de reviver o passado por meio de narrativas históricas(9) é devido a natureza da revelação de Deus aos filhos de Israel. Em termos gerais, Deus se revelou ao povo de Israel por meio da história, isto é, por meio de eventos históricos específicos. Esses eventos foram registrados, transmitidos, e interpretados à luz dos propósitos de Deus para cada nova geração de israelitas. Assim toda nova geração participava nos eventos do passado como se fossem sua própria história. A recitação desses eventos fazia parte das confissões de fé e nas renovações da aliança ao longo da história de Israel(Dt 26.1–11; Jos 24.1–27; Sl 105).

As narrativas da Torá são variadas em termos da sua função. Por exemplo, temos exemplos de *narrativas de origens ou etimologias na Torá*. As narrativas de origens não são narrativas de criação mas são as narrativas que relatam a origem de nomes, costumes, coisas ou lugares. Um exemplo de uma narrativa de origem é Gênesis 16. Outras narrativas são relatórios ou narrativas que preservam eventos ou acontecimentos importantes na vida do povo. Um exemplo de relatório se encontra em Êx 17.8–13. Encontramos biografias que não somente preservam episódios da vida da pessoa para os leitores de outras gerações. Um exemplo de uma biografia deste tipo é a narrativa de José. *As narrativas litúrgicas* são as narrativas que procedem da vida cultural do povo e que tem uma função dentro do culto de Israel. Gênesis 1 tem as características de uma narrativa litúrgica.

Agora, vamos fazer uma breve análise de uma das narrativas da Torá para mostrar a sua função como depósito de história significativa à vida do povo. Eu escolhi um relatório que não seja tão conhecido quanto as demais narrativas da Torá: Êx 17.8–16. Esse relatório fala do encontro entre dois filhos de Israel e Amaleque, em Refidim. É uma unidade independente que faz parte de uma série de narrativas que relatam a jornada dos filhos de Israel do Egito a Sinai. A narrativa começa com uma conjunção, traduzida pela Versão Revisada como “então”, e introduz o leitor a um novo evento nessa série de eventos. A conjunção serve a dois propósitos principais: uma formação conjuntiva e uma função disjuntiva. Na função disjuntiva, a conjunção separa essa narrativa da narrativa anterior e marca o início de uma nova unidade de material. Na sua capacidade conjuntiva, a conjunção liga a narrativa à narrativa anterior. Assim, o leitor é avisado da conexão, mesmo implícita, entre a contenda dos filhos de Israel na narrativa anterior e a oposição de Amaleque.

O propósito principal dessa narrativa se encontra na declaração no verso 14: *então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memorial num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué; que eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu*. Essa narrativa não somente preservou o relatório da batalha entre Israel e Amaleque mas também, explica a origem da inimizade que existia entre os dois povos ao longo da história de Israel.

A história dessa inimizade continuou nos dias de Samuel. Em I Samuel 15, Samuel enviou Saul contra os amalequitas por aquilo que fizeram a Israel em Refidim. Saul feriu os amalequitas mas tomou vivo seu rei Agague bem como seu gado. Samuel soube o que Saul fez e enfrentou o rei

israelita e comunicou-lhe que Deus ia tirar dele o trono de Israel porque ele não tirou a cabeça de Agague. Samuel completou a tarefa de Saul e entrou em depressão.

Mas, a história não parou aqui. Mais tarde, depois do exílio, na terra da Pérsia, um outro descendente, Quis, o pai de Saul, chamado Mardoqueu, enfrentou Hamã, um dos descendentes de Agague, o amalequita. Mais uma vez, o amalequita(ou agagita como o texto massorético diz) perdeu sua vida porque ousou opor-se ao povo de Deus.

Se a narrativa sobre a conquista dos amalequitas só tivesse propósito histórico seria motivo suficiente para incluí-lo na Torá. Mas, a história tem uma função teológica, também. Explica a origem do título *Jeová-Nissi*, ou o SENHOR é a minha bandeira. Para Israel o SENHOR é seu estandarte, o ponto de reagrupamento onde as forças podem ser renovadas. A vitória é do SENHOR e ninguém pode impedir o seu avanço. Aqueles que ousam se opor a seu avanço correm o risco de serem atropelados pelas suas forças. Então, as narrativas da Torá falam claramente da natureza de Deus e preservam seus grandes atos em favor do seu povo de geração a geração.

### **A Poesia na Torá**

Um segundo estilo literário que sem encontra na Torá é a Poesia. A poesia hebraica é caracterizada pela sua estrutura e ritmo e não pela sua rima. A característica mais comum é o paralelismo, isto é, o equilíbrio de pensamentos. Infelizmente, muitas Bíblias, especialmente as mais antigas, não fazem uma distinção entre trechos prosaicos e trechos poéticos. Assim, muitas vezes a poesia bíblica não é reconhecida pelo leitor porque não é impressa em forma de versos. Esta deficiência está sendo corrigida nas versões da Bíblia mais recentes.

As poesias na Torá são tão comuns como as narrativas e são geralmente espalhadas entre as narrativas. Como é o caso das narrativas, as funções das poesias são variadas e incluem cânticos, falas proféticas, e bênçãos. Essas poesias refletem a vida comunitária do povo de Israel e preservam as mais antigas expressões literárias artísticas dos Hebreus.

Algumas poesias da Torá têm vitórias militares como seu conteúdo histórico. Uma das mais antigas canções é a canção de Miriã em Êx 15.21. Uma forma mais completa da canção se encontra no mesmo capítulo, a partir do primeiro versículo. Essas canções expressam de maneira lírica a resposta dos filhos de Israel aos eventos que aconteceram na praia do mar durante o êxodo do povo do Egito. O ponto focal dos cânticos é a vitória do SENHOR sobre os egípcios:

***Cantarei ao SENHOR, porque  
gloriosamente triunfou;  
lançou ao mar o cavalo e o seu  
cavaleiro(Êx 15.2)***

A linguagem é de guerra e o próprio Deus é retratado como um poderoso guerreiro que conquista seus inimigos(vv.3,4-7).

Uma outra poesia de guerra que muitas vezes não é reconhecida, se encontra na narrativa de que tratamos acima, isto é, a batalha entre Israel e Amaleque. Essa narrativa contém uma breve poesia que fala da inimizade eterna entre Deus e os amalequitas. A Versão Revisada traduziu o cântico assim: "Porquanto jurou o SENHOR que ele fará guerra contra Amaleque de geração em geração". Nesta tradução a natureza poética não é bem percebida. Uma outra maneira de traduzir a mesma passagem que preserva melhor os elementos poéticos seria:

***Mãos levantadas ao trono do SENHOR  
O SENHOR pelejará contra Amaleque  
de geração a geração.***

A vitória do SENHOR na guerra foi ligada à presença da arca da Aliança também. Antigamente, quando Israel ia a guerra contra seus inimigos, a arca acompanhava o exército ao campo da batalha(veja I Samuel 4.1-4). A presença da arca foi uma manifestação visível da presença de Deus no meio do seu povo. Essa presença foi reconhecida quando o povo marchava durante o Êxodo. Quando a arca partia, estas palavras eram faladas:

***Levanta-te, ó SENHOR,  
Sejam dissipados os teus inimigos,  
e fujam diante de Ti os que te odeiam,  
(Nu 10.35).***

Quando a arca voltou, um outro cântico foi levantado:

***Volta, ó SENHOR,  
para os muitos milhares de Israel.  
(ou, Tu que és os milhares de Israel)  
(Nu 10.36).***

Nessas expressões poéticas está claro que os filhos de Israel confiavam no poder do SENHOR no campo de batalha. Esses cânticos relembram as vitórias do SENHOR e sua presença ao lado do seu povo nas lutas. O Deus de Israel é um Deus de Guerra que vale milhares de milhares de israelitas e sempre estava disposto a pelear pelo seu povo. Quando Ele saía para pelear, ele sempre voltava aos seus, trazendo vitória ao seu povo.

#### **A Lei na Torá**

Uma das funções da Torá é a preservação e transmissão da lei de Deus. É a presença da lei na Torá que dá destaque a esta parte da Bíblia. Apesar das demais formas literárias que se encontram na Torá, sempre será o seu aspecto legal que receberá a atenção do leitor. As narrativas da Torá explicam como o povo recebeu a lei diretamente de Deus por intermédio de Moisés. Essa lei formou a base da aliança que Deus forjou com o povo e o povo aceitou a lei como a condição divina para participar na aliança. O propósito da lei foi orientar a vida da comunidade israelita. Assim, pode ser chamado a vontade de Deus para o povo de Israel. Como salmista escreveu:

***Deleito-me em fazer a tua vontade,  
ó Deus meu;  
sim, a tua lei(Torá) está dentro  
do meu coração(SI 40.8).***

Em termos gerais, a forma da lei hebraica reflete a forma genérica das leis dos povos do Oriente Médio antigo. Eissfeldt(10) identificou duas formas genéricas de leis do Oriente Médio antigo: as leis categóricas e as leis condicionais. As leis categóricas ou apodícticas, são os mandamentos absolutos e proibições diretas como, por exemplo, não matarás. As leis condicionais ou causuísticas, tratam de casos específicos na vida cotidiana do povo. Exemplos de leis condicionais se encontram em Êxodo 21-23.

A Torá preserva a lei em várias coleções ou códigos. O código mais conhecido é certamente o Decálogo, os Dez Mandamentos. O Decálogo é central à Aliança feita com Israel no Sinai e formou a base legislativa das demais leis. Basta dizer que no decálogo geralmente reconhecemos duas dimensões: a dimensão vertical e a dimensão horizontal.

A dimensão vertical se encontra nos primeiros quatro mandamentos e trata da centralidade de Deus como o único e suficiente Deus de Israel. Foi Ele quem tirou o povo da escravidão no Egito com a finalidade de formar uma aliança com o povo e levar o povo para a terra prometida. Por isso, Ele não tolerava nenhum outro deus no seu lugar como o Salvador de Israel. Os mandamentos cinco a dez tratam da dimensão horizontal do Decálogo e destacam o relacionamento do indivíduo para com o seu próximo e preservam os direitos de outras pessoas. No Decálogo podemos ver que o ser humano tem uma obrigação tanto para com Deus quanto para com seu próximo. No Novo Testamento Jesus deu continuidade a este aspecto da lei quando respondeu à pergunta dos fariseus sobre o grande mandamento. Na sua resposta reduziu a lei judaica a estas duas dimensões: "Amarás ao SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento,... e o segundo, semelhante a este, é: amarás a teu próximo como a ti mesmo"(Mateus 22.37,39).

Depois do Decálogo vem o Livro da Aliança(Êx 20.22-23.33). Em geral as leis do Livro da Aliança têm forma casuística isto é, tratam de casos específicos da vida do povo hebraico. São chamadas de leis condicionais porque muitas são introduzidas pela palavra "se"(ki) que estabelece o elemento condicional. A organização das leis do Livro da Aliança é relacionada a organização do Decálogo. Podemos ver tanto a dimensão vertical quanto a horizontal nestas leis. O código começa e termina com leis relacionadas ao culto de Israel, a dimensão vertical(Êx 20.22; 23.10-19). As leis horizontais tratam de casos relacionados ao tratamento de pessoas e propriedades e casos de imoralidades e dos direitos dos necessitados.

Para a igreja essas leis parecem arcaicas, completamente fora do nosso contexto, e sem nenhuma aplicação prática a Igreja a não ser que seja histórica. Mas, o Livro da Aliança nos traz uma visão de Deus que se preocupa com as infra-estruturas sociais do seu povo. Essas leis visaram a

organização da comunidade israelita de uma maneira justa. As leis procuram manter a dignidade de pessoas, mesmo quando essas pessoas são servas ou escravas(Êx 21.1–6). O direito de possuir propriedade é reconhecido, mas, junto ao direito de possuir há responsabilidade de administrar e usar a propriedade de um modo que não prejudique a sociedade(Êx 21.33–22.15). Há uma notável preocupação com a condição dos estrangeiros, oprimidos e fracos da sociedade(Êx 22.21–24). Então, essas leis dão evidências de que Deus é sensível às necessidades de seu povo e providenciou um modo de proteger a estrutura da sociedade.

A lei hebraica visou a preservação da santidade da comunidade, também. A preservação da santidade é a preocupação do código de santidade que se encontra no livro de Levítico, capítulos 17 a 26. A chave do código de santidade é a frase que é repetida várias vezes no texto: Sereis santos, porque eu, o SENHOR vosso Deus, sou santo. A base a santidade no código é a santidade do próprio Deus. A implicação da santidade no que diz respeito ao povo é a necessidade de separar-se dos costumes dos povos que não adoravam ao SENHOR Deus. O fim da lei da santidade foi proteger o povo de Israel da ameaça do paganismo. Por isso, a lei diz em Levítico 20.22,23: *“Guardarei, pois, todos os meus estatutos e todos os meus preceitos, e os cumprirei; a fim de que a terra, para qual Eu os levo, para nela morardes, não vos vomite. E não andareis nos costumes dos povos que Eu expulso diante de vós; porque eles fizeram todas estas coisas, e eu os abominei”*. A Torá ofereceu aos filhos de Israel um modo de fazer diferença entre costumes saudáveis e costumes abomináveis e assim, manter-se longe do perigo do paganismo. O paganismo é sempre uma ameaça à fé verdadeira e o povo de Deus deve estar sempre alerta a esse perigo. G.E. Wrigth, no seu livro *O Deus que Age*, escreveu sobre a necessidade que a Igreja tem do Antigo Testamento. Sobre a ameaça do paganismo ele disse: *“A igreja que desconhece o Antigo Testamento torna-se presa fácil do paganismo e não pode dar resposta ou esperança ao homem em dilema desesperador”*(11).

O último código das leis na Torá é a lei deuteronomista. O Livro de deuterônimo é muitas vezes confundido com um livro que, meramente, repete a lei anterior em outras palavras. O próprio título sugere isso, pois, Deuterônimo quer dizer “segunda lei”. Mas, uma leitura do livro mostra que esse livro não é simplesmente uma repetição da lei, mas uma *releitura* da lei num contexto diferente. A lei deuteronomista foi dirigida a um povo na véspera da conquista da terra de Canaã. As necessidades desse povo foram específicas e a releitura da lei visou essas necessidades. Neste novo contexto o povo precisava de uma exortação firme e forte contra os perigos de compromisso religioso com os habitantes da terra. Por isso, a lei diz: *Quando o SENHOR Deus tiver entregue [as nações], e as ferires, totalmente as destruirás; não farás com elas pacto algum, nem terá piedade delas... Porque tu és povo santo ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, a fim de lhe seres o seu próprio povo, acima de todos os povos que há sobre a terra* (Dt 7.2,26). As leis de Deuterônimo têm características de exortação à obediência e não simplesmente de orientações religiosas e restrições culturais. Há no livro de Deuterônimo um dinamismo que leva o leitor a entender que as leis de Deus não são estáticas e paradas no tempo mas têm um aspecto dinâmico e vivo. São leis que podem e devem ser re-interpretadas para cada nova geração.

### **Conclusão**

Os aspectos literários da Torá merecem uma análise muito mais completa do que é possível neste breve ensaio. O nosso propósito aqui foi introduzir e destacar alguns elementos literários da Torá, esperando despertar o interesse num estudo mais profundo e completo por parte dos estudantes da Torá. A sua diversidade literária é um testemunho à complexidade da composição da Torá e o seu dinamismo. Mas, sua diversidade literária não pode cobrir sua unidade histórico-teológica. Deus permitiu que sua revelação fosse registrada numa forma escrita diversa e complexa mas que preservou sua natureza e sua vontade para o seu povo.

## **A TEOLOGIA DA TORÁ**

**Dr. Byron Harbin**

### **Introdução**

A Torá é o nome judaico dado aos cinco primeiros livros da Bíblia. Estes livros são fundamentais para todos os outros da Bíblia, inclusive os do Novo Testamento. Contém a história, a orientação moral e as leis primordiais de Israel, sem as quais o povo, sua história, sua religião e sua

existência não fazem nenhum sentido. O cristianismo também não tem nenhuma base firme sem ela, sendo que nasceu dentro do judaísmo.

A Torá é ligada a figura de Moisés, o libertador, profeta, e legislador de Israel. Todavia, por tão importante que seja Moisés à Torá, não é ele o personagem de principal destaque dentro da Torá, mas sim esse personagem é Iavé, o Deus de Israel e o Deus e Pai do Senhor Jesus Cristo. De fato, Iavé é tão importante para o Novo Testamento como é para o Antigo, pois até o nome Jesus (sua forma hebraica é "Josué") significa "a salvação de Iavé" (12). Quer dizer que Iavé veio em Jesus para a salvação de seu povo de seus pecados. O único Deus verdadeiro se fazia conhecer aos heróis da Bíblia, e o registro inspirado daquela história primitiva de salvação é encontrada na Torá.

Teologia tem que ver com o estudo de Deus em suas relações com o mundo que criou. Quais são as apresentações principais dessa teologia que se encontra na Torá? Confesso que seja quase impossível uma delimitação adequada diante da revelação da Torá.

### 1. Uma definição de Torá

Torá vem do verbo **iaarah** cujos sentidos básicos são lançar (Js 18.6; Êx 15.4) e atirar (Êx 19.13; I Sm 20.36). Mas no seu uso causativo (13) o verbo significa aponta com o dedo ou gesticular com a mão, como faz quem ensina os outros, e assim chega a significar ensinar (Gênesis 46.28; Êx 35.34; Pv 4.4; I Sm 12.23; Dt 33.10; 17.10,11). Desta maneira, a palavra significa "mostrar o caminho", ou "ensinar" (14). Torá, então, é instrução (15), e no contexto de instrução baseada na revelação de Deus é **instrução normativa** ou **direção normativa**. Pode levar o sentido de lei, mas a Lei como nome pelos primeiros cinco livros da Bíblia deve ser entendida em sentido amplo ao invés de mandamentos e legislação obrigatória.

A seguinte ilustração é encontrada em Dt 1.5 "(...) Moisés se pôs a explicar esta lei (torá)". "Esta lei" refere-se ao material que segue no texto, o qual inclui um resumo da história do povo desde o Monte Sinai até sua chegada as planícies de Moabe e uma série de exortações antes de abordar os mandamentos e material jurídico ligado à aliança feita por Deus com o povo. De modo semelhante, o próprio Pentateuco contém muitas narrativas históricas e trechos poéticos tanto quanto trechos de legislação. Portanto, o título Torá leva um sentido abrangente que é melhor descrito pela frase "orientação normativa".

Outra qualificação de Torá que deve ser reconhecida trata dela como pertencente ao contexto da aliança, **berit** (Êx 19.5,6; 24.4,7,8; Dt 5.1,2). A aliança é um acordo solene entre duas partes que marca o início de um novo relacionamento entre elas. A relação sempre conta com condições e compromissos, como ilustrados, por exemplo, no casamento de um homem e uma mulher. A aliança antecedeu a lei, e a lei foi dada somente à nação que tinha entrado na aliança com Deus. As estipulações da aliança constituem o conteúdo da lei e espelham as regras da nova relação. A quebra de um é a quebra do outro, porque são intimamente ligadas (16). A lei, entendida sob este prisma, é resguardada até certo ponto de uma interpretação meramente legalista. A aliança foi estabelecida com a nação, cedendo cada um a responsabilidade de entrar de coração na nova relação com Deus. A própria Torá, entretanto, indica que muitos não se aproveitam de seu privilégio (Dt 29. 10-13; 30. 6-10).

Com esta discussão no sentido da Torá, acabamos definindo um dos aspectos principais da teologia registrada nela. Podemos proceder, à luz disto, para apontar alguns aspectos fundamentais dos ensinamentos da Torá a respeito de Deus e sua relação com o mundo.

### 2. Iavé é o Deus Vivo

"(...) quem há de toda a carne, que tenha ouvido a voz do Deus **vivente** a falar do meio do fogo, como nós a ouvimos...?" indagou Moisés (Dt 5.26). Este conceito do Deus vivo recebeu enlevo especial num meio ambiente caracterizado pela abundância de deuses representado por imagens esculpidas. Iavé foi considerado vivo por causa de seus feitos na vida de Israel. Dentro do contexto de Iavé planejar em fazer Israel atravessar o Jordão a pé enxuto, Josué afirmou o seguinte ao povo: "(...) Nisto conhecereis que o Deus **vivo** está no meio de vós, e que certamente expulsará de diante de vós os cananeus..." (Js 3.9,10). Teria sido quase impossível não conceitualizar Iavé como após as intervenções dele no Egito por meio das dez pragas. Os egípcios conceberam os seus deuses como vivos, pois adoravam o sol, os animais, o rio Nilo e o próprio Faraó, mas chegaram a

entender que Iavé era vivo numa dimensão muito superior(17).

Moisés salientou, entretanto, que o Deus vivo é invisível aos olhos do seu povo, mesmo quando fez a sua aliança com eles: "(...) porque não vistes forma alguma no dia em que o Senhor vosso Deus, em Horebe, falou convosco do meio do fogo; para que não vos corrompais, fazendo para vós alguma imagem esculpida, na forma de qualquer figura(...)"(Dt 2.15,16). De outro lado, ele se manifestava provisoriamente aos olhos humanos sob a forma de homem, anjo, sarça ardente, fogo, escuridão e nuvem(Gênesis 18.2,10,22; 19.1; Êx 3.2; 13.21; 34.5). No jardim do Éden, Deus tomou como meio de manifestação o vento da tardinha(Gênesis 3.8). Todos estes trechos implicitamente formam a base embrionária de revelação posterior de que Deus é espírito(Is 31.3; João 4.24).

### **3. Iavé é o Deus que Age**

Ele se mostra vivo tanto na experiência individual dos homens de fé como Moisés como nos formativos eventos históricos do povo. Por esta razão, a Torá, em conjunto com o AT todo, focaliza os atos, ou feitos de Iavé, dando proeminência àquele do livramento da escravidão egípcia(Êx 3.8; 15.1-13; Sl 103.7; Sl 106.7-10; Êx 12.12; 32.4; Dt 5.26; 7.8; I Rs 18.22-24). Ele é o Senhor da história humana, o Deus que age tanto por atos de salvação como por atos de juízos para outros, em dependência da relação com ele ser reta ou deturpada.

### **4. Iavé é o Deus que Cria**

A Torá apresenta Deus pela primeira vez por afirmar, "No princípio criou Deus os céus e a terra", isto é, criou o universo no seu aspecto material(Gênesis 1.1). Logo indica que Ele criou também a vida animal(Gênesis 1.21). Chega ao seu enfoque por definir que Ele "(...) criou o homem à sua imagem:(...) macho e fêmea os criou"(Gênesis 1.27). Por abençoá-los dizendo: "frutificai-vos e multiplicai-vos", Deus implicou na participação contínua dele na criação da espécie.

A primeira unidade no relato da criação(1.1-2.4a) indica o Criador pelo nome genérico, Deus, **Elohim**. Mas a segunda unidade(2.4b-3.24) faz uma identificação mais específica, em face de trechos de época do próprio Moisés como Êx 6.3-7, onde Deus se identificou a Moisés pelo nome Iavé, afirmando, "(...) eu sou Iavé;(...) Eu vos tornei por meu povo e serei vosso Deus". Pelo nome composto de Iavé Deus, introduzido pela primeira vez em Gênesis 2.4b e usado na maior parte das vezes até o fim da unidade, o autor identifica o criador como sendo o Deus de Israel. De fato, é bem provável que o sentido do nome de Iavé seja "Ele Que Cria"(18). Desta maneira, o Deus da Criação é bem identificado e não é um deus qualquer.

A Torá ensina que a raça humana, as fêmeas tanto quanto os machos, têm sua origem no ato criador de Deus(Gênesis 1.27). A respeito do papel que as causas secundárias podem ter tido no início como reconhecidamente têm na criação contínua da raça: os pais geram os filhos por razão da bênção eficaz do Criador. Neste retrato interpretativo da criação, Deus é que tem o papel essencial e predominante.

O homem não é, portanto, um mero acidente cósmico, um triste enigma, um ser de dimensões unicamente materialista, animalesca ou instintiva, e sim de grande dignidade por ser, unicamente entre todas criaturas, semelhante a Deus. Embora um segundo retrato apresente o homem como um ser fraco por pertencer ao pó da terra(Gênesis 2.7), ele, por ser semelhante a Deus(1.27), é valorizado por Deus, mesmo em face de seu pecado contra seu Criador, no sentido de ser objeto do propósito redentor de Deus(Gênesis 3.15). A chamada de Israel para ser "um reino sacerdotal" em meio aos povos(Êx 19.6) encontra sua relevância somente diante deste fundo da criação do homem.

A torá fala em colocação genérica do homem ser criado à imagem de Deus(1.27; cf. Gênesis 5.1,2). É genérica porque afirma, "(...) macho e fêmea os criou". O grande erro é que vezes demais a questão é debatida em torno da imagem ser algo dentro do homem. Isto fere a linguagem do texto, pois ele fala que "Deus criou o homem à sua imagem", não que criou nele uma imagem de si mesmo. É o homem que é a imagem de Deus no mundo. Parece que o termo moderno personalidade seja indicado. O homem é uma personalidade semelhante à personalidade que Deus é. É exatamente isto que Hebreus fala em relação ao Filho: "Sendo Ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu Ser"(2.3). Não é que o Filho é igual ao Pai em seu aspecto físico. Mas em sua personalidade, que neste caso inclui seu caráter, ele é a expressão fiel e

material do ser espiritual de Deus. O homem criado à imagem de Deus não foi igual a Deus, mas semelhante a Deus(Gênesis 1.26; 5.1). O contexto mostra-o como capaz de comungar com Deus, aceitar responsabilidade pelo resto da criação e fazer opções quanto ao bem e ao mal. Deus é perfeição absoluta, enquanto o homem é perfeição em potencial.

### 5. Iavé é o Deus que é um Só

Por revelar-se como vivo, atuante, criador e Senhor da história, Iavé se mostrou como incomparável em relação a todos os outros deuses do mundo antigo. O Baal de Canaã, por exemplo, era muitos, pois em cada localidade ele foi conhecido por nome regional e em termos de uma imagem específica localizada lá. Iavé, por outro lado, exercia sua autoridade em todas as regiões e isto invisivelmente sem imagens representativas, e assim, se revelou de ser o único em sua categoria. Por demonstrar sua autoridade sobre os deuses falsos, as forças da natureza, os poderosos reis e os eventos históricos, Iavé foi concebido como incomparável em todas as terras e circunstâncias experimentadas pelos heróis da fé. Foi só mais um passo para concluir, ao contrário dos deuses egípcios e cananeus, ele foi só e único em relação às outras divindades. Assim, Moisés o definiu da seguinte maneira: "Iavé é o nosso Deus; Iavé é um"(Dt6.4). Por razão de tanta idolatria e em face da experiência salvadora consistente do povo pela mão de Iavé, havia urgência em ensinar que Deus é um. O tempo de ensinar as distinções pessoais dentro do seu ser único chegaria posteriormente, num tempo propício à necessidade de tal revelação.

### 6. Iavé é o Deus Ético

Abrão reconheceu o seu Deus, Iavé, no "Deus Altíssimo, o Criador dos céus e da terra"(Gênesis 14.19), de Melquisedeque, rei de Salém(14.22). Deus tinha chamado Abrão desde Ur dos Caldeus(11.31; 12.1) e tinha feito uma aliança com ele e sua descendência(15.18; 17.7-10), mudando-lhe o nome para Abraão(17.4-5). Foi este Abraão que, ao saber da iminente destruição divina sobre as pecaminosas cidades de Sodoma e Gomorra, fez intercessão a Deus em prol dos "justos" delas(18.20-23). Ele apelou para a justiça de Deus ao dizer, "Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio, **de modo que seja o justo como o ímpio(...)** Não **fará justiça o Juiz** de toda a terra?"(18.25). Sem dúvida, Abraão revela assim o seu conceito do caráter ético de Deus.

Israel recebeu a aliança de Deus, as diretrizes da qual são resumidas nos Dez Mandamentos, que são exigências éticas de um Deus ético(Êx 20; Dt 5). Algum tempo depois, Moisés recebeu uma revelação mais profunda ainda do sentido ético do nome de Deus: "Iavé, Iavé, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em beneficência com milhares; que perdoa iniquidade, transgressão e pecado; que de maneira alguma terá por inocente o culpado; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos..."(Êx 34.6,7). Perto do fim de sua carreira Moisés celebrou Iavé, o Deus de Israel, como sendo de caráter ético: "... proclamarei o nome de Iavé; engrandecerei o nosso Deus. Ele é a rocha; suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos; Deus é fiel e sem iniquidade; **justo e reto** é Ele"(Dt 32.3-4).

Este aspecto do caráter do Deus da Bíblia é distinto em comparação com todos os outros deuses. Entre todos os deuses que o mundo tem conhecido, unicamente Iavé é de caráter ético: Ele é justo(Dt 32.3-4; Is 45.21-24), e isto se faz com que o universo seja ético, a dizer, que as leis do bem e do mal e das suas respectivas conseqüências fazem parte **intrínseca** do próprio universo e da vida do homem. A maior satisfação do homem provém do bem, não do mal. Porque Deus é justo, há justiça no universo e haverá um juízo final para todos os homens. Este aspecto de Deus é também o fundamento do plano de salvação pelo qual Deus, sendo justo, justifica o pecador arrependido pela fé no Salvador.

### 7. Iavé é Rei

Embora não seja indicado na Torá quando o conceito de rei e reino surgiram na história, é claro que desde Abraão o povo da Torá tinha conhecimento de tal realidade(Gênesis 14). Tem sido provado que a forma estilística e a linguagem empregadas na narrativa sobre a instituição da aliança com Israel(Êx 20-24), tem seu pano de fundo nos tratados entre o grade rei e o rei vassalo. O conceito de reino de Deus entre os israelitas teve sua origem em conjunto com a aliança feita com Israel em Monte Sinai(19). John Bright afirmou: "A aliança significava a aceitação por Israel da soberania de Iavé, e foi justamente aqui que começou a noção do domínio de Deus, tão central ao



pensamento de ambos os Testamentos”(20). Êxodo 24.9-13 retrata a manifestação da corte celestial do Rei Iavé. Sendo o Criador e o Remidor de Israel, Iavé tinha todo o direito a se mostrar como o seu rei(Êx 20.1-2).

Uma vez levando em conta estes fatos, estamos em condições para perceber que certos outros trechos da Torá impliquem na cena da corte celestial do rei Iavé(Gênesis 1.26; 11.5; 18.21; 28.12-13; Êx 3.8; 19.6). Estas colocações certamente combinam com as visões de Iavé como rei proveniente da época de Moisés. Condizente com isto, Iavé, ao estabelecer Israel como seu reino salvífico na terra, instituiu uma nova relação como povo, aquela aliança.

Ao escolher os patriarcas e seus descendentes, Iavé visava estabelecer o seu domínio salvífico sobre eles e através deles sobre os povos da terra(Gênesis 12.3; Êx 19.6; Dt 76). As palavras de Deus a Abraão servem para resumir o propósito benéfico e salvífico do Rei Iavé com este povo em prol de todos os povos: “Eu farei de ti uma grande nação; abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e, tu, sê uma bênção(...) e, em ti serão benditas todas as famílias da terra”(Gênesis 12.2-3).

### **Conclusão**

Diante desta apresentação, parece que o conceito teológico dominante na Torá seja o do reino de Deus. Todos os outros sugeridos pelos estudiosos como a Lei, a promessa, a história da salvação e a aliança se mostram decorrentes do papel de Iavé como rei que estabeleceu seu reino benéfico e redentor sobre Israel e sobre a terra.

### **Notas Bibliográficas:**

- (1) HARBIN, Lonnie Byron. “O Cânone do Antigo Testamento” artigo não publicado pg.1.
- (2) ARCHER. pg.70
- (3) Outros dizem o século 15 antes de Cristo. Segundo os atuais argumentos, o êxodo teria acontecido em cerca de 1280 antes de Cristo, a data tradicional sendo 1445 antes de Cristo. Outros dizem que foi em cerca de 1320 antes de Cristo.
- (4) Introduções aos livros da Torah feitas pelo rabino Meir Matzliah Melamed e publicada na Torah editada em 1962 pelo Templo Israelita Brasileiro.São Paulo. Tanakh: The Holy Scriptures,( Filadelfia: The Jewish Publication Society, 1988).
- (5) Um exemplo do trabalho de Gunkel se encontra em What Remains of the Old Testament and Other Essays, tradução de AK. Dallas(New York: Mac millan, 1928).
- (6) Otto Eissfeldt, The Old Testament: An Introduction, tradução de Peter J. Ackroyd(New York: Harper and Row, 1976).
- (7) Veja o ensaio de G.E. Wrigth, O Deus que Age, tradução de Sumio Takatso,(São Paulo -ASTE, 1967) para entender a importância da recitação à fé em Israel.
- (8) Eissfeldt reconheceu dois tipos gerais de narrativas-históricas e poéticas. Dentro dessas categorias gerais ele identificou subcategorias como, por exemplo, mitos, lendas, relatórios, histórias populares, e autobiografias. Porque a nossa análise procede de pressuposições diferentes, escolheremos outras categorias. Veja Eissfeldt, op.cit., pp.32-56
- (9) Eissfeldt, op. Cit., pp.27,28
- (10) Wrigth. op.cit.,p.28.
- (11) Aliás, “salvação de Iah”, a forma abreviada do nome Iavé.
- (12) O verbo hebraico bíblico tem vários graus ou aspectos pelos quais ele qualifica a ação que indica, que seja simples, intensa, causativa ou reflexiva.
- (13) “The Hebrew word Torah means ‘to show the way’, or, ‘to teach’. It is in this sense that the word is used throughout the Hebrew Bible, where it can refer to teaching from God, moral instruction given by people, or to specif written law as stated in the books of Moses”. Torah in Compton’s Interactive Encyclopedia. CD-Rom, Comptons NewMedia, Inc.1994.s/p.
- (14) KIRST, Nelson et al. Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português. São Leopoldo: Sinodal, 1988.p.265.
- (15) HARTLEY, John E. “Torah” In: Theological wordbook of the Old Testament. Chicago: Moody Press, 1980.v 1.p.404
- (16) Cf. I Sm 17.26; II Rs e Sl 42.2
- (17) “Moses”, In: Comptons Interative Encyclopedia. CD-Rom, Comptons NewMedia, Inc.1994.s/p. O nome provém do grau causativo do verbo ser, e assim leva a idéia de “Ele que causa a ser, ou acontecer, ou existir”, o que é quase equivalente a “Ele Que Cria”.
- (18) EICHRODT, Walther. Theology of the Old Testament. Philadelphia: Westminster, 1961.v 1, p.40.

(19) BRIGHT, John. História de Israel. São Paulo. Paulinas, 1981, p.197

(20) vem da raiz yalad, gerar, dar à luz.

**AT2 AT3 AT4 AT5 AT6 NT1 NT2 NT3 NT4 NT5**

## **Pastoreio Virtual Parábola Discipulado Perspectivas**

### **ANTIGO TESTAMENTO II**

Através deste módulo você poderá fazer um estudo do conteúdo e contexto histórico-cultural dos livros do Pentateuco do Antigo Testamento. O leitor entende o conteúdo e o contexto historicocultural

dos livros do Pentateuco e históricos do Antigo Testamento e a relevância de seus ensinamentos para os nossos dias.

#### **Unidade 1 – O Livro de Gênesis**

O leitor entende o conteúdo e o contexto histórico-cultural deste livro e a relevância de seus ensinamentos para os nossos dias. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Descrever o contexto histórico-cultural e os principais temas e ensinamentos deste livro, bem como a relevância de tais ensinamentos para os dias atuais.

#### **Unidade 2 – Os Livros de Êxodo e Levítico**

O leitor entende o conteúdo e contexto histórico-cultural destes livros e a relevância dos seus ensinamentos para os nossos dias. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Descrever o contexto histórico-cultural e os principais temas e ensinamentos de cada um destes livros, bem como a relevância de seus ensinamentos para os dias atuais.

#### **Unidade 3 – Os Livros de Números e Deuteronômio**

O leitor entende o conteúdo e contexto histórico-cultural destes livros e a relevância dos seus ensinamentos para os nossos dias. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Descrever o contexto histórico-cultural e os principais temas e ensinamentos de cada um destes livros, bem como a relevância de seus ensinamentos para os dias atuais.

### **O LIVRO DE GÊNESIS**

#### **1. Seu Título**

1. "Gênesis" significa origem, princípio ou começo, e como nome provém da palavra genesis na Septuaginta. A Septuaginta tirou o nome de tol-edôth(1)(gerados, produzidos, gerações) em 2.4.
2. "No princípio" = Bere' shith(2) em 1.1 é o nome usado pelos judeus.

#### **2. Sua estrutura**

1. O seu arranjo foi feito sob o cabeçalho tol-edoth, traduzido como "são estas as gerações de". A palavra ocorre onze vezes no livro traduzida variavelmente: 2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10; 11.27; 25.12; 25.19; 36.1; 36.9; 37.2. É um divisor de conteúdos e de assuntos nas seções do livro de Gênesis. Isto refere-se a divisão editorial do livro de Gênesis e é uma boa dica para compormos um esboço do livro.
2. Falamos do arranjo final do livro que mostra seções que teriam existido separadamente, em forma oral ou escrita, antes que o livro atingisse sua forma final.

#### **3. Seu esboço**

1. Os começos primordiais(1-11).
2. Os começos patriarcais(12-36).
3. Os começos do povo de Israel(37-50).

#### **4. Seu Tema**

Os começos do povo da aliança(Gênesis 17.7,8; 50.24; Ex 2.24; 19.5,6). Gênesis tem de ser visto como parte da Lei de Moisés, isto é, do pentateuco. Foi originalmente escrito para o povo de Israel, como a introdução à Lei, a fim de explicar a origem do povo que tinha sido eleito por Iavé, salvo do Egito e feito recipiente da aliança mosaica. Gênesis revela como o povo da aliança chegou a existir e a viver no Egito. Mostra também a razão porque tornou-se povo de Deus e porque recebeu a aliança de Deus. Sem saber os temas desenvolvidos em Gênesis, os eventos do êxodo e da instituição da aliança não teriam sido entendidos pelo povo de Israel naquela época. À parte de Gênesis, o pentateuco não faria sentido porque faltaria base histórica e teológica.

#### **5. Sua mensagem**

O livro focaliza os começos do povo israelita(12-50) em face de um pano de fundo que retrata as origens do mundo, da humanidade, do problema fundamental humano(o pecado) que formou a

base do propósito de Deus com Israel (os capítulos 1–11). Israel em termos de seus ancestrais, os patriarcas, é apresentado como surgido das nações pela eleição de Deus de uma maneira que mostra o fato de Deus ter finalidade universal com este seu povo (12.1–3).

## 6. Sua importância

A história apresentada em Gênesis torna-se a base da história da salvação desenrolada no restante da Bíblia, e os seus temas se mostram os conceitos fundamentais nos outros livros da Bíblia. Se não fosse pelo livro de Gênesis, não teríamos fundamento algum para os conceitos centrais ao restante da Bíblia como a criação, o homem, o pecado, a razão do plano de salvação e a escolha divina do povo de Israel.

## 7. Um esboço ampliado(3)

### I – OS COMEÇOS PRIMORDIAIS(1–11)

#### A – A Criação e Suas Conseqüências(1.1–3.24).

1. É Apresentada Por Dois Retratos Complementares(1.1–3.24). O relato, uma vez analisado da perspectiva literária, se mostra como contendo duas unidades maiores de pensamento: A primeira unidade se compõe de Gênesis 1.1 a 2.4 a, terminando da seguinte maneira: "... eis as origens dos céus e da terra, quando foram criados", na versão revisada da IBB. Uma leitura criteriosa confirmará tais indicadores de uma unidade como início, progressão, e ponto culminante de narração; a diversidade no nome de Deus empregado nas duas; a descrição dos atos criadores em 1.1; 1.21; e 1.27 como acompanhada do uso distinto da palavra "criou" em contraste com uma linguagem diferente na segunda; o descanso de Deus no sétimo dia, havendo terminado a obra criadora no sexto dia em contraste com a continuidade dada na segunda.

A segunda unidade se compõe de 2.4b a 3.24, iniciando-se com "No dia em que O Senhor Deus fez a terra e os céus, não havia ainda nenhuma planta do campo na terra..." A sua extensão vai até a expulsão do homem do jardim. Os seguintes fatores indicam que se trata duma segunda unidade, que forma uma descrição complementar da Criação: a seqüência "a terra e os céus" se mostra invertida em contraste com 1.1; a terra como feita(2.4b) não conta com a erva do campo(cf. 1.1–12), nem homem(2.5); não se usa nenhuma vez a palavra "criou", e, sim, as palavras "fez"(2.4b; 2.9) e "formou"(2.7); antes de fazer os animais(2.19), Deus formou o homem(2.7), sendo que a fêmea foi feita(2.21–22) algum tempo depois de Deus ter feito os animais; a colocação referente ao homem mostra dois indivíduos, Adão e Eva, enquanto em 1.27 a colocação é genérica, o Adão(homem, cf.5.2), "eles" sendo criado macho e fêmea; o nome de Deus empregado em toda esta extensão é sempre "o Senhor Deus", qual nome nunca acontece na unidade anterior. O inspirado editor, ou autor, simplesmente fez uso de duas narrativas em uso na época, unindo-as para formar uma só narrativa.

#### 2. Características Estilísticas dos Dois Retratos.

a) O Retrato global e elevado(1.1–2.4 a) – É identificado pela alta crítica como pertencente a fonte P. Antes de fazer parte de Gênesis na sua forma final, constava de um extrato da tradição que no seu aspecto essencial remontava à antigüidade remota. Essa tradição teria sido colecionada e preservada pelos sacerdotes, existindo originalmente em forma oral mas posteriormente colocada na escrita.

A primeira unidade tem enfoque global, apresentando em detalhes tudo dentro dos céus e a terra. Focaliza principalmente o ser humano pela sua maneira de detalhar tudo feito antes dele a fim de preparar um ambiente adequado por ele e assim indicar que todo o resto tinha sido criado para ele. A linguagem encontrada em 1.6–27 é genérica e não individual. Semelhante é a afirmação em 5.2, é o Adão(4), o ser humano, que foi criado por Deus. Esse homem é de dois sexos, ele é macho e fêmea. No capítulo dois seremos apresentados aos dois indivíduos Adão e Eva, mas no capítulo um encontramos o ser humano criado à imagem de Deus!

b) O Retrato restrito e popular(2.4b–3.24) é identificado pela alta crítica como pertencente a fonte J, extrato da tradição preservada em Judá, originalmente existente em forma oral e posteriormente colocada em escrita, desde à altura do reinado de Davi quando a literatura sagrada nacional recebeu um grande impulso. O documento teria sido influenciado tanto pelos profetas como pelos sacerdotes, os dois grupos interessados na preservação do material patriarcal e mosaico. Esta unidade tem enfoque estreito e individual, chegando logo a introduzir o Adão, que foi formado do material da terra e feito ser vivente pelo sopro divino(2.7). Leva até 2.18 para ter certeza que ele é

um só ser, um macho que está sozinho. Mas esse casal é mais do que dois indivíduos, pois seus nomes simbólicos indicam que também representam todos os homens e mulheres. "Adão" significa homem ou ser humano, sendo por implícito um macho, um gerador. "Eva" significa mãe dos viventes(geradora dos seres humanos).

O mundo do casal é pequeno, um jardim, um paraíso, sendo que havia um mundo maior lá fora, mas desconhecido deles. Deus plantou o jardim no Éden – na planície, lugar agradável – enquanto o restante da terra seca estava árida(2.5-6), sendo regada a terra somente por um vapor(ou enchente) que subia da terra, aparentemente por razão da porção seca estar envolta pelas águas do abismo. Logo o casal acordou do engano sutil de um tentador, que por agir disfarçadamente através da serpente, fez com que eles tivessem condições para entender a seriedade e a maior importância do aspecto ético desta vida.

A glória da segunda unidade está no seu retrato do aspecto ético dos homens. Os homens, embora igualmente formados da terra junto com os animais, são muito superiores a estes, pois seu aspecto ético em relação a Deus leva a conseqüências de vida ou morte!

Assim as duas unidades formam uma só narrativa que frisa Deus como Criador tanto da espécie humana como dos indivíduos, cujas subseqüentes experiências, diante de Deus, com a prova moral(a árvore do conhecimento do bem e do mal) e com a sua expulsão do jardim(com sua árvore da vida) podem representar algo semelhante encarado por todos os descendentes da raça(Romanos 5.19; 7.7-11). O documento final de Gênesis teria sido feito durante o exílio babilônico quando os sacerdotes procuraram colocar em dia as bases escritas da religião e do povo da aliança. Os esforços de Esdras quanto à Lei refletem algo desta ênfase sacerdotal(Es 7.6; Ne 8.2-9; a obra de Esdras é datada em 428 ou 458 antes de Cristo). Por sua vez, Esdras trouxe consigo a Lei já formulada na escrita.

### 3. O Gênero Literário de 1.1 –3.24.

Desde a descoberta de exemplos da literatura do mundo antigo habitado pelos povos vizinhos de Israel, tem havido comparações feitas entre a literatura do Antigo Testamento e aquela dos vizinhos. O objetivo é chegar a uma interpretação certa de trechos bíblicos, o que tem de envolver diferentes modos de falar e escrever e o sentido de cada um deles. Os estudiosos têm debatido a natureza literária deste relato da Criação, sendo que há uma variedade de opiniões quanto ao tipo que o relato represente. As principais teses são as seguintes:

a) Mito. O relato é um conto imaginário baseado neste gênero literário-religioso tão evidente entre os povos do antigo oriente médio. Todavia, a maioria atual tem admitido que o termo mito é inadequado para descrever esta narrativa, porque embora participando dos motivos de mito e refletindo algo da sua linguagem, a narrativa é sui generis diante do conceito de Deus e do mundo segundo o seu autor inspirado. Que o relato foi influenciado pela linguagem dos antigos mitos é uma conclusão inevitável, uma vez feita uma comparação séria com a antiga literatura mitológica. Talvez seja melhor dizer que hoje em dia os seguidores dessa postura olhariam o relato como sendo um antigo mito retocado. Os processos de revelação e da inspiração divinas conseguiram com que o relato seja verdade inspirada, purificada de conceitos puramente mitológicos. Deus, através do relato, se revela como criador e ensina a respeito de quem é Ele, quem é o homem, a queda do homem e o início da história da salvação desenrolada no restante da Bíblia.

b) Simbolismo. O relato apresenta a verdade divina através de uma linguagem de símbolos. É uma narrativa simbólica que participa da natureza de parábola(Alan Richardson). A tese faz com que o relato seja quase igual a uma alegoria sem valor histórico, no sentido de algo que, na sua essência, realmente houve.

c) Sumário Pictórico. Segundo esta tese, o relato, empregando uma linguagem simples e ilustrativa, apresenta a criação como revelada ao primeiro homem, de forma pictórica e resumida. Há uma possível correspondência com a ciência moderna, mas deve-se empregar muita cautela perante o fato do desenvolvimento constante da ciência(Strong).

d) Drama Religioso. Uma tese em que a palavra drama indica atividade como o interesse supremo do autor inspirado, não importando muito em revelar detalhes(R.K. Harrison, p.454).

e) Salmo ou Hino. Aplicada principalmente a unidade composta de 1.1-2.4 a, a tese entende que originalmente fosse um hino usado para celebrar Deus e sua criação nos cultos em Israel, e assim não pode ser tomada como narrativa mas poesia(Dale Moody). Seria impossível pensar na

segunda unidade de modo semelhante.

f) História. O trecho é um relato histórico que revela o que realmente houve. Mas há vários entendimentos de "houve".

1. História Literal. É uma narrativa histórica baseada na revelação de Deus ao primeiro homem(Keil).

2. Hiper-literal. Esta tese afirma que é literal, mas não pode haver comparação com a geologia moderna, seno que as eras geológicas teriam acontecido num suposto período vasto de tempo que caberia entre os versículos 1 e 2. O trecho assim entendido só relata o aperfeiçoamento ou a recriação, em seis dias do mundo estragado pelo juízo de Deus sobre a raça pré-adâmica junto com Lúcifer e os anjos caídos(Henry M. Morris).

3. Hiper-científico. Uma variação da tese segunda a qual seja possível encontrar na narrativa uma correspondência precisa com a visão da ciência moderna(Harry Rimmer).

4. A Questão de Literal ou Figurada.

Faça um esforço nas duas maneiras e verifique os resultados. O problema é literário e não teológico. Note que Jesus muitas vezes usava maneiras diferentes de falar. "...se o sal se tornar insípido, com que se há de lhe restaurar-lhe o sabor?"(Mt 5.13) certamente tem sido uma fala literal. Mas "vós sois o sal da terra"(Mt 5.13) tem sentido figurado. Como diz Francisco, ele nem sempre "...pretendia ser entendido literalmente, e sim, ser levado a sério"(6).

Por exemplo, há mais sentido teológico em pensar na árvore do conhecimento do bem e do mal como árvore em si com fruto já desaparecido da terra do que pensar nela como prova ética? O registro da criação faz mais sentido levado como tratado científico moderno do que como relato teológico? Há mais proveito teológico de pensar num Adão histórico literal que pecou e foi castigado ou num Adão real mas representativo de todos os homens quanto à sua experiência com o mal e sua desobediência a Deus? É mais proveitoso insistir, na base das cronologias do pentateuco, numa data de 4004 a.C. para a criação do que tentar entender a revelação quanto à criação em face dos dados reais resultantes da ciência moderna? Qual o proveito em tomar ao pé da letra a descrição de Deus como "...que passeava no jardim à tardinha"?

Certamente, deve-se observar as dicas em outros trechos da Bíblia quanto à nossa interpretação, e deve-se levar a sério a mensagem do trecho. Qualquer interpretação que servir para diminuir a verdade e a autoridade religiosa do trecho deve ser repensada.

5. Alguns Ensinos Importantes do Relato da Criação.

a. O Deus único, poderoso e bom é o Criador(1.1; 1.21; 1.27; 1.31).

b. O Criador é Iavé, o Deus que escolheu Israel(2.4b; 2.7; 2.9; 2.18; 2.22).

c. Houve criação e desenvolvimento do que foi criado(1.1,2-5, 6-8, 9-10, 11-19; 1.20-21, 22-23, 24-25; 1.26-27, 28-31).

d. Houve progressão em criar e desenvolver as coisas elementares do mundo até que tudo estava pronto para o homem ser criado(1.1-25; 1.26-30).

e. O homem é ser material, animal, espiritual, inteligente, ético, de vontade própria, de dois sexos complementares, capaz de se relacionar com Deus e administrador de Deus no mundo.

Unicamente ele entre as criaturas foi feito à imagem de Deus.

f. Em seu estado original tudo "era muito bom"(1.31).

g. O macho e a fêmea foram feitos à imagem de Deus(1.27).

h. O homem é o administrador de Deus sobre a terra(1.26,28; 2.19-20).

i. O trabalho faz parte do plano de Deus para os homens(2.15).

j. O sexo em si não é pecaminoso(1.27,28).

l. O casamento monógamo é o plano do Criador(2.24,25).

m. A glória do homem não é a sua inteligência em si, mas seu aspecto ético diante de Deus(2.16,17; cap 3 em face de 1.26,27).

n. Tentação é uma realidade humana(3.1) mas não é pecado(3.6).

o. O pecado é essencialmente desconfiança e rebelião contra Deus(3.6,11).

p. O pecado traz conseqüências dolorosas(3.10-19).

q. A raça foi afastada do livre acesso à árvore da vida, que representa a vida eterna.

r. Deus proporciona esperança ao homem caído e culpado(3.15).

B - A Descendência Hábil mas pecaminosa de Caim(4.1-26; J).

C – Os Patriarcas Antediluvianos(5.1–32; P).

1. Sete e seus descendentes eram adoradores de Deus(5.3,22,24,29).

2. Embora houvesse longevidade, a morte impressionava(5.5,8,27).

D – O Grande Dilúvio Mandado por Deus(6.1–9.29; J e P).

1. Foi um Juízo em face da progressiva corrupção da raça(6.5,11,13,17).

2. Deus começou de novo com Noé e seus filhos, descendentes de Sete(5.32; 6.8,9,18).

3. O dilúvio durou um total de 371 dias até a terra secar de novo.

a. cresceram as águas durante 40 dias(7.17)

b. predominaram as águas durante mais de 110 dias(8.3).

c. baixaram até a terra secar durante 221 dias(8.4–14).

4. Deus fez uma aliança universal com Noé(8.21; 9.11–17).

E – Os Descendentes de Noé(10.1–32; J e P)

O capítulo mostra como o antigo mundo pós-diluviano foi povoado pelas três famílias dos

descendentes de Noé, 10.2 e 10.2–5; 10.6–20(v.15–18); 10.21–32(v.21,24,25,32).

F – A Torre de Babel(11.1–9; cf. 10.25).

1. Segundo a implicação de 10.25 teria acontecido nos dias de Pelegue. “Porquanto em seus dias se repartiu a terra”; ele era da quinta geração de Noé.

2. Explica-se a dispersão dos pós-diluvianos sobre a terra e também o fato das línguas variadas dos povos(11.9).

3. Logo após o Dilúvio, que foi o Juízo sobre o pecado, os homens começaram a pensar em fazer o seu próprio caminho para o céu, simbolizado pela torre.

4. Possivelmente as zigurates babilônicas ilustrem este texto; eram montes artificiais construídos na planície com lugar alto para um deus pagão. Havia um santuário pagão no cume. Foram de origem sumeriana(terceiro milênio antes de Cristo).

G – Os Antepassados de Abraão(11.10–32).

1. É lista genealógica, entrelaçada com narrações curtas.

2. Liga Abraão com Sem, de quem provém os semitas(v.10).

3. Liga Abraão a Heber, de quem provém os hebreus(v.14).

4. Mostra-nos, também, o fundo histórico imediato de Abraão, o herói dos capítulos seguintes(v.26–32).

II – OS COMEÇOS PATRIARCAIS(12–36)

A – A Escolha de Abraão(12–23)

1. A sua chamada foi acompanhada de certas promessas feitas por Deus, sendo as seguintes as três mais importantes delas(12.1–3; cf. At 7.2,3; Hb 11.8). Essas são frisadas de modo especial no restante do Gênesis e são básicas para o entendimento do restante do Antigo Testamento.

a. Dar-lhe a terra(12.1,7). A secção de 12.4 a 14.24 salienta a confirmação de sua fé nesta promessa(13.12; 14.6,17,18,19,21).

b. Dele fazer uma grande nação(12.3). A secção de 15.1 a 17.27 salienta a confirmação de sua fé nesta promessa(15.2,4,18; 16.1–3; 16.12; 17.7,8,11; 17.16,19,21).

c. Fazê-lo uma bênção a todas as nações(12.3; 18.18; 22.18). A secção de 18.1 a 19.38 salienta a confirmação de sua fé nesta promessa(18.16–19; 18.22,23; 19.16,29).

2. Abraão e Canaã(12.4–8; Hb 11.9).

A terra visualizada, até este ponto. Foi só uma promessa de Deus, pois Abraão ficou um peregrino em Canaã. O campo de Efrom em que anos depois sepultou a Sara foi a única propriedade em Canaã que Abraão conseguiu durante toda a sua vida(23.17–19). O fato existia somente como esperança através da sua fé no Deus da promessa. Como o restante de Gênesis mostra, entretanto, os herdeiros de Abraão continuavam a esperar que herdariam a terra. Cada família, se não cada pessoa, precisa de seu espaço, de seu lar, diante de Deus.

3. A Aliança Divina com Ele(E: 15.1–21; 16.12–18; P: 17.1–22).

Segundo à posição da escola de Wellhausen da alta crítica, a fonte E(Elohim = Deus) começa a se mostrar pela primeira vez no versículo 15. A aliança vai tornando-se o conceito mais importante do livro, formando em Êxodo(2.24) o fundamento da aliança com a nação(Ex 19–24). Note que foi feita com Abrão já escolhido por Deus. Frisamos os seguintes aspectos relacionados à aliança feita com ele. É um passo importante no plano e na história da salvação.

- a. O encontro aconteceu por iniciativa divina(15.1; 17.1-2).
  - b. Envolve uma promessa feita a Abrão como homem pecador(15.4-6,18; cf. 17.2b,4b,6,8).
  - c. Ele exerceu fé em Deus em face da promessa(15.6 a à luz de 15.4,5).
  - d. Nesta base Deus justificou a Abrão(15.6b).
  - e. A aliança foi estabelecida solenemente, segundo os costumes da época, em acompanhamento de sinais milagrosos(15.12,17,18).
  - f. A circuncisão foi posteriormente acrescentada como selo e símbolo da aliança(17.9-27; note v.11). 17.10 deve ser entendido no sentido de "Esta é minha exigência", em face de um dos sentidos da aliança. Não é outra aliança mas um aspecto posteriormente revelada, da aliança indicada em Gênesis 16.18. Paulo interpretou assim dizendo: "e recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé que teve quando ainda não era circuncidado.."(Rm 4.11). A circuncisão foi o sinal, o símbolo, o selo imprimido no corpo, da justiça da fé já recebida.
  - g. O seu nome foi mudado(17.4-5), sendo "Abraão" seu nome de aliança.
  - h. O nome da esposa também foi mudado(17.15-17).
  - i. A aliança ficou estabelecida com a sua descendência, conteúdo da promessa que tinha incentivada a fé de Abrão, da linha de Isaque, escolhido como herdeiro de Abrão na chefia da família e na continuação do propósito da aliança(17.18-21; cf. Rm 9.7-8).
- 5.A Prova de Fé de Abraão(22.1-19; Hb 11.17-19).
- a) A sua fé, encarando a maior prova possível, mostrou-se amadurecida e recebeu o juramento de Deus(v.15-18). A promessa é em essência a mesma já lhe feita e repetida por Deus, mas esta vez a ênfase cai sobre maiores bênçãos sobre Abraão e a maior multiplicação de sua descendência(v.17). Uma vez que sua fé tinha se amadurecido por ser comprovada tão seriamente, Abraão estava à altura de receber uma maior segurança quanto ao futuro dele e de sua descendência no plano de Deus. É somente a fé provada que amadurece e recebe as maiores certezas e bênçãos de Deus.
  - b) A revelação do princípio do sacrifício vicário(v.8,13,14).
  - c) A lição aprendida a respeito do sacrifício do primogênito(v.11,12).
- B – A Escolha de Isaque(24-26)
1. Abraão tinha outros filhos(25.1-2). Ismael(16.11), mais esses seis dá em sete alistados além de Isaque.
  2. As promessas foram renovadas por Deus em aliança feita com Isaque, o filho da promessa(26.2-5; cf. 17.19,21).
- C – A Escolha de Jacó(27-36).
1. Não era tecnicamente o primogênito de Isaque, qual fato quebrou com os costumes da época(25.24,25).
  2. Esaú desprezou o seu direito de primogenitura(25.29-34; Hb 12.16). I Crônicas 5.1 registra que Rubem, o primogênito de Jacó, perdeu também o seu direito de primogenitura. Então, o ato de Esaú foi considerado uma leviandade, uma profanação de seu direito. O caso dele tem de ser tratado sem separado do caso de Jacó, envolvido no incidente. A indignidade de Jacó não limpa a culpa de Esaú!
  3. Jacó, por engano, também recebeu a "benção" de seu pai(27.35,36,27-29).
    - a. O primogênito tinha o direito de receber uma porção dupla dos bens do pai(Dt 21.17).
    - b. A bênção recebida serviu para formalizar esse direito(25.29-34), sendo um tipo de testamento feito pelo patriarca antes de morrer, pelo qual a liderança e os bens foram transferidos para o herdeiro(v.28).
    - c. A bênção concedeu liderança sobre o clã(v.29).
    - d. A bênção foi rito religioso-civil(v.28), e assim o abençoado foi constituído também o líder religioso da família maior.
  4. As promessas foram renovadas em uma aliança feita com Jacó(28.13,14).
    - a. Deus, aos poucos, trazia Jacó ao ponto do amadurecimento espiritual em que pode receber outro nome, Israel = "príncipe com Deus" ou "lutador com Deus"(32.28).
    - b. Deus começava a cumprir grandemente a sua promessa dando a Jacó doze filhos e uma filha(35.23-26).
      1. de Léia = Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom.

2. de Raquel = José, Benjamim.
3. de Bila, serva de Raquel = Dã, Naftali.
4. de Zilpa, serva de Léia = Gade, Aser.

### III – OS COMEÇOS DO POVO DE ISRAEL(37–50).

A – A secção focaliza, em escala menor, os ancestrais da tribo de Judá(38; 49.8–12).

Parece uma evidência de que esses trechos fossem acrescentados posteriormente ao reinado de Davi(1010–970 a.C.). Pelo menos consta de mais de uma evidência da edição da Lei em tempos posteriores a fim de atualizá-la e mostrar ligações com os grandes heróis posteriores da fé no Antigo Testamento. Deve-se conferir o livro de Rute com pano de fundo no período de Juízes mas que liga Rute a Davi.

B – O foco maior da secção são os tempos de José(37; 39–50).

A ênfase cai sobre o papel de José na sobrevivência e na futura multiplicação dos filhos de Israel(Jacó). Deve-se notar também o enfoque sobre os dois filhos de José, Efraim e Manassés(48.8–20). Os dois receberam a bênção profética de Israel, mas a maior bênção foi dada a Efraim, cujos descendentes ocupariam a liderança entre as dez tribos no norte de Canaã. Efraim produziria mais líderes de destaque como registrado pelos livros posteriores a Gênesis.

1. Somente em relação a José, a providência de Deus trouxe a família de Israel para o Egito(37.26–28,36; 39.1,2; 45.4–8; note 45.5,7).
2. A finalidade principal da descida foi a multiplicação da família para fazer dela uma grande nação(46.2,3). Assim, uma das promessas a Abraão estava sendo cumprida por Deus no exercer de sua soberania sobre indivíduos como José, famílias maiores como no caso da de Jacó e nações como a do Egito.
3. Os homens da família de Israel que desceram ao Egito eram setenta em número(46.27). O autor destaca o fato para depois mostrar o contraste na multiplicação da família.
4. A providência de Deus assim os preservou e os multiplicou grandemente(47.27). Deus está cumprindo sua promessa e seu plano de salvação quanto às nações do mundo.
5. A providência de Deus os faria subir do Egito para a terra prometida(50.24). Deus cumprirá outra grande promessa feita aos patriarcas. Até os ossos de José seriam levados de volta do Egito para a terra prometida(50.25). Assim, o leitor está preparado para entrar no livro de Êxodo onde trata da libertação do povo, já escravizado, do Egito.

### ANEXOS

#### ATITUDES DO HOMEM QUE ANDA COM DEUS

Gênesis 13.1–12, 16

**INTRODUÇÃO:** O conflito dos sem-terra. Uma breve alusão ao episódio descrito no texto e transição para o assunto. Uma primeira atitude do Homem que anda com Deus é...

#### I – PERCEBER A APROXIMAÇÃO DO MAL(6,7).

O texto revela esta atitude do homem que anda com Deus pois Abraão quando descobriu que os seus bens e os de Ló eram ambivalentes e disputavam o mesmo espaço físico sentiu que era hora de cortar o mal pela raiz, pois “a terra não podia sustentá-los”. Ao observar que os pastores de Ló e os seus pastores contendiam-se e paralelamente notar a presença de inimigos naturais como os cananeus e os perizeus, sentiu-se movido a evitar que o mal chegasse às suas tendas.

Sem dúvidas a percepção do homem que anda com Deus é aguçada e lhe permite descobrir a aproximação do mal e dos inimigos. O homem que anda com Deus está apto à discernir as contendas e evitá-las. Eis um grande desafio para você que deseja andar com Deus: cuide para que o mal não se aproxime de você. Busque a amizade e o companheirismo com Deus e verá que o homem, a mulher, a criança, o jovem que anda com Deus foge da aparência e da presença do mal. Uma segunda atitude do homem que anda com Deus é...

#### II – TUDO FAZER PARA NÃO HAVER BRIGAS COM O IRMÃO(8,9). Filipenses 2:14; Hebreus 12:14

Além de perceber a aproximação do mal o homem que anda com Deus não mede esforços para evitar desavenças com os irmãos. Vemos nestes versículos a decisão de Abraão e a sua atitude: “ora, não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos”. Vemos que o homem e amigo de Deus Abraão pensou nas alternativas para que as



desavenças entre os pastores e dificuldade de ocupação da terra não se tornasse numa razão para que ambos cultivassem uma inimizade.

O crente que deseja andar com Deus precisa evitar as brigas e os desentendimentos com os irmãos "fazendo todas as coisas sem murmurações nem contendas". "Seguindo a paz com todos" de modo que não haja entre você e os seu irmão nenhuma desavença. Você meu amado irmão que deseja estabelecer uma caminhada com Deus evite a todo custo os desentendimentos com os seus irmãos. Ande em paz com Deus e com todos. Uma terceira atitude do homem que anda com Deus é...

### **III – ABRIR MÃO DO MELHOR PARA O IRMÃO(10-11).**

Por certo se o homem que anda com Deus já tem a capacidade de antever os problemas e tudo faz para evitar as contendas, deve ainda abrir mão do melhor que possui para o seu irmão. No episódio entre Ló e Abraão observamos que Abraão deu a oportunidade a Ló que escolhesse para onde queria ir, a terra que desejasse. E então Ló escolhe a melhor pois diz-nos a Palavra que ele escolheu "toda a planície do Jordão, que era toda bem regada e era como o Jardim do Senhor, como a terra do Egito".

Esta atitude de Abraão nos ensina que o homem que anda com Deus abre mão do seu melhor em favor do semelhante. Quantas vezes criamos caso, brigamos por pouca coisa. Na igreja freqüentemente observamos pessoas disputando os mesmos espaços e travando brigas seríssimas e não é bom que isto aconteça. Revista-se pois cada um do espírito de cordialidade e amor a fim de que desejemos sempre o bem do próximo. Pois o homem que anda com Deus o ama acima de todas as coisas e também ama o próximo como a si mesmo. Uma quarta atitude do homem que anda com Deus é...

### **IV – EXPERIMENTAR CRESCIMENTO(v.16).**

A caminhada com o Deus Eterno é uma escola onde por certo se aprende muito. Aqueles que com Ele compartilham suas vidas aprendem muitas coisas. Abraão aprendeu: a perceber a aproximação do mal; a evitar os desentendimentos e a abrir mão do melhor para seu irmão. E como resultado deste aprendizado experimentou o crescimento. Pois o homem que anda com Deus experimenta um crescimento fantástico. Após a atitude acertada no episódio de Ló Deus aparece a Abraão e lhe promete toda a terra de Canaã e também lhe declara que a sua descendência seria como o pó da terra, de modo que seria incontável.

Caro irmão, ao se propor andar com Deus esteja apto para tomar as atitudes já analisadas e seja humilde para experimentar o crescimento que ocorrerá em seu viver. Pois o Senhor muito abençoa os que compartilham de sua presença, os que andam com Ele.

## **O LIVRO DE ÊXODO**

### **1. Seu Nome**

A – "Êxodo" provém da palavra grega que significa saída, partida.

B – Veio da Septuaginta através da Vulgata.

C – O nome hebraico compõe-se das primeiras palavras do livro: "E estes são os nomes".

### **2. Seu Caráter**

A – Êxodo continua a história do Gênesis, isto sendo evidente pela presença da conjunção "E" junto à primeira palavra do original, unindo assim, o segundo ao primeiro.

B – É o elo entre a história contida em Gênesis e a dos outros livros da Lei que o seguem.

C – Em Êxodo 1 a 19 o povo é trazido do Egito ao Monte Sinai, "o monte de Deus"(3.1; 4.27; 19.3; 24.13), e preparado(19.9-11,15-17; 20.1) para receber a aliança de Iavé(19.5). Em 20 a 31 Deus faz a aliança e cede a legislação que a acompanha. Em 32 a 34 o povo transgredir a aliança na questão do bezerro de ouro. Em 35 a 40 o povo finalmente(25.1,8; 32.1; 35.4,5,10,11) edifica o tabernáculo(39.42,43), o qual, uma vez acabado(40.33), foi enchido da glória de Iavé(40.34,35).

### **3. Seu Tema e Cerne**

A idéia da aliança predomina em todo o livro, sendo 19.3-6 e 24.3-8 os seus trechos chaves. Uma comparação desses com os trechos de 2.24,25; 3.1,7-10; 6.6,7 e 15.13 deve esclarecer nossa tese. Portanto, a instituição da aliança com o Israel remido do Egito parece ser o tema do livro. Traduzimos o primeiro trecho da seguinte maneira:

*Então subiu Moisés a Deus, e do monte Iavé o chamou, dizendo: Assim falará à casa... de Israel: Vocês têm visto o que fiz aos egípcios. Como... eu lhes trouxe para mim. Agora, pois,*

***se atentamente ouvirem a minha voz e guardarem a minha aliança(berit = aliança, pacto, concerto, tratado, contrato ou compromisso, dependendo do contexto), então serão a minha possessão peculiar dentre todos os povos...; assim vocês me serão reino sacerdotal e nação santa...***

Um estudo maior do enredo do livro serve para confirmar a tese. Moisés é preparado para anunciar aos israelitas sofredores que Deus está pronto para cumprir suas promessas a Abraão, Isaque e Jacó(Ex. 3.4,6-8,10,16,17). Depois de Deus redimir-lhes do Egito pelo libertador Moisés(14.13,14,21,26,27,30; 15.1-4,13), faz a aliança com os israelitas no Monte Sinai(19.1,3-6 [note a palavra "pacto" no v.5 e que, no contexto, refere-se ao pacto anunciado por Deus. No papel do grande rei, como registrado no capítulo 20 e seguintes]). As leis da aliança são entregues ao povo através de Moisés(20.22-23.20; 24.3,4,7 e 34.27,28), que assim torna-se profeta(4.15,16; 7.1,2 e Dt 18.15; 34.10) das obrigações da aliança de Deus com o povo. Ao pecar na questão do bezerro de ouro(32.1-5,7,8-10,30-35) o povo viola a aliança(32.7-11; 34.10,27,28). O Tabernáculo, o sacerdócio e o sistema de culto, instituídos junto com a aliança, são símbolos dela, uma vez entendida como essencialmente o estabelecimento de uma nova relação entre Iavé e o povo. O cerne do livro é encontrado em 19.16 a 24.8, o qual retrata a própria instituição da aliança e suas estipulações fundamentais(20.1-17), a sua legislação complementar básica(20.22-23.33), e a cerimônia de ratificação na qual Moisés escreveu as palavras da aliança e da legislação no livro da aliança e selou a aliança no sangue de animais(24.3-8). O restante de todo o Antigo Testamento parte desta base. Por registrar o evento central ao restante do Antigo Testamento, o livro de Êxodo é o livro cerne tanto do Pentateuco como do Antigo Testamento.

#### **4. Sua Autoria e Suas Fontes**

A – A posição tradicional popular atribui o livro todo a Moisés, embora haja tradicionalistas que a qualificam por afirmar Moisés como o autor essencial, inclusive como empregando escribas, ao invés de quem escreveu todas as palavras.

B – A alta crítica racionalista(século XIX) providenciou uma visão do livro como composto de três documentos literários(J, E e P), provenientes de épocas bem posteriores a Moisés.

C – A recente crítica moderada ainda encontra três(alguns preferem falar em duas, J e P) camadas de materiais basicamente mosaicas, sendo o livro em si composto numa época posterior desconhecida como tal. Há atualmente três posturas. Os mais tradicionais postulam fontes documentárias, outros postulam correntes de tradição oral e ainda outros postulam uma combinação de ambas. Ninguém mais senão os hiper-críticos duvida seriamente que Moisés era capaz de escrever. Um benefício da obra muitas vezes negativa dos antigos altos críticos racionalistas é que tem motivado estudiosos crentes na divina inspiração a estudarem o assunto criteriosamente em face dos aspectos humanos do Pentateuco.

D – A postura da alta crítica de mais proveito imediato parece ser aquela(a nova crítica literária) que traça as unidades lógicas de pensamento dentro do texto do livro.

E – Há estudiosos evangélicos que atribuem o Pentateuco à autoria substancial ou essencial de Moisés, achando que ele teria usado amanuenses para compor alguns materiais e que inspirados editores posteriores como Esdras, por exemplo, teriam contribuído arranjos de materiais mosaicos e acréscimos editoriais necessários para gerações futuras. Outros afirmam para Moisés um papel mais direto no próprio escrever dos livros.

O livro de Êxodo, semelhante a Levítico e Números e em contraste com trechos em Deuteronômio(1.5,6, por exemplo), sempre fala na terceira pessoa a respeito de Moisés, semelhante à sua maneira de apresentar os acontecimentos e a fala de Deus.

Segundo Marcos 12.26 Jesus atribuiu uma citação de Êxodo 3 ao "livro de Moisés", assim abençoando a tradição da ligação de Moisés com a confecção do Pentateuco. Todavia, não há nenhuma necessidade de se presumir que Moisés tenha escrito pessoalmente tudo que há no livro de Êxodo, ainda mais porque nem o próprio livro o afirma. Para citar Cole, "possivelmente é melhor entender o livro como resultado de uma combinação de fontes mosaicas escritas e material de origem mosaica transmitido oralmente"(7).

Cole aponta a narrativa das pragas como exemplo de material possivelmente transmitido oralmente antes de ser colocado em escrito. A parte dessa narrativa a respeito da primeira páscoa é

sugestiva em face das perguntas feitas pelos filhos, mencionadas em 12.26 e a resposta que lhes é dada. Esse material certamente fazia parte do ritual da páscoa ensinada e preservada pelos sacerdotes. O cântico registrado no capítulo 15 seria exemplo do conteúdo existente tanto oral quanto escrito. A maldição sobre Amaleque registrada em 17.14-16, e o "livro da aliança" mencionado em 24.7, são outras antigas fontes do nosso livro de Êxodo, as quais foram originalmente escritas por Moisés. É de notar que Êxodo fala de Moisés na terceira pessoa, nenhuma vez afirmando ele como seu autor em si. Por outro lado, parece um hipercriticismo que negaria a Moisés um papel importante na formação do livro de Êxodo, ou pelo menos dos materiais registrados nele.

F – Em suma, qualquer posição válida tem de levar a sério o papel fundamental de Moisés na origem humana do conteúdo do livro. Por outro lado, tem de levar em conta a presença no livro de dicas que implicam em fontes variadas usadas pelos autor(es). O livro registra por exemplo, que Moisés escreveu o antigo documento chamado de "o livro da aliança"(24.4,7), o qual teria servido de fundamento para o livro de Êxodo composto, pelo menos em sua essência, em tempo posterior por Moisés ou outros servos de Deus, os quais teriam seguido o espírito e a autoridade mosaicas. O cântico de Moisés em Êxodo 15 é relato poético do livramento dos israelitas dos egípcios, o mesmo livramento que é descrito sob a forma de narrativa no capítulo 14. É evidente que o cântico teria sido composto antes da narrativa e teria servido de uma fonte usada pelo autor ao compor o livro de Êxodo. Êxodo 17.14 afirma que Moisés escreveu um registro da batalha de Israel com Amaleque o qual teria sido mais uma fonte usada na confecção do Êxodo. O que mais importa é reconhecer que o conteúdo essencial parece remontar à época de Moisés e que Deus na sua providência é quem inspirou a confecção do livro nas suas etapas quaisquer que fossem. O estudioso fiel à inspiração do Pentateuco levará a sério as evidências dentro do próprio texto quanto ao tempo e a autoria do material.

## **5. Seu Esboço**

1. A Opressão Sofrida Pelo Povo da Aliança no Egito(1.1-7.7).

A – A multiplicação providencial do povo(1.1-7).

B – A escravidão e os sofrimentos do povo(1.8-22).

C – A preparação providencial do libertador(2.1-7.7).

2. A Libertação Divina de Israel do Egito(7.8-13.16).

3. A Preservação de Israel no Deserto(13.17-18-22).

4. A Instituição da Aliança no Sinai(19.1-24.18).

A – A preparação do povo para receber a aliança(19.1-25).

B – A aliança estipulada(20.1-17).

C – A adoração ritual(20.18-26).

D – A legislação civil(21.1-23.9).

E – A legislação cerimonial(23.10-19).

F – A promessa da chegada a Canaã(23.20-33).

G – A ratificação da aliança(24.1-18).

5. Os Planos Para os Símbolos da Aliança(25.1-31.18).

A – O tabernáculo(santuário portátil) simboliza a habitação de Iavé com o seu povo([25.8; 29.45] 25.1-27.21).

B – O sacerdócio, junto com o sistema de culto sacrificial, simboliza o sentido maior da expiação como o cobrir dos pecados, a comunhão conseqüente com o Deus santo, e a segurança da santidade obtida através da obediência às orientações de Deus concedidas pelos sacerdotes(28.30) = mediadores(29.42-45; 30.10) entre Deus e os israelitas(25.1,8)(28.1-31.11).

C – O dia do sábado simboliza a emulação do descanso de Iavé(31.17) que relembra Israel que Ele é "Iavé que santifica"(31.13), isto é, "separa" para seus propósitos e padrões de caráter(31.12-18).

6. A Falha de Israel em Guardar a Aliança(32.1-34.35).

7. A Instituição dos Símbolos da Aliança(35.1-40.30).

6. As Divisões e os Móveis do Tabernáculo:

1. Altar do holocausto(Êx 38.1-7; 40.6,10,29).

2. A bacia(Êx 30.18-21; 20.7,11,30).

3. A mesa da proposição, os dos pães da presença(Êx 25.23-30; 27.35; 40.4,22,23; Lv 24.5-9).
4. O santo lugar, incluindo 3,5 e 6(Êx 26.33).
5. O candelabro(Êx 25.31-40; 27.20,21; 40.24,25; Zc 4.2; Ap 1.12,13,20). Note Êx 25.37 sobre as sete lâmpadas do candelabro.
6. O altar do incenso(Êx 30.6-10,34-38; 40.5,26,27).
7. O véu do reposteiro, incluindo 9(Êx 26.33).
8. O lugar santíssimo, incluindo 9(Êx 26.33). Representa o aspecto central do Tabernáculo, pois a presença invisível de Iavé habitava lá, entronizado sobre o propiciatório entre os dois querubins. Foi lá que os israelitas, através do sumo sacerdote mediador, encontravam-se com Deus santo e vivo.
9. A arca do testemunho(Êx 25.10-22; 40.3,20), sendo que a sua tampa constava do propiciatório(cf. Lv 16.2,3,15,29,30,24). Testemunho indica o testemunho que Deus deu ao povo.
7. Os Nomes de Deus em Êxodo 3 e 6.2-6

Sobre o sentido dos nomes de Deus nesses trechos, ver: Cole, R. Alan, Êxodo, introdução e comentário; John Bright, História de Israel. São Paulo; Paulinas,p.128. **EI** é uma palavra semita genérica para "deus"(...) [é às vezes usada no Antigo Testamento para designar o Deus(EI) de Israel](...) Saddai(...) parece significar "O(Deus) da montanha"(isto é da montanha cósmica).

William Foxwell Albrigh na obra From the Stone Age to Cristianity, afirma esse sentido dizendo o seguinte a respeito do nome Saddai: "(God) of the mountain" este nome era comum entre os amorreus do alto vale do Eufrates no segundo milênio antes de Cristo.(8)

Albrigh a respeito do nome Iavé diz que "o nome(...) pode ser derivado somente da raiz verbal **'IH** ou **HIH**, 'cair, tornar-se, chegar a existir' (...) É hifil imperfeito abreviado(p.15,16). Aquele que causa a ser(p.259). É uma abreviatura de um nome maior ou de uma fórmula litúrgica(p.260). A fórmula enigmática em 3.14, uma vez transposta para a terceira pessoa, como exigido pela palavra causativa Iavé, somente pode se tornar **Iavé asher yive**, 'Aquele que causa a ser o que chega a existir'(p.261). Georg Fohrer in História da Religião de Israel,p.87 declara que [É] uma forma arcaica do kal que significa "ele é", no sentido de uma existência ativa e eficaz.

### **ASPECTOS DE UMA CHAMADA**

Êxodo 3. 1-12

Assim como você, Moisés teve uma chamada divina que mudou o rumo de sua existência. Neste exercício espero que a experiência de Moisés e as lições que dela aprendermos seja útil para a sua vocação.

I – O primeiro aspecto da chamada divina é que Deus nos chama para um relacionamento pessoal(v. 4). Medite por alguns instantes sobre a sua experiência de descoberta de Deus e de sua conversão: que fato ou detalhe você destacaria?

II – O segundo aspecto da chamada divina é que Deus nos chama para uma vida de santidade(v.5). Que influência a santificação pode exercer no exercício de sua chamada? Que recursos Deus coloca a sua disposição para que você atinja o nível de santidade ideal?

III – O terceiro aspecto da chamada divina é que Deus nos chama para uma vida de temor(v.6). Qual é a perspectiva que você tem acerca do temor de Deus em sua vida? Mencione algum verso bíblico que valorize o temor ao Senhor ou que fale dos benefícios do temor no ministério de alguém:

IV – O quarto aspecto da chamada divina é que Deus nos chama com propósitos definidos(v.10). Descreva numa sentença o seu chamado: "O propósito de Deus para a minha vida é...

V – O quinto aspecto da chamada divina é que Deus nos chama e nos acompanha em nossos ministérios(v.12). Como esta certeza de que Deus nos acompanha pode ser útil no exercício ministerial?

### **LIÇÕES(9) ENCONTRADAS NO LIVRO DE ÊXODO**

Deus vê o seu povo. O sofrimento do povo de Deus nunca lhe passa despercebido(3.7). Ele vê que sofremos. Ele se encontra com o crente necessitado. Os homens podem fugir de um necessitado, por julgá-lo incômodo. Deus vai ao encontro do necessitado.

Deus se revela ao seu povo. Ele nos revela o seu caráter(3.14). Assim podemos saber como ele é. Mas, revela também o seu propósito para nós(v.18). Assim podemos saber o que espera de nós.

Não lidamos com um Deus que é uma incógnita e tampouco com um Deus sem propósito para nós. É possível saber quem ele é e o que espera de nós.

Deus merece seriedade do seu povo. É preciso tirar as sandálias dos pés(3.5). Ver-se como um inferior diante de Deus. Altivos e arrogantes não conseguem nada dele. A maneira de que o homem se chegar a ele é ditada por ele, e ele deixa claro que só se pode conhecê-lo pela atitude de servo. Lidar com Deus é algo sério. Por isso que a atitude de reverência diante dele é recomendável.

O fiel deve servir a Deus. Vemos a obediência de Moisés e aprendemos que Deus precisa de servos fiéis para o cumprimento do seu propósito(4.1). Deus tem um plano para uma igreja e para este mundo. Onde estão os fiéis?

Deus avisa os impenitentes. Deus não começou pelas pragas. Começou pelo diálogo(4.1). Mas, os homens que desprezam o que Deus fala são punidos por ele. Ouvir a Palavra é vida. Não ouvir a Palavra é ser julgado por ela. É preciso dar atenção à Palavra de Deus.

O incrédulo arrogante é punido por Deus. Poderia até ser uma boa desculpa(não conheço o Senhor 4.2).Mas, o pior é que além de não conhecer o Senhor, não manifestou qualquer interesse de conhecê-lo. É o homem que se recusa a aprender de Deus e acaba achado em luta contra ele. Deus não tem preconceitos contra idades. Servir a Deus não é questão de idade(7.7). É questão, sim, de disponibilidade, de vontade. Qualquer que seja a nossa idade, podemos ser úteis a Deus. Deus é grande em misericórdia. Mesmo no meio do juízo, Deus mostra misericórdia(9.15).

Deus tem propósitos para este mundo(9.16). Não é um Deus caprichoso, mas sem propósito moral, sem vontade, como as pseudo-divindades pagãs. A sua ação nunca é irrefletida, mas visa um fim. A nossa salvação foi um ato planejado desde a eternidade.

Deus deseja ser conhecido de todo o mundo(9.16)Ele pode ter seu nome anunciado por todo o mundo, por atos positivos, e não apenas por motivos, e não apenas por juízos e pragas. Compete a nós, sua igreja, seu povo, tornar o seu nome conhecido em todo o mundo, pela pregação e pelo testemunho.

A salvação é pelo sangue. Não era pelos méritos dos israelitas(12.23) não era pelas suas obras. Era pelo sangue de um cordeiro, tipificando a obra de Cristo.

A salvação deve ser ensinada em casa (12.3,4,21,16,17). Falham os pais que deixam para o púlpito e a para os professores da EBD a tarefa de evangelizar seus filhos.

A salvação deve ser lembrada(12.25). A páscoa instruiu a postura dos hebreus em um evento, mas não deveria restringir-se à história passada. Deveria ser recordada. Nós, os cristãos, também não podemos esquecer à nossa páscoa nem o cordeiro. Por isso, devemos celebrar, com júbilo e coração grato, a Ceia do Senhor.

A forma de agir dos crentes claudicantes (14.11,12). Diante de um problema, crentes claudicantes agem com murmuração. Este é um pecado encontrado em nosso meio: crentes queixosos, amargos, poucos dispostos a fazer algo, mas dispostos à reclamação.

A forma de agir dos incrédulos(14.5). Com incredulidade e esquecimento dos atos de Deus. Agem com hostilidade ao povo de Deus e ao próprio Deus. Agem pensando em seu bem-estar econômico, pensando no serviço que os outros podem prestar-lhes.

A forma de agir dos crentes fiéis(14.13,14). Com confiança absoluta. Sabem que Deus pelega por eles. Não temem. E obedecem às ordens divinas. Não queixam nem esperam vantagens pessoais, mas buscam servir.

A forma de Deus agir(14.31). Cumpre seu propósito e glorifica o seu nome. Ele se glorifica no incrédulo, cala o crente queixoso e exalta o crente fiel. Ele está acima do crente, do incrédulo e do reclamador. Aprendemos isso dele.

Deus cuida de nós(15.16). Ele cuidou de Israel porque este era o povo adquirido. Nós somos o seu povo. A igreja de Jesus Cristo é o novo povo de Deus. Ele tem cuidado da igreja e nunca a deixou em falta.

Deus merece o louvor do seu povo. O cântico de Moisés apresenta dois motivos pelos quais louvar a Deus. O que ele é e o que ele faz. Ele continua sendo o mesmo e não muda. Continua a fazer grandes coisas pelos seus.

Deus ainda tem coisas a fazer por nós(15.17). Quantos de nós pensamos no seu poder de Deus como algo no passado! Ele não é apenas o Deus que faz algo por seu povo. É o Deus que ainda

faz e fará. Ele tem poder e ainda tem muito a fazer por nós.

Deus liberta o seu povo. Ele libertou Israel da escravidão e depois, da perseguição. Ele nos libertou da escravidão do pecado e pode libertar-nos da perseguição do inimigo das nossas almas. Sua libertação é uma obra completa.

Deus nos dá garantias quanto ao futuro. Havia a expectativa de Canaã porque houve o poder libertador do Egito. Quem tirou do Egito introduzirá em Canaã. O passado é a garantia do futuro. Deus tem excelente folha corrida. Nunca falhou. Seus atos poderosos de ontem são a melhor garantia de um amanhã tranquilo. Podemos descansar em Deus. Não sabemos como será o futuro, mas sabemos que o futuro está em suas mãos. Confiemos. Porque sabemos o que houve não tememos o que haverá.

Muitas vezes o povo de Deus tem uma visão equivocada da vida. O povo sentiu saudades do Egito, idealizando aqueles dias como bons(16.3). Temos crentes com saudades do mundo? Temos crentes que quando chegam as provações acham que a escravidão do pecado era melhor? Isso é falta de bom senso.

Muitas vezes o povo de Deus é queixoso(15.23; 16.2; 17.2). Devemos evitar os resmungos e queixas. São manifestação de ingratidão. Isso é pecado.

A popularidade não pode ser o padrão para o líder. O fardo dos líderes é muito pesado, e nenhum deles erra de propósito. Devemos cuidar deles com mais amor, respeito e consideração. E nenhum líder deve ter a popularidade como padrão. O padrão é vontade de Deus se expressa na sua Palavra.

Nas nossas falhas, e apesar delas, Deus nos trata com misericórdia. Mesmo com queixas injustas, Deus vai em socorro do seu povo. Ele sana as águas, põe uma mesa no deserto e faz brotar água da rocha. A um povo rebelde e queixoso, a sua resposta foi de amor e compaixão. Assim ele nos trata, apesar de todas as nossas falhas. Ele nos trata com misericórdia. E ai de nós se assim não fosse!

A igreja deve compreender que os atos de Deus corroboram a Palavra de Deus. A Bíblia não é um livro pensamentos religiosos ou de ensinamentos morais sadios, apenas. É a palavra de Deus, confirmada pelos seis atos poderosos. O Deus da igreja é o Deus que fez e ainda faz. É o Deus que tem poder. Não podemos conceituar Deus como apenas quem faz discursos, mas um Deus que atua. Ele ainda age.

A igreja deve compreender a extensão de sua vocação. Não caiamos no erro de Israel: a ausência de visão missionária e o orgulho moral insustentável. Deus não é a nossa propriedade. Fomos eleitos desde a eternidade para sermos seu povo e proclamarmos ao mundo a sua salvação. Nossa fé deve ser contagiante.

A igreja tem responsabilidades especiais diante de Deus. Não podemos portar-nos levemente, faltando aos compromissos assumidos como Igreja de Jesus Cristo. Devemos obediência à palavra de Deus. Devemos selo pela sua santidade. E precisamos viver uma vida compatível com o caráter de nosso Pai. Devemos ser o modelo da nova sociedade que Deus está apresentando ao mundo.

A igreja deve ser um padrão para os sem Cristo.

Deus é um ser moral(Êx.20). Não basta crer na existência de um Ser Supremo. Um Pai dos Espíritos, um Grande Espírito, não é necessariamente um Deus pessoal, o da Bíblia. Deus é um ser pessoal, que se revelou e nos deixou uma palavra. Deus tem propósitos morais para este mundo e para nós, sua igreja. Exige de nós amor e santidade. Não podemos ser levianos com um Deus moral. Ele pede de nós amor e respeito para com ele.

A vida é um dom moral. A vida não é apenas um processo biológico. Deve ser vivida sob a consciência de um Deus pessoal. A vida do próximo é sagrada. Por pior que seja ele, não podemos compactuar com sua morte por outros. O cristão, por isso, não aceita a pena de morte, nem o aborto. A família do próximo deve ser respeitada. A honra do próximo, que depois da sua vida é seu patrimônio maior, deve ser respeitada. Falta-se muito com o respeito à honra dos outros em nossos dias. Mas, na igreja não deve assim. Deus exige de nós amor e respeito para com o próximo.

A religião deve ser uma prática moral. Religião(em termos de fé professada) não é um pacote de conceitos, idéias ou regras humanas. A base da religião deve ser Deus e a sua palavra. Seu

ensino deve centrar-se nos seus atos(e o maior deles é Jesus Cristo) e propósitos.

Os perigos de uma falta de liderança segura(32.1). Muitas pessoas confundem as coisas de tal modo que de um líder violento se diz que é firme. Não é isso. Quando o povo viu que Moisés se demorava, entrou em desalento. Arão não era um líder firme. Faltou-lhe determinação para repreender o povo. Cedeu e piorou as coisas. A falta de liderança espiritual segura prejudica a igreja, os líderes, sem serem ditadores, devem ter firmeza espiritual, com padrões bem definidos. O perigo do culto sensual, com ênfase nos sentidos e não na fé(32.6). Tudo estava aparentemente certo: havia holocausto, havia a consciência de que se estava cultuando Javé(embora na forma do bezerro) e havia as danças que eram atos de culto. Mas era o culto dos sentidos e não da razão e da fé. Não basta adorar a Deus corretamente. Há cultos que aguçam os sentidos e não a espiritualidade. Terminam mal. Isso é triste, mas é real, e tem acontecido muitas vezes: há cultos que terminam em imoralidade e em erro.

A depravação espiritual do homem que o torna propenso à infidelidade espiritual para com Deus(32.7,8). A depravação espiritual do homem é muito forte. Nós todos estamos sujeitos a ela e ao desvio. Censurar os que erram pode ser uma forma de apaziguar a sua própria consciência.

A grande distância entre Deus e o homem(33.20). É uma distância moral e não geográfica. Não podemos presumir que Deus seja igual a nós. O Deus da Bíblia é o Transcendente.

A grande proximidade entre Deus e o homem(34.34). Contradição? Não! Também não podemos presumir que Deus seja de natureza tão elevada que não tenha querido chamar o homem para junto dele. Sua graça o fez revelar-se a humanidade. Ele nos falou por homens escolhidos. Ele se aproximou de nós através de Jesus Cristo.

O grande privilégio do cristão. Ninguém pode ver Deus face a face(33.20). Mas, o cristão verá a Deus e ao Cordeiro face a face.

A grande mensagem contida no nome de Deus(34.5–8). Quantos adjetivos e quanta riqueza do caráter divino! Só nos resta, ao contemplarmos o caráter de Deus tão grande como este, agir como Moisés: que se prostrou e o adorou.

Deus está com o seu povo na pessoa de Jesus Cristo(40.38). Deus moraria com Israel, através do tabernáculo. Hoje, Deus mora conosco, na pessoa de Jesus Cristo. Deus não mora mais em tendas, mas nos homens, através de Jesus Cristo.

O povo de Deus deve portar a Palavra de Deus como modeladora de sua vida(40.3). Israel deveria colocar no lugar de maior relevância no tabernáculo as tábuas da lei. O que Deus falou não pode ser desprezado. Isso nos chama a atenção para o valor que a Bíblia deve receber.

O grande valor do culto: nele Deus e o seu povo se encontram. Deus e o povo tinham um encontro marcado no culto.

## **O LIVRO DE LEVÍTICO**

### **1. O Seu Nome**

A – O nome hebraico se compõe da primeira palavra “E ele chamou”.

B – “Levítico” provém da Septuaginta, **Leutikon**, através da Vulgata. Significa “O(livro) Levítico”, por conter assuntos de interesse levítico. Os levitas como classe são referidos no livro somente em 25.32–34, mas o nome faz sentido quando tomado como fazendo referência ao culto e ao serviço do Tabernáculo pelo qual os levitas eram bem ligados(Ex 38.21). O papel do sacerdócio é aquele realmente frisado no livro(Lv 1.5,7,8,11; 12.6; 13.3; 14.2; 16.30; 17.5; 19.22; 21.10; 22.14; 23.10; 27.10), mas os sacerdotes tinham como seus auxiliares os levitas(Nm 1.50; 3.6). De fato, os sacerdotes também eram levitas em termos de sua descendência de Levi(Ex 4.14; Dt 17.9), embora do livro de Números em diante no Antigo Testamento o termo “levitas” indique os descendentes dos outros filhos de Levi(Êx 38.21, Nm 1.50; 3.6), além daquela de Arão, escolhida como a família sacerdotal de Israel(Êx 28.2; Lv 2.2; 21.1; Nm 3.6).

C – Portanto, o nosso nome pelo livro relaciona-se com a tribo de Levi, responsável pelo serviço no Tabernáculo. O nome levítico, então, indica que o livro diz respeito ao culto; é bem possível, de fato, que esse nome tenha sido escolhido porque “levítico” era entendido no sentido de “cultural” ou “ritual”.

### **2. A Sua Autoria, Data e Fonte(P).**

Em toda a parte Levítico afirma-se de registrar o que Deus revelou a Moisés, mas em nenhum lugar afirma que Moisés escreveu esta revelação. Esta falta de explicação sobre sua origem como

livro é uma das razões que provoca esta diversidade de opiniões por parte dos estudiosos.

A – Tradicionalistas acreditam que Levítico é um dos livros mais antigos do Antigo Testamento, proveniente do período de Moisés.

B – A posição da crítica de padrão ainda se expressa nos moldes de Julius Wellhausen. A religião de Israel evoluiu do simples, flexível, liberal “Protestantismo” refletido nos livros de Juízes e Samuel para o ritualismo legalista, parecido com o Catolicismo Medieval, encontrado no pós-exílico código sacerdotal do livro de Levítico.(10) É admitido, entretanto, que embora P, e portanto Levítico, não recebesse sua edição final antes do quinto século a.C., ainda reflete em certos pontos as práticas do templo pré-exílico.

C – A postura meio-termo desenvolvida em tempos modernos principalmente entre alguns eruditos judaicos, como Yehezquel Kaufmann, mantém que P é pré-exílico, mas não é mosaico. É posição que, em seus pontos básicos, já estava em vigor antes da obra de Wellhausen. Em desafio aos pressupostos básicos da posição reinante Kaufmann observou o seguinte: “fixidade em tempos e ritos e ausência de espontaneidade natural caracterizam os festivais das antigas civilizações da Babilônia, Egito, e todas as outras que conhecemos.... Tais elementos não são indicadores de uma data após o exílio”(11).

D – Ronald E. Clements representa outra corrente entre os evangélicos modernos a qual busca um entendimento em face de descobertas a respeito do papel da tradição oral na formação de livros sagrados, do desenvolvimento gradativo de uma tradição sagrada na história em face das mudanças nas circunstâncias e necessidades de uma comunidade religiosa, e dos conceitos de autoria como tidos no Antigo Oriente próximo. Ele salienta que a época da escrita de uma lei, ou tradição, não indica a data de sua origem ou de sua entrada em vigor, mas é um passo relativamente tardio em sua história.

“As leis individuais, como regulamentos que regiam o culto e a vida comunitária, eram muito mais antigas do que a sua coleção em forma de documento escrito. Assim, falar em autoria no sentido moderno levaria a mal-entendidos, pois o autor que preservou um relato da lei por escrito não seria a mesma pessoa, nem sequer um contemporâneo daquele que a compôs”(12).

Clements argumenta por uma data final da composição de Levítico após o exílio, embora acredita que as partes básicas do livro provêm da época de Moisés. A parte mais antiga, posteriormente coligado e redigido em Jerusalém antes da queda do Templo, seria composta dos capítulos 17-26, chamado Código da Santidade por causa de sua insistência de que Israel fosse santo. Formava originalmente um manual de instrução sacerdotal para Israel. O manual de sacrifício contido em Levítico 1-7 foi provavelmente uma obra independente. As leis de higiene, contidas nos capítulos 11-15, surgiram de listas separadas, guardadas pelos sacerdotes de Jerusalém. Quando estes materiais foram unidos, o núcleo desta redação era a narrativa histórica dos capítulos 8-10.

O livro atribui o seu conteúdo a Deus que revelou-se a Israel através de Moisés. A finalidade disto é de atribuir ao conteúdo uma base divina proveniente do tempo da instituição da aliança com Israel(Êx 19-33).

“Todo o culto relativo à aliança, em Israel, portanto ficou dentro da tradição e do padrão que tinha começado com Moisés. É este fato que jaz por detrás da forma que apresenta Levítico como um livro de Moisés... O que Moisés deu não foi um código de regulamentos fixo e inalterável, que poderia, por fim, tornar-se embaraçoso e arcaico, mas, sim, uma tradição viva de culto dentro de uma relação de aliança... A atribuição do livro... a Moisés expressa, portanto, um juízo altamente relevante e significativo sobre o valor e a autoridade religiosos que ele tem. Marca-o indelevelmente como pertencendo à aliança entre Deus e Israel”(14).

### **3. Seu Conteúdo e Propósito**

A – Contém as leis que deveriam regulamentar o culto e “exigências que esse culto impunha sobre a vida e conduta dos homens e mulheres em Israel”(15). É impossível perceber bem o espírito do culto em Israel por olhar somente ao livro de Levítico. Seria como tentar entender o espírito de adoração e vida consagrada de uma igreja por estudar seu boletim dominical. São os livros proféticos e poéticos que refletem mais o espírito religioso que os israelitas viviam ou precisavam viver.

B – Iavé viera habitar no meio do Seu povo. Entretanto, antes de prosseguir em sua jornada até a



terra prometida, tornava-se necessário que o povo conhecesse as leis que orientariam sua adoração de Iavé no Tabernáculo. Estas leis acham-se contidas no Livro de Levítico. Constam, de modo geral, de uma expansão das leis no livro da aliança(Êx 20.23-23.33).

C – Contém um mínimo de narrativa, encontrada em 8 a 10 e 24.10-33. Assim, consiste quase exclusivamente de leis e regulamentos.

D – O fundo histórico não deve ser perdido de vista, pois ajuda o leitor a perceber que Levítico ocupa seu próprio lugar dentro da narrativa do Pentateuco. Êxodo termina com o retrato da dedicação do Tabernáculo, datada esta no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano(40.17), quer dizer, depois da primeira páscoa observada imediatamente antes de sair do Egito(Êx 12.2,29,37,51). Em Levítico o povo ainda encontra-se diante do Monte Sinai(27.34; 7.37,38).

Números da seguimento à narrativa, datando o primeiro evento registrado nele o primeiro dia do segundo mês, “no segundo ano depois da saída dos filhos de Israel.... do Egito”(1.1). Significa que o conteúdo de Levítico é implicitamente datado como acontecido durante o mês de intervalo entre estas duas datas, ou seja, no primeiro mês do segundo ano. Este esquema temporal também serve para implicar no conteúdo do livro como intimamente ligado à aliança instituída por Iavé pouco tempo atrás.

E – Os capítulos 1-7 tratam dos sacrifícios do indivíduo israelita, enquanto o capítulo 16 trata daqueles da comunidade.

F – As leis do sistema sacrificial em Levítico visaram a **manutenção** da relação com Deus, e não a **obtenção** dela(16.29,30; 25.55: “eles são os meus servos que tirei da terra do Egito...”; 19.1,22: “...o sacerdote fará a expiação por ele perante o Senhor, pelo pecado que cometeu; e este lhe será perdoado”; 26.3-6,11-17,44-46: “... não os rejeitarei... ao ponto de consumi-los totalmente e quebrar a minha **aliança** com eles; porque eu sou o Senhor seu Deus...”).

G – Citamos a descrição de Clements quanto ao seu propósito: “O propósito de Levítico é, claramente, o de juntar numa só coletânea ordenada regulamentos diversos que diziam respeito ao oferecimento de sacrifício a Deus, à organização do sacerdócio e muitos outros assuntos que surgiam da relação sagrada existente entre Israel e Deus. Pode, com toda a propriedade, ser interpretado com um guia abrangente, que mostra como Israel devia por em prática, na rotina da vida cotidiana, a grande promessa feita no Monte Sinai: “E vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa”(Êx 19.6)(16).

#### **4. Seu Tema**

É “Santidade a Iavé”, cuja exigência fundamental é: “ser-me-eis santos, porque eu, Iavé sou santo”(20.26). Podemos dizer que o sentido seja: “pertenceis a mim porque eu Iavé me pertenco a vós”, uma vez que o sentido literal da palavra santo(kadosh) é “separado de, para”. Eles estavam, de maneira prática, para se separarem a Iavé, pertencerem a Ele. A santidade de Iavé é que exige as leis concernentes às ofertas e ao alimento, à purificação e à castidade, aos festivais e a outras cerimônias. Os sacerdotes eram indispensáveis como intermediários entre Iavé e o povo. O sangue derramado sobre o altar era indispensável. Esse sangue expiatório apontava, sem o povo perceber o fato, para Aquele que haveria de vir para cumprir, ou completar, todo o livro de Levítico. Os sacrifícios de consagração também eram indispensáveis para atingir essa santidade, porque ela não consistia somente em separação do pecado, mas principalmente de separação para Deus.

#### **5. Sua Utilidade**

Consta de um fundamento para todos os outros livros da Bíblia, quanto á nossa compreensão dos sacrifícios e cerimônias religiosas de Israel. É especialmente importante para nosso entendimento da expiação do pecado no sentido da santidade, tanto de Deus como da vida do servo Dele. Levítico proclama, aos cristãos, o caminho pelo qual Deus combatia o pecado em Israel e o meio pelo qual ele conseguia a consagração dos povo. Combatia-o por meio de suas instituições, do sacrifício e da purificação; o pecado social por meio do ano sabático e do ano do jubileu; o pecado sexual por meio das leis de castidade; e também por meio de suas promessas e advertências. E, nesse combate contra o pecado, o livro nos apresenta através de sua tipologia profética, Cristo como o meio da expiação, como o meio da purificação, como o grande sacerdote que veio de Deus e nos representa perante o Seu trono. O fim da expiação é a consagração da vida para Deus(Rm 12.1,2).

Deve-se notar que as provisões da expiação não incluem pecados tais como apostasia(Dt 13.2,6,8,9), idolatria(Ex 32.8,26-28), adultério(Lv 20.10; II Sm 12.7,9,13; Sl 51.16,17), atrevimento(Nm 15.27-31) e rebelião contra a lei(Dt 17.12; I Sm 3.14; Nm 16 e 17; Ex 32). O único apelo de tal pecador era para a misericórdia de Deus, como fez Davi no salmo 51. A expiação realizada no Tabernáculo visava os pecados comuns, e não os notórios, sendo que o sistema assim implica na sua imperfeição e reflete a necessidade de uma expiação superior. O melhor comentário prático sobre Levítico encontra-se em Hebreus 8 a 10.

## 6. Seu Esboço

### 1. Expiação pelos sacrifícios(1.1-7.38).

Esta secção focaliza os regulamentos quanto aos sacrifícios, oficializados pelos sacerdotes, dos israelitas como indivíduos.

A - As ofertas queimadas(1.1-7).

B - As ofertas dos cereais(2.1-16).

C - As ofertas da paz, ou seja, pacíficas(3.1-17).

D - Os sacrifícios pelos pecados(4.1-5.13).

E - As ofertas(pela culpa) de transgressão, e da restituição(5.14-6.7)

F - Diretrizes referentes ao uso destas ofertas pelos sacerdotes(6.8-7.38). São complementadas por diretrizes adicionais no capítulo 16. A proibição de comer gordura e sangue recebe destaques especiais, em relação aos sacrifícios de animais.

### 2. Expiação através dos sacerdotes, representantes dos adoradores(8.1-10.20).

A - Realizada pelos sacrifícios oferecidos pelos sacerdotes devidamente consagrados(8.1-9.24).

B - Mantida pela destruição de Nabade e Abiú, porque ofereciam fogo estranho perante Iavé(10.1-20).

### 3. O fruto da expiação: santidade(11.1-27.34).

A - Distinção entre o limpo e o imundo(11.1-15.33).

B - Observância do dia anual da expiação(16.1-34). É a secção que forma o coração do livro quanto à expiação dos pecados. Salienta, em contraste com os capítulos 1-7, expiação feita em prol dos pecados da coletividade. Deve ser notado que o ato de expiação não fica isolado dos outros aspectos do culto sacrificial. Os diversos sacrifícios e ofertas objetivaram separadamente os seguintes: expiação[expiar é literalmente "cobrir", isto é, ocultar aos olhos santos de Deus] do pecado(16.15,16,30), remoção do pecado(16.20-22), perdão do pecador(4.20,26,31,35), purificação do pecador dos seus pecados(16.19,30), consagração a Deus da vida do pecador perdoado(1.9; 16.5; Nm 6.11,16; 8.12; 15.3), e gratidão a Deus pela paz resultante(Ex 24.4,5), a qual foi celebrada numa refeição comunal envolvendo Deus, o sacerdote oficiante, e o adorador junto com seus familiares. O ritual deve ser bem estudado pelo sentido simbólico de todos os seus aspectos. Por exemplo, unicamente o sumo sacerdote fez a expiação, ofereceu por si mesmo e o sacerdócio antes de fazer pelo povo, uma série de sacrifícios acompanharam, os dois bodes simbolizaram expiação e remoção de pecado, e o segundo bode foi levado para lugar solitário e solto para que nunca mais pudesse voltar ao arraial.

Roland K. Harrison escreveu o seguinte a respeito do nome Azazel proeminente no ritual da remoção do pecado: "O significado da palavra Azazel está longe de ficar certo... Três explicações principais têm sido sugeridas: primeiramente, que o termo descreve o conceito abstrato da remoção; em segundo lugar, que a palavra é um nome próprio que é sinônimo dos poderes do mal para os quais o bode, carregado com os pecados, muito apropriadamente se encaminhava; e, em terceiro lugar, que era o nome de um demônio do deserto que precisava ser propiciado dalguma maneira. Quaisquer explicação mitológica pode ser imediatamente desconsiderada, não tendo lugar algum na ordenança mais sagrada da adoração cultural hebréia. A noção de que os israelitas devessem trazer ofertas propiciatórias ou outras ofertas a tais supostos demônios do deserto como os sátiros foi repudiada no capítulo seguinte(Lv 17.7), e, portanto, não pode ser associada com o caráter sem igual do dia da expiação. Provavelmente a melhor explicação seja que a palavra era um termo técnico raro que descrevia a "remoção completa", isto é, da culpa comunitária, e que personificações posteriores levaram à existência de mitos e lendas acerca de Azazel nos escritos judaicos"(17).

C - Abstinência de se alimentar com sangue(17.1-16). Ver 17.11. Harrison, seguindo a New English

- Bible, que se baseou na LXX, traduziu: "... a vida de toda criatura vivente é o sangue".(18)
- D – Observância das leis de casamento, benevolência, justiça, higiene, e castidade(18.1–20.27). Os capítulos 17 a 20 refletem o modo de viver e cultivar dos egípcios e cananeus(18.36,24,27; 20.23).
- E – Observância pelos sacerdotes dos regulamentos especiais sobre sua conduta, serviço e sustento(21.1–22.33).
- F – Observância das datas especiais de culto(23.1–24.23).
- G – Observância das datas especiais do ano sabático e do ano do jubileu(25.1–55).
- H – Promessa de bênçãos pela obediência e advertência quanto ao castigo terrível pela desobediência(26.1–46).
- I – Leis referentes à comutação de votos(27.1–34).

## **ANEXOS**

### **Recursos Para um Sacerdócio Eficaz: Uma releitura acerca do sacerdócio nos livros de Levítico e Números**

**Prof. Jadaí Silva de Souza**

#### **Introdução:**

Nós somos chamados por Jesus o Sumo-Sacerdote a exercermos o sacerdócio universal(19) e dentre este povo sacerdotal que compõe a igreja do Senhor há alguns que são chamados para servir especificamente em algumas áreas de treinamento, capacitação e ministérios. Se entendemos que fazemos parte desta classe de pessoas que o Senhor tem dado um chamado ou responsabilidade específica vale salientar que os princípios que deveriam reger a vida da classe sacerdotal podem ajudar-nos na caminhada com o Senhor e com o seu povo. Chamo a sua atenção para alguns destaques nos livros de Levítico e Números que normatizaram o sacerdócio em Israel. Muitos anos se passaram desde a instituição do sacerdócio e antes de pensarmos em nosso momento quero fazer um corte na história e destacar uma época onde o sacerdócio israelita vivia uma grave crise de integridade e estava mergulhado num fosso de lama e pecados. Voltemos ao tempo de Malaquias, o profeta, e vejamos as advertências que Deus faz aos sacerdotes por causa da falta de consagração e dedicação ao Senhor. Em Malaquias 1.7–2.9 Deus os acusa de serem profanadores e encontramos os seguintes dados:

#### **I – Os sacerdotes deveriam, assim como nós devemos, apresentar a Deus um culto verdadeiro e santo(7–11).**

a. Um culto aonde aquilo que é importante para Deus seja levado em consideração.

Quais são as especificações que o sacerdote deveria levar em consideração nas suas responsabilidades litúrgicas? A qualidade das ofertas indicava a motivação do coração do cultuante. Um dica desta triste constatação é que as coisas importantes para Deus devem ser para nós também. As ofertas e a adoração feitas de modo indevido não podem ser aceitas por Deus. O que é importante para Deus no culto que lhe prestamos?

b. Um culto marcado pela pureza que nos possibilita chegar à presença de Deus.

Qual a relação entre a pureza e o acesso à presença de Deus? A falta de pureza entristece a Deus e o impede de aceitar as ofertas, o culto, a adoração, as orações, etc. O perdão de nossos pecados e a busca da retidão e da santificação através da Palavra e do Espírito Santo são importantes elementos para que nos apresentemos diante do Senhor de modo puro e aceitável.

c. Um culto onde o nome de Deus seja engrandecido e exaltado.

Qual é o objetivo de cultuarmos a Deus? Se sabemos que é a exaltação e o engrandecimento do Seu nome estejamos atentos e trabalhemos para apresentar-lhe um culto verdadeiro e santo.

#### **II – Os sacerdotes deveriam, assim como nós devemos, ter e ser líderes espirituais dignos(v.12–14).**

a. Líderes que não profanem o culto a Deus por causa de seus pecados(v.12).

Os líderes religiosos(sacerdotes) em Israel profanavam o culto a Deus. A religião tinha por objetivo aproximar o homem de Deus; só que, na prática, estava distanciando e alienando o homem do seu Deus. Os líderes espirituais tinham uma grande parcela de culpa nisso. O que eles estavam fazendo de errado? Desprezavam e desonravam o Senhor(v.6); profanavam o culto apresentando sacrifícios fora do padrão estabelecido por Deus(vv.7–8); reclamavam do exercício do ofício sacerdotal e o realizavam com relaxo(v.12). E hoje? O que Deus tem a dizer de nós?

b. Líderes que valorizem e obedeçam os preceitos da Palavra de Deus(v.13).

Os sacerdotes apresentavam sacrifícios com animais roubados e defeituosos e isto consistia numa

desvalorização, desrespeito e desobediência expressa ao que prescrevia a Lei Cerimonial. Quantas práticas de culto a Deus existem hoje e que nada têm a ver com a Palavra de Deus. Quantas são as pessoas que estão sendo conduzidas a práticas e comportamentos que desagradam a Deus por causa de líderes infieis.

c. Líderes que executem suas funções com dignidade e amor(v.14).

O profeta é categórico e diz que Deus amaldiçoa aqueles que profanam seu Nome e o culto que a Ele é devido. É preciso que nossos líderes espirituais tenham uma visão da soberania divina e da dignidade humana a fim de que ministrem sobre nós. A falta de dignidade e de amor levou aqueles sacerdotes induzirem o povo a trilhar caminhos maus. E assim também ocorre atualmente quando falta dignidade e amor na relação com Deus e com o próximo. Deus tem uma palavra específica aos líderes espirituais do seu povo(sacerdotes = pastores) embora que segundo a ótica do Novo Testamento todos os cristãos são sacerdotes(sacerdócio universal).

### **III – Os sacerdotes deveriam, assim como nós devemos, honrar a Deus e servir aos homens(2.1–9).**

a. O alvo do cultuante deve ser o de honrar a Deus(v.2).

Os sacerdotes estavam longe deste alvo pois o Senhor os acusou de desonra e profanação do seu Nome. A punição que sofreriam seria didática = para que relembressem do pacto(aliança) e seus compromissos. Adorar ou honrar a Deus significa respeitar, reverenciar, respeitar tudo aquilo que diz respeito a Deus. Sua casa, Sua presença, Sua Palavra, Sua vontade, Seu povo, Sua igreja. Se você pensa que pode adorar a Deus de qualquer maneira está enganado. Comece então uma mudança em você mesmo honrando a Deus.

b. O cultuante deve desenvolver o seu temor a Deus(v.5).

O pacto que Deus estabeleceu com seu povo tinha como objetivo produzir temor de Deus nos homens. Um compromisso de vida e paz. O culto a Deus deve nos fazer lembrar deste pacto que Ele tem conosco em Cristo Jesus. Os atos e as intervenções de Deus no curso da História devem fazer com que os seus servos o temam. O cristão reverente, piedoso é aquele que pratica a vontade de Deus, a este o Senhor atende as orações respondendo assim a adoração genuína e ao adorador temente.

c. Cada um deve cumprir com seus compromissos como sacerdotes(vv.6–9).

Nossa responsabilidade neste compromisso com Deus é: manter a Palavra de Deus em nossa boca; livrar os nossos lábios da impiedade; andar em paz com Deus e ensinar a vontade de Deus a outros. O ofício sacerdotal envolvia basicamente: guardar o conhecimento de Deus; transmitir a instrução do Senhor aos homens; e ser o mensageiro de Deus. Mas o fato é que eles não foram fiéis as expectativas divinas e fizeram com que outros tropeçassem. Não devemos agir assim. Você já sabe como apresentar seu serviço sacerdotal a Deus?

d) Todo culto deve produzir em nós uma disponibilidade para o serviço.

Você pode apresentar o serviço missionário como o Apóstolo Paulo(Romanos 15.16). Você pode servi-lo através das orações, jejuns e ensino como os líderes da igreja em Antioquia(Atos 13). Você pode servi-lo através dos recursos financeiros, sendo fiel na devolução dos dízimos e no auxílio aos necessitados como Paulo esperava do irmãos em Corinto(2 Coríntios 9.12). Você pode servi-lo através do auxílio aos que sofrem nas prisões como Epafrodito trouxe de Filipos a Paulo(Filipenses 2.25). Vocês podem servi-lo queridos dedicando-se a cada dia ao nosso Senhor permitindo que Ele os use para a honra e glória do Pai. Quem serve a Deus serve a igreja e quem serve a igreja serve a Deus. Como está o seu serviço sacerdotal?

#### **Conclusão:**

Como bons mordomos do culto a Deus: devemos apresentar a Ele um culto verdadeiro e santo; devemos ter sobre nós líderes espirituais dignos; e devemos honrar a Deus e servir aos homens. O culto verdadeiro requer amor de todo coração. Participar de todo e qualquer culto requer primeiramente uma melhor aproximação dEle em amor genuíno. O culto verdadeiro requer amor integral da mente. A adoração deve ocupar a mente, de maneira a envolver a meditação e consciência do homem. O culto verdadeiro requer todo o nosso esforço. Enquanto coração e entendimento apontam para a vontade e sentimentos internos e íntimos, “força” comunica o desafio de gastar energias físicas em atos de amor por Deus. Implica que a adoração não é um ato separado do corpo de uma pessoa. Indica gastar a vida e a energia unicamente em expressões de

lealdade e afeição a Deus. Para oferecer um culto verdadeiro, todo o ser precisa se envolver. A palavra chave do mandamento é "todo". Todo o coração, toda a alma, todo o entendimento, Deus nos quer por completo, Ele não deseja adoradores divididos, fraturados; espera o Senhor que nos apresentemos inteiros diante da sua face. Ele quer ser louvado através de nossas vidas.

## **O LIVRO DE NÚMEROS**

### **1. Seu Nome**

A – O nome do livro deriva-se da Septuaginta em vista dos dois censos relatados no livro, o primeiro no capítulo um e o segundo no capítulo 26. Além disto, é fácil perceber que há um grande enfoque sobre números(1.46; 2.32; 3.38; 4.46-48; 8.1; 10.1; 11.16; 13.2; 22.3; 23.29; 26.51,62; 35.6).

B – O nome hebraico é Bamidbar(no deserto, sertão), composto da quinta palavra do texto(diferente da norma que aponta para a primeira palavra). Esse nome, mais feliz do que o nosso, caracteriza melhor o livro que descreve as muitas viagens do povo no deserto até chegar às campinas de Moabe, próximas à terra de Canaã.

### **2. Seu Caráter**

Números da seguimento temporal e lógico ao livro de Levítico. Em Levítico o povo ainda encontrase diante do Sinai, o monte da aliança(27.34; 7.37,38), e recebe orientação a respeito do serviço do Tabernáculo, a consagração dos sacerdotes e as regras pelas quais o povo devia manter-se consagrado. O conteúdo de Levítico é implicitamente datado como acontecido durante o mês entre a dedicação do Tabernáculo, registrada no fim de Êxodo, e os preparativos para sair do Sinai rumo a terra prometida, os quais são descritos no início de Números.

Números data esses preparativos como tendo seu início no primeiro dia do segundo mês, "no segundo ano depois da saída dos filhos de Israel.... do Egito"(1.1). No vigésimo dia do mesmo mês "a nuvem se alçou de sobre o Tabernáculo.... Partiram, pois, os filhos de Israel... de Sinai para as suas jornadas..."(10.11,12). Deuteronômio abre-se com uma referência ao "ano quadragésimo, no mês undécimo, no primeiro dia do mês"(1.3), ou seja, cerca de trinta e oito anos, oito meses e dez dias depois do início da jornada(2.14). O livro de Números, então, aborda um período de trinta e oito anos e quase nove meses, o período das jornadas no deserto(Salmo 107.40). Fica claro que "quarenta anos" representa o uso de um número arredondado(Êxodo 16.35[note o uso anacrônico em Êxodo]; Nm 13.34,35; 32.13; Dt 2.7; 8.2; 29.25; Js 5.6; Sl 95.10; Am 2.10; 5.25; At 27.36).

Uma descrição dos Levitas e sua posição no centro do arraial(1.53) – ao redor do Tabernáculo(1.50) – e na marcha proposta(2.17), é um aspecto fundamental dos preparativos. Assim, Êxodo fecha com a dedicação do Tabernáculo, Levítico focaliza as regras a serem observadas pelos sacerdotes ao ministrarem no Tabernáculo, e Números frisa inicialmente os deveres dos Levitas no serviço prático do Tabernáculo.

"Os Levitas" é termo que designa todas as famílias da tribo de Levi exceto aquela de Arão, a família designada para ocupar o sacerdócio(Ex 29.44; 30.30). Eles foram designados para o serviço prático do Tabernáculo(Nm 1.50,51), tendo sido dados a Arão e seus filhos como auxiliares(3.9; 8.19), e respondendo a certos chefes sacerdotes(3.9,32).

As leis referentes à manutenção da relação de aliança com Deus tendo sido reveladas, segundo Levítico, a nação está pronta para continuar a sua jornada para a terra da promessa. Assim, Números começa com um relato sobre os preparativos feitos para sair do Sinai. Relata em seqüência como Israel chegou logo às margens sulistas de Canaã, recusou a entrar pela fé, peregrinou nos desertos por 40 anos, e chegou finalmente às planícies de Moabe, perto da fronteira oriental de Canaã. O livro encerra-se com a narração de acontecimentos que se deram neste lugar, junto com as instruções para a conquista e a divisão da terra.

### **3. Seu Propósito**

O livro serve para preencher o vazio histórico que o Pentateuco, sem ele, mostraria a respeito do que houve durante uns quarenta anos depois da revelação no Sinai e os preparativos realizados em Moabe para entrar na terra. É este o papel mais importante do livro no Pentateuco, segundo Owens. Outro aspecto importante é que fornece uma base para a "posição elevada dos sacerdotes" na história de Israel(20). Nossa percepção, entretanto, é que a observação dos fatos

geográficos, temporais e religiosos relacionados à rebelião do povo contra o propósito original de Deus em conduzi-lo logo para a terra (os capítulos 13 e 14; ver 13.26; 14.2-12; 33.48-53 e 36.13) aponta que o motivo do livro é registrar como o plano de Iavé para dar a terra ao povo da aliança foi frustrado, porém não derrotado, pela rebelião deles procedente de sua falta de fé.

O livro não objetiva o simples registro da história, mas trata da "significação teológica da jornada de Israel em prosseguir para com a herança prometida de Canaã".(21) Israel é retratado como caminhando, ou preparando-se para caminhar, através do livro todo. Entremeiam o movimento acontecimentos apropriados e material legal que relacionam 1) o perigo da falha de Israel em alcançar a prometida herança e assim perder seu papel como povo de Deus, ou 2) ao desenvolvimento maior da sua preparação para alcançar a herança. O arranjo do livro foi feito para servir esses alvos e propósitos. Segundo LaSor et alli, é "outro recital dos atos de Iavé...., uma história complexa de infidelidade, rebelião, apostasia e frustração, retratada contra o fundo da fidelidade e da paciência de Deus"(22).

O povo foi preparado para sair do Sinai rumo à terra. A jornada de Sinai a Cades-barneia(10.12; 12.16; 13.26; 32.8,36) pelo caminho do Golfo de Acaba, passando ao lado ocidental do Monte Seir, levou somente onze dias(Dt 1.2). O caminho direto teria levado uns poucos dias a menos. O terceiro caminho, passando por Edom e Moabe pela estrada real teria levado pouco mais de duas semanas. Números afirma que a peregrinação por trinta e oito anos no deserto deu-se como um juízo divino pela recusa de exercer fé, a fim de que aquela geração incrédula não entrasse na terra prometida. Portanto, o livro tem um distinto motivo teológico, e faz um recital dos atos de Deus nesta etapa da história salvífica do povo da aliança.

A história da posse da terra prometida por Israel não termina, contudo, no livro de Números, mas tem seu desfecho imediato em Deuteronômio e último em Josué e Juízes. Como afirmou Carpenter, "o conteúdo de Números é plenamente coerente e significativo somente quando é reconhecido seu lugar no mais amplo contexto teológico, histórico e literário do Pentateuco(ou Hexateuco)".(23) Números, em face desse contexto, explica teológica e historicamente a razão porque Israel não entrou imediatamente na terra prometida ao sair do Egito.

#### **4. Seu Tema**

Alguns estudiosos, como Owens, têm concluído que "não se pode descrever o conteúdo sob um só tema... É mais fácil traçar os meandros geográficos do que achar um enredo que permeie os diversos eventos... A abordagem mais válida para o entendimento do livro seria através de uma divisão geográfica".(24)

Os israelitas foram organizados em unidades militares, segundo as famílias e tribos, antes de iniciar sua jornada do Sinai para a terra prometida. Um censo foi realizado para determinar quantos foram os homens de vinte anos para cima com condições para "sair à guerra", sendo que esses foram contados "segundo os seus exércitos"(1.3). Ao nosso ver, estes dados, em conjunto com o que foi dito acima(item 2 último parágrafo) e o enfoque sobre como o povo ficou rodeando pelos desertos quarenta anos, levam à percepção de que o tema do livro é *a marcha demorada do povo da aliança para a terra prometida*.

#### **5. Sua Estrutura e Suas Fontes**

Achamos por bem focalizar em separado a estrutura e as fontes do livro, embora sejam tratadas parcialmente em outros itens.

A - Existe a tese tradicional de que Moisés foi o autor substancial de Números tanto como dos outros livros do Pentateuco.

B - John Joseph Owens apresenta uma análise das fontes, em torno dos estratos **J, E, D e P**, segundo sua adaptação da teoria documentária do Pentateuco. Focaliza o estrato P como predominante em Números. Esta tradição dá início a Gênesis(1.1-2.4 a) e se intercala com outras tradições no restante do livro. A última parte de Êxodo(25-31 e 35-40) é da mesma tradição, a qual continua por todo o livro de Levítico até Números 10.28. Três quartos de Números representa material sacerdotal(P). O fato destes quatro livros serem oriundos da fonte sacerdotal faz com que eles sejam inter-relacionados em conteúdo, estilo e abordagem. A data culminante do estrato não pode ser posterior a 450 a.C. Possui muito material bem antigo, preservado por ramos diferentes da família sacerdotal em centros diversos.

O texto não apoia a posição de que Moisés escreveu todo o conteúdo nem o ponto de vista de que não escreveu nada. Todos os capítulos de Números(segundo a divisão no texto hebraico), menos

quatro, fazem referência a Moisés pelo uso da terceira pessoa, excetuando-se citações diretas de suas orações. É inconcebível achar que foi Moisés que escreveu: "Ora, Moisés era homem mui manso, mais dos que todos os homens que havia sobre a terra" (12.3). Por outro lado, é afirmado que "Moisés registrou os pontos de partida" (33.2), registro este que teria servido de fonte para o livro de Números. "Por escrever na terceira pessoa, o autor-compilador foi muito exato em deixar transparecer que ele registrou materiais que tinham sido escritos por Moisés, Arão, Miriã, os sacerdotes, e outros". (25)

Owens aponta a identificação em 21.14,15 de uma outra antiga fonte, "O Livro das Guerras do Senhor", sem identificá-la como pertencente aos estratos J,E,D, e P. Semelhantemente aponta fragmentos poéticos e canções antigas preservados em Números; 10.35; 21.14,15,17,18,27-30; 23.7-10,18-24; 24.3-9.15-21,23e s.

As anotações sobre Ogue, rei de Basã em 31.33-35 tem ligação direta com Deuteronômio 3.1-3, e assim o trecho provém da fonte D. A narrativa de Balaão- Balaque em 22.2-24.25 mostra os efeitos de se entretecer registros diferentes, a fim de criar uma narrativa completa. Há aqui seções que adotam o nome pactual de Deus, Iavé. Os israelitas tinham uma relação especial com Deus ligada a este nome, desde os dias da aliança mosaica. Registravam, portanto, grande parte de sua história do ponto de vista J. O estrato como tal remonta a 900 a.C. ou antes. Os seguintes trechos provém dele: 10.29-32; 11.4-15, 18b-24 a, 31-35; 22.22-35.

Outros materiais mostram uma predileção pelo uso do nome divino Elohim, e indicam o estrato E. E é evidenciado no registro sobre Balaão pelo uso nove vezes desse nome (22.9,10,12,20,22 a, 38; 23.4,27; 24.2). Outro material E também é encontrado em 11.16,17 a, 24b-30; 12.1-15; 20.14-21; 21.21-24 a. O estrato teve a sua origem em 750 a.C. ou antes, e preserva muito material bem antigo. Há muitas ocasiões quando essas duas abordagens são unidas, sendo um dos sinais dessa união o nome divino composto Iavé Elohim ("O Senhor Deus"). Trechos distintos de material JE incluem 14.11-24; 21.1-3; 22.18; 23.21; 32.39-42).

Os materiais que evidenciam uma relação com J, E e JE compreendem menos que um quarto de Números. (26)

C - Outra tese que busca superar a hipótese documentária tradicional mantém que o livro existia originalmente em blocos de antigo material que evoluíram em Israel e posteriormente foram compilados por habilitados compiladores. Assim, a estrutura e as fontes são tratadas como interligadas. Esses blocos teriam tido sua origem em tradições oriundas da época de Moisés. A tese básica foi desenvolvida referente a Gênesis por R. Rendtorff (27) e a Números por Gordon J. Wenham. (28)

Wenham argumenta que em todo o pentateuco, notas cronológicas dividem o material em grandes ciclos de narrativa ou blocos de lei. Unidades mais curtas são indicadas pela repetição no fim de uma seção, de uma sentença ou frase com que ela começara, e pelo agrupamento tríplice de leis e narrativas. Todos estes artifícios são usados em Números.

A posição de certas leis em pontos inadequados de narrativa é explicada pelo princípio de que a promulgação de uma lei traz consigo a implicação de que Deus colocaria Israel numa situação em que se possa cumprir aquela lei. As leis assim podem funcionar como promessas. Um exemplo é encontrado no capítulo 15, onde a exigência de se oferecer cereal, óleo e vinho em conjunto com o animal sacrificado é uma garantia implícita do que um dia Israel entrará em Canaã, a despeito dos eventos descritos nos capítulos anteriores (13 e 14).

O conteúdo de Números é ordenado em grandes ciclos, onde são separadas três importantes ocasiões de revelação - Sinai, Cades e planícies de Moabe - por duas passagens em trechos que descrevem as jornadas de Sinai e Cades, e de Cades às planícies. Estes ciclos exemplificam o princípio da tipologia. Há um desenvolvimento dentro de cada ciclo, e é comparando cada ciclo com o precedente que se torna visível o pleno significado da fase posterior.

Êxodo, Levítico e Números se dividem em três ciclos, dos quais o segundo e o terceiro pertencem inteiramente a Números. Ex 1-13 trata da revelação feita no Egito, Ex 20-Nm 10 contém revelação dada no Sinai, Nm 13-20 trata da revelação feita em Cades, e Nm 22-36 contém revelação feita nas planícies de Moabe. Seções de narrativa separam estas seções de revelação: Êx 13-19, Nm 10-13 e Nm 20-22 (29).

Assim, Wenham pensa em um editor, reunindo um bloco de material que fala de Cades, um bloco

que fala das planícies de Moabe, ligando-os com o bloco do Sinai, usando curtas narrativas de viagem. “Isto evitaria o problema de se quebrar a coesão das unidades bem construídas (os espírios, Balaão) no contexto desses blocos, atribuindo-as a fontes contraditórias” quer dizer, as fontes segundo a teoria documentária.(30)

## 6. Seu Esboço

A – Preparativos para a jornada pela terra prometida(1.1–10.10).

1. Numeração e organização do povo(1.1–4.49).

O capítulo 3 inicia-se salientando que o sacerdócio seria ocupado unicamente por Arão e os homens de sua descendência(3.6,10). Entretanto, a maior ênfase do capítulo é que as outras famílias da tribo de Levi foram designadas para serem auxiliares dos sacerdotes no serviço do Tabernáculo(3.9,12). Trechos básicos complementares, quanto aos deveres e direitos dos sacerdotes e levitas, são números 18, Deuteronômio 17.8–11 e Malaquias 2.1,4–7. É exatamente com os números registrados no livro que os expositores têm de lidar. Segundo o primeiro censo, a soma dos homens de vinte anos para cima que podiam sair à guerra, é dada como 603.550(1.46). O segundo censo, realizado quarenta depois, mostrou o total de 601.730(26.51).

O problema refere-se às inadequadas condições físicas da região de Sinai e dos desertos para suportar tantas pessoas. Os levitas, os velhos, as mulheres e as crianças implícitos nessas somas levariam a uma população em torno de 2.000.000 pessoas, além do número necessário de gado, cereais e bebidas. Mesmo considerando-se codornizes enviadas pelos céus, maná, e suprimentos miraculosos ocasionais de água seriam as grandes dificuldades para se suprir todas as exigências de uma multidão dessas. Todavia, temos que nos lembrar de que o Criador poderia ter suprido as necessidades de tantas. Não é questão, porém, de possibilidade divina, mas, sim, de dados quanto às probabilidades.

Segundo, outros textos parecem reconhecer que inicialmente havia um número demasiadamente pequeno de israelitas para ocupar a terra prometida de uma só vez(Ex 23.29 a; Dt 7.6,21). No período dos Juízes os guerreiros da tribo de Dã somavam apenas 600(Jz 18.16; cf. Nm 1.38,39). Teria sido ridículo, ao invés de “não bom”, para Moisés sozinho tentar ouvir os casos individuais levantados entre um povo de umas 2.000.000 pessoas(Êx 18).

As teses de possíveis meios para conciliar os números altos incluem as seguintes: 1) editores posteriores teriam confundido o total da soma do censo tomado por Davi(II Samuel 24.1)(31); 2) o termo “milhar”(élef) seria um termo técnico militar semelhante ao nosso termo “companhia”.(32) Teria havido 600 élefin, mas nem todas contavam com mil homens; 3) os números teriam sofrido corrupção textual, sendo que a palavra élef foi erroneamente interpretada, pois teria um significado tanto como milhar ou como família(33); 4) os números seriam simbólicos, baseados num sistema que atribuísse a cada letra do alfabeto hebraico um valor numérico(gematria), ou, como mais recentemente desenvolvido por M. Barnoin, baseados num sistema sexagesimal, na duração dos anos lunar e solar e nos períodos astronômicos.(34) É nossa opinião que a segunda dessas teses tenha mais mérito. Dentro do contexto, poderia ter um sentido tanto militar como familiar, porque o exército foi agrupado em companhias familiares. Ver a discussão mais ampla em Wenham.(35)

2. Purificação e bênção da congregação(5.1–6.27).

A bênção sacerdotal em Números 6.23–27 é cheia de sentido religioso e beleza de expressão.

3. Ofertas dos príncipes na dedicação do Tabernáculo e do altar(7.1–89).

4. Dedicação dos levitas(8.1–26).

Os levitas foram tomados por Iavé dentre os israelitas em lugar do primogênito de todas as famílias. Normalmente o primogênito era dedicado a Iavé como oferta especial, em reconhecimento de que ele representou uma dádiva de Deus e em esperança de receber mais filhos de Deus. A prática tinha sofrido degeneração entre os cananeus e outros povos, os quais costumavam oferecê-los literalmente como holocaustos(Mq 6.7; Lv 18.21; 20.1–5; II Rs 16.3; Jr 7.3). Em Israel os primogênitos humanos estavam para serem resgatados pelos oferecimento de um animal como seu substituto. A exigência está arraigada no resgate dos primogênitos, tanto dos homens como dos animais na época da décima praga sobre o Egito(Êx 11.5; 13.2).

5. Observância de uma segunda páscoa(9.1–14).

6. Explicações referentes à orientação do povo durante à jornada(9.15–10.10).



A nuvem e o fogo constavam de meios "antropomórficos" (revelação provisória sob figura humana) de Deus (Êx 13.21; cf. I Co 10.1-4 e Lc 9.34; At 1.9), usados em guiar seu povo nas suas jornadas (9.15-23). O trecho desenvolve a declaração mais curta de Êxodo 40.34-38. Segundo o Novo Testamento, os cristãos contam com a orientação do Espírito Santo (Rm 8.12). A seção sobre as duas trombetas de prata serve para completar e complementar os meios de direção divina descritos na primeira seção.

B – A velha geração não entra na Terra Prometida (10.11-20.13).

1. A saída de Sinai (10.11-36).
2. As queixas dos israelitas (11.1-35).
3. A inveja de Miriã e Arão (12.1-16).
4. Rebelião em Cades-Barneia e condenação a 40 anos de peregrinação no deserto (13.1-14.45).

A rebeldia do povo que contava com tão grande possibilidade de herdar a terra prometida é o ponto central do livro. Os motivos principais que levaram à rebeldia foram a mentalidade escrava do povo recém saído do Egito e o seu conseqüente medo (14.2-4,9). O seu medo fez com que ficasse incapaz de exercer fé nas promessas de Iavé. Certamente essa explicação não nega o papel da condição pecaminosa do coração deles, mas edifica sobre ele, tomando-o por certo como fato subjacente.

5. Diversas leis para Israel na terra de Canaã (15.1-41).
  6. Rebelião de Corá (16.1-17.11).
  7. Os deveres e os direitos dos sacerdotes e levitas (17.12-19.22).
  8. Por causa do pecado de Meribá, Moisés e Arão são proibidos de entrar em Canaã (20.1-13).
- Até o grande Moisés foi sujeito à disciplina de Deus, pelo bem da causa. O ofício ocupado pelo servo de Deus, os dons espirituais possuídos por ele e o grande serviço prestado não isentam o crente em Deus da disciplina necessária.

C – A preparação da nova geração para entrar na Terra Prometida (20.14-36.13).

1. A jornada de Cades-Barneia até as campinas de Moabe (20.14-22.1).
2. Derrota de Moabe e Midiã em suas tentativas de amaldiçoar Israel (22.2-25.18).
3. O censo daqueles que herdariam a terra (26.1-27.11).
4. Designação de Josué como sucessor de Moisés (27.12-23).
5. Leis a respeito de ofertas e votos (28.1-30.16).
6. Guerra contra os midianitas (31.1-54).
7. Herança na Transjordânia para duas tribos e meia (32.1-42).
8. Lista dos acampamentos de Israel desde o Egito até às campinas de Moabe (33.1-49).
9. Orientação divina para lançar fora os moradores de Canaã e destruir os seus ídolos (33.50-56).
10. Orientação concernente à fronteiras e aos responsáveis pela repartição da terra (33.50-56).
11. Orientação referente aos levitas e às cidades de refúgio (35.1-34).
12. Orientação referente aos casamentos das herdeiras (36.1-13).

## **O LIVRO DE DEUTERONÔMIO**

### **1. O Seu Nome**

A – O nome hebraico é composto dos primeiros vocábulos do livro: "Elle Hadevarim", "Estas são as palavras".

B – O nosso nome do livro provém da Septuaginta, cujos tradutores julgaram que o livro continha uma segunda lei e por isso intitularam-no de Deuteronômio (deuteronomos = "segunda lei"). Eles basearam-se na sua tradução errada de Dt 17.18 cuja versão correta deveria ser "uma cópia desta lei" como em Josué 8.32.

C – De certo modo, o erro foi conveniente, pois dá uma idéia mais clara do conteúdo do livro do que o título hebraico. O livro representa uma espécie de repetição da lei encontrada nos livros anteriores.

### **2. O Seu Caráter**

O livro registra aspectos de narrativa mais a maior parte consta dos discursos de Moisés a nova geração que conquistaria a terra prometida. Deuteronômio é composto de três discursos de Moisés ao povo de Israel, pronunciados na véspera da posse da terra de Canaã (1.6-31.29), mais uma introdução editorial (1.1-5) e um epílogo (31.30-34.12). É um livro de oratória ou pregação. Como diz Francisco, "Nestes discursos, o orador continuamente recorda ao povo que a atitude graciosa de

Iavé, através dos anos, deve constituir um apelo à lealdade e obediência, devendo eles amá-lo e servi-lo com o mesmo devotamento com que Deus mesmo os serviu”(36). O livro inclui também um epílogo composto nos capítulos finais. Há dúvidas de que este epílogo inclui somente os capítulos 33,34 ainda que outros incluam o capítulo 32.

### 3. O Seu Motivo

Peter C. Craigie afirma que é o livro da aliança: “A renovação da aliança nas planícies de Moabe é essencialmente o assunto do livro de Deuteronômio. A ênfase, entretanto, não está sobre a cerimônia de renovação, mas sobre as palavras que Moisés dirigiu ao povo congregado para a ocasião”(37). Este mesmo autor ainda acrescenta: “O princípio básico para interpretar a teologia de deuteronômio tem sua base em seu caráter como um documento de aliança.... A aliança no Sinai não foi um evento de uma vez para sempre que tinha somente significação histórica. Ela inaugurou uma relação contínua(a qual já tinha sido antecipada em alianças anteriores) entre Deus e seu povo. Por ser uma relação contínua a aliança precisava ser renovada com regularidade, embora em cada renovação o evento do Sinai fosse recordado. A renovação da aliança foi feita, não porque Deus tivesse mudado, mas porque cada geração tinha que se entregar regularmente em amor e obediência ao Senhor da aliança.... A tendência para olhar à aliança como um contrato legal automaticamente vinculando o homem a Deus tinha de ser contrariada; a natureza da aliança, como uma expressão de um relacionamento vivo, exigia do homem uma entrega amável a Deus ao invés de uma aceitação legalista”(38).

Craigie fundamenta seu argumento no fato de que a estrutura de Deuteronômio se mostra como modelada sobre a forma dos tratados de suserano-vassalo provenientes da primeira metade do segundo milênio a.C.(39), e em dicas encontradas em trechos específicos no livro, como 27.9-20, 11-26; 11.26-32; 29.9-14; 30.15-20.

O tratado de vassalo tinha os seguintes componentes:

1. Preâmbulo: “Estas são as palavras”
2. Prólogo histórico: indicação de eventos que conduziram ao tratado.
3. Estipulações gerais: princípios do futuro relacionamento.
4. Estipulações específicas.
5. Testemunhas divinas: vários deuses são chamados para testemunhar o tratado.
6. Bênçãos e maldições: relacionadas à manutenção ou violação do tratado.

Deuteronômio tem a sua forma semelhante:

1. Preâmbulo: 1.1-5
2. Prólogo histórico: 1.6-4.49
3. Estipulações gerais: 5-11
4. Estipulações específicas: 12-26
5. Bênçãos e maldições: 27-28
6. Testemunhas: 30.19; 31.19; 32.1-43

É provável que o livro reflete a cerimônia durante a qual a aliança foi renovada e o sucessor de Moisés tomou posse, ao invés de um simples artifício literário. É possível que Deuteronômio, na sua forma básica, seja oriundo da ocasião posterior na renovação da segunda aliança dentro da terra prometida sob a liderança de Josué(Js 8.30-35). Este livro representa uma **explicação, aplicação e renovação** da aliança, já feita com os pais mas agora a ser aceita pela segunda geração(1.5). Podemos dizer que Deuteronômio contém pregações e preleções baseadas na aliança histórica de Iavé. Contém uma repetição dos aspectos centrais da aliança, feita para que fosse aplicada em face da iminência da posse da terra e em face da transferência da liderança para Josué.

### 4. O Seu Tema

O tema é: “A posse da terra prometida”(1.8; 2.24,25; 3.18,28; 4.22; 5.31; 6.1).

### 5. A Sua Fonte Literária

Tem fonte diferente daquelas em que foram baseadas Gênesis, Êxodo, Levítico e Números. Essa fonte é designada “D” pela alta crítica. De acordo com a opinião atual, representa uma coleção de materiais antigos, fundamentalmente provenientes da época mosaica, a qual recebeu a sua forma fixa no século sete no período de Manassés e Josias, reis de Judá. Teria passado uma edição final ou no período após o cativo babilônico ou no período intertestamentário. Sendo esta tese certa

ou não, é claro que o livro apresenta uma unidade de materiais complementares àqueles que se encontram nos outros livros anteriores do Pentateuco.

## **6. O Seu Esboço**

1. Introdução Editorial(1.1–5).

2. Chamada para possuir a Terra Prometida(1.6–4.43).

É o primeiro discurso, e acentua a história do povo com seu Deus desde Horebe(1.6) até às campinas de Moabe(3.29). Note 1.6–8; 2.21,24; 3.25–29; 4.1,2,5,6,38. “Agora, pois, ó Israel, ouve... que vos ensino, para os observardes, a fim de que... entreis e possuais a terra que o Senhor Deus de vossos pais vos dá”(4.1).

3. Apelos a respeito das condições de posse(4.44–26.29).

É o segundo discurso, e ressalta a lei de Iavé.

4. Mandamentos básicos: exposição e exortação(4.44–11.32).

Dt 5.2–21 reitera a instituição da aliança, da nova relação entre Iavé e o povo de Israel. Israel é o povo eleito, salvo e desposado de Iavé. Moisés ressalva que a aliança feita com a primeira geração, falha e já morta, tem de ser aceita pela nova geração(5.3). É a aceitação da aliança e o cumprimento dela que garantirá a posse da terra como herança de Israel da parte de Deus(5.29,33; 6.1–3). Os estatutos e ordenanças salientados em 6.1 a 11.32 são aplicações dos testemunhos de Deus, ou os termos básicos da aliança, do relacionamento, estipulados nos “dez mandamentos” registrados em 5.7–21. Os estatutos(leis inscritas) e ordenanças(juízos concedidos como normas de conduta e sentenças judiciais) constam de leis civis e cerimoniais.

Dt 6.4–5 é um dos mais famosos trechos do Antigo Testamento. É chamado de o Shemá pelos Judeus, por começar no hebraico com a palavra “Shemá”, que quer dizer, “ouve”. O verso 4 registra a verdade fundamental da religião de Israel, isto é, que o Deus de Israel é Iavé, e Iavé é um só, em contraste com as imagens múltiplas das outras nações. O verso 5 fala do dever fundamental de Israel que é baseado na verdade do verso 4. Iavé não quer ser temido, negligenciado nem esquecido, e sim, amado! É religião do coração, isto é, da mente, da vontade e da emoção – a dizer, do homem interior. Por sua vez, o mandamento para amar a Deus tem base no precedente do amor de Deus manifesto a Israel pela sua redenção do Egito(5.6) e pela aliança efetuada com ele.

Dt 6.6–11.32 pode ser entendido também como uma explicação e aplicação de 6.5, isto é, é assim que Israel, no seu ambiente, mostrará seu amor a Deus.(40)

5. Mandamentos detalhados(12.1–26.19).

O capítulo 12 preceitua um lugar central onde os israelitas trariam seus sacrifícios e suas ofertas. Também reitera o regulamento anterior a respeito de como comer a carne, proibindo o comer do sangue junto com a carne. O capítulo 13 fala sobre como reconhecer profetas falsos, seu castigo e aquele dos idólatras. O capítulo 18 contém o trecho chave a respeito do profeta vindouro semelhante a Moisés, além de estabelecer Moisés como o modelo de profeta em Israel. O material restante na secção consta de uma verdadeira mina de informações sobre a lei mosaica onde podemos logo reconhecer a sua grandeza, justiça e misericórdia.

6. Explicações sobre as conseqüências da posse(27.1–28.68).

É o terceiro discurso em que o povo é exigido a renovar a aliança. São salientadas as maldições e as bênçãos decorrentes da atitude do povo para com a lei. Obediência à lei traria vida, enquanto desobediência a ela traria maldição para com o povo da aliança.

7. A exigência da renovação da aliança(27.1–26).

a. O escrever da lei e a oferta de sacrifícios(27.1–10).

b. Bênçãos e maldições pronunciadas durante a renovação(27.11–26).

c. As bênçãos e maldições pronunciadas em Moabe(28.1–68).

8. O epílogo(29.1–34.12).

a. O apelo e a exortação culminantes de Moisés(29.1–31.29).

b. Apelo para a fidelidade à aliança(29.1–29).

“Estas são as palavras da aliança que o Senhor ordenou a Moisés que fizesse com os filhos de Israel na terra de Moabe, além da aliança que fizera com eles em Horebe”(29.1,12,13; 30.6,16,19).

Esta secção mostra que o livro de Deuterônomo tem o caráter de um livro de renovação de

aliança, e no seu uso em Israel servia de base para tais cerimônias públicas.

c. Chamada à decisão: vida e bênção ou morte e maldição(30.1–22).

d. Disposição da lei e posse de Josué(31.1–29).

e. O cântico de Moisés(31.30–32.47).

Moisés ofereceu louvor público a Iavé junto com a congregação, na ocasião da renovação da aliança com a segunda geração.

f. A bênção de Moisés(32.48–33.29).

No estilo dos patriarcas na sua velhice, antes de morrer, em conceder sua “bênção”(testamento profético) aos filhos, Moisés deu seu testamento(bênção) às tribos de Israel.

g. A morte de Moisés(34.1–12).

A fim de terminar o livro, e, por sua vez, o próprio Pentateuco, Deuterônômio relata o fim do ministério de Moisés por contar a história da sua morte. É também dito como Josué, o sucessor de Moisés na liderança, ficou cheio do espírito de sabedoria, havendo recebido a imposição de mãos de Moisés. Finda com um merecido elogio a Moisés depois de testificar que “nunca mais se levantou em Israel profeta como Moisés, a quem o Senhor conhecesse face a face”, isto é, bem intimamente(34.10). Desta maneira o autor classifica Moisés como o padrão vetero-testamentário para os profetas.

É de interesse também que esta afirmação mostra que o livro recebeu uma edição final na época posterior do Antigo Testamento, bem provavelmente no período após os profetas canônicos.

## **ANEXOS**

### **A FAMÍLIA E O PRINCÍPIO DA DEVOÇÃO**

Deuterônômio 6:4–9

#### **Introdução:**

Devoção quer dizer vida religiosa, espiritual, dedicada a Deus. A vida devocional da família vai depender do relacionamento do casal com Deus. E esta também é a base para o ensino devocional aos filhos. E daí surge o cultivo de uma vida devocional familiar. A igreja não é responsável pela educação dos filhos e sim os pais é que têm esta responsabilidade dada por Deus. O capítulo seis é claro em nos ensinar que Deus quer nossa devoção exclusiva. Por esta razão “ Moisés exorta à obediência(1–3), enuncia o grande mandamento(4,5), apresenta os meios pelos quais as obrigações do pacto devem ser lembradas(6–9), adverte a Israel contra os vários perigos(10–19) e diz aos pais como devem instruir a seus filhos(20–25)”. Quero pois destacar para este nosso estudo o aspecto da responsabilidade familiar na instrução religiosa dos filhos.

#### **I – EM PRIMEIRO LUGAR ESTE ENSINO PRECISA SER VISÍVEL NA VIDA DOS PAIS(v.4–6).**

Seguindo a ordem natural do texto percebemos que o testemunho de fé será um elemento fundamental. Então os pais que reconhecem a existência do único Deus vivo e verdadeiro; que o amam com integridade de coração, mente e forças; que estão prontos a obedecê-lo e que guardam as suas palavras nos corações estarão aptos para dar seqüência no processo responsável do ensino da vontade de Deus aos filhos. Pais conscientes dos benefícios da transmissão da fé bíblica têm compromisso no testemunho para os de fora como para com os de dentro de casa. Esta palavra divina internalizada, experimentada, frutífera encontrará guarida no coração dos filhos que estimulados pela coerência dos pais crescerão e se desenvolverão no conhecimento de Deus. Como você encara esta questão do ensino da palavra aos seus filhos? Manda para a EBD e pronto? Não se preocupa com isto? Deus nos confere esta responsabilidade e nos dá uma ordem. Sejamos responsáveis e bem antes de nos preocuparmos em falar de nosso amor a Deus com os filhos mostremos esse amor através de atos concretos.

#### **II – EM SEGUNDO LUGAR ESTE ENSINO PRECISA CONSTITUIR-SE NUMA AMOROSA INSTRUÇÃO DOMÉSTICA(v.6–9).**

Assim devia ser com o antigo Israel; e certamente assim deveria ser com o cristão no tempo presente. Mas será assim? Os nossos filhos são assim ensinados? É nosso propósito constante apresentar a Palavra de Deus, em todos os seus celestiais atrativos, aos seus corações juvenis? Eles vêem-na brilhar em nossa vida diária? Vêem a sua influência nos nossos hábitos, temperamento, relações de família, ou nas nossas transações e negócios? É isto que entendemos por atar a palavra por sinal na mão, e tê-la por testeira entre os olhos, escrita nos umbrais e nas

portas.

Os nossos filhos não nos respeitarão nem darão crédito ao nosso ensino se as nossas vidas não são dirigidas por essa Palavra. Os nossos filhos devem ver que vivemos na própria atmosfera da Sagrada Escritura, que ela forma o tema da conversação quando nos sentamos no seio da família, nos nossos momentos de descanso. Logo que meu filho nasceu comprei uma Bíblia ilustrada para ele entendendo que mesmo antes de aprender a ler deveria provocar nele o interesse pela Palavra de Deus. De fato esta publicação de algumas narrativas bíblicas ilustradas interessa as crianças. Hoje, três anos depois, sempre quando ele quer ver as gravuras e ouvir as histórias ele pega a sua Bíblia na estante e vem em minha direção para que eu lhe conte ou passe as páginas multicoloridas. A ilustração serve para indicar que os recursos colocados à nossa disposição são vários. Poderia ainda ter mencionado os vídeos infantis, os programas e jogos com temas bíblicos e um sem número de materiais confeccionados com a intenção de auxiliar às famílias a realizar a sua tarefa educacional. Na minha experiência pastoral sinto as tremendas dificuldades de uma igreja que tenta num encontro semanal executar a tarefa das famílias que não levam à sério a responsabilidade de ensinar sobre o amor de Deus.

### **III – EM TERCEIRO LUGAR ESTE ENSINO DEVE TRANSFORMAR O NOSSO LAR(v.9).**

No lar que a palavra divina é levada a sério é impossível que não haja transformações e benefícios a serem experimentados. Uma vez que nos submetemos ao senhorio de Deus é importante que o meio ambiente onde vivemos desfrute e revele as conseqüências do amor divino. Um lar transformado por Cristo(a palavra de Deus encarnada) é ambiente favorável para a ministração do amor de Deus aos seus participantes e àqueles que tenham acesso a ele. Pais, filhos e agregados ao lar cristão devem trabalhar para neste ambiente fraterno tudo contribua para honra, glória, louvor e exaltação do Senhor. Lembre do compromisso de Josué: “eu e a minha casa serviremos ao Senhor”.

Um lar transformado há de ser também um ambiente de atração para aqueles que ainda não conhecem a Jesus. Infelizmente, muitos lares em nossas igrejas não podem estar à disposição para a proclamação nem para o ensino da palavra de Deus por causa do mal testemunho. Brigas, ofensas, desentendimentos com os vizinhos, etc., impedem que estes brilhem e estejam abertos para a transmissão das verdades eternas. Isto desagrade a Deus e impede que as famílias cristãs exerçam sua missão de transformar o mundo pelo poder do evangelho. Como é a sua casa?

#### **Conclusão:**

Se o texto enfocado nos faz um apelo a vida devocional em família por que muitas de nossas família não têm sequer um momento de oração em conjunto? A resposta é óbvia não estamos levando a sério os princípios ensinados pela Bíblia. Quem sabe não estejamos pensando que esta ordem só se aplicava ao povo de Israel. Pois bem gostaria de destacar um versículo encontrado no livro de Provérbios que diz: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele”(22:6). Deus quer pais que vivam a fé que ensinam. Deus quer pais que ensinam amorosamente em sua vida diária. Deus quer lares transformados como ambientes de transformação. Deus quer filhos obedientes e coerentes com os ensinamentos aprendidos. Deus quer uma família que o sirva com integralidade. Deus quer servos obedientes e dispostos a abençoar outras pessoas com as suas próprias vidas.

#### **Notas Bibliográficas:**

(1) Vem da raiz yalad, gerar, dar à luz

(2) A preposição be = em + o substantivo reshith = começo, primeiro; baseado na palavra “cabeça”.

(3) Agradeço ao professor Harbin por este material ora apresentado.

(4) A palavra hebraica usada nas duas narrativas é “o adão”, que significa “homem”.

(5) FRANCISCO, Clyde T. “Gênesis” in Comentário bíblico Broadman, trad. Do inglês por Adiel Almeida de Oliveira, 2ª edição(1969). Rio de Janeiro: JUERP, 1988, Vol 1, p.157.

(6) SANT’ ANNA, Iomael in Pontos Salientes,1989. JUERP.

(7) CORDERO, M. Garcia in Enciclopédia de La Bíblia. Vol 2 pp.582,583.

(8) Cole R. Alan. Êxodo: introdução e comentário.p.45

(9) p.244

(10) As idéias grifadas são sugestões da Revista Pontos Salientes de 1991.

- (11) Gordon J. Wenham, *The Book of Leviticus*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979.p.11.
- (12) Ibid
- (13) Ronald E. Clementes, "Levítico" in *Comentário Bíblico Broadman*, tr. Arthur Anthony Boome, V.2 Rio de Janeiro: JUERP.1986.p.17.
- (14) Ibid, p.19.
- (15) Ibid, p.15
- (16) Ibid, p.15,16.
- (17) R.H. Harrison, *Levítico: introdução e comentário*, tr. Gordon Chown, revisão Júlio P.T. Zabatiero. São Paulo. Editora Vida Nova,1983.p.156,157.
- (18) Ibid.p.167
- (19) Os cristãos realizam os dois ofícios sacerdotais que são essenciais: palavra e culto. Os sacrifícios a que se alude são de caráter corporal e espiritual: desinteresse próprio e beneficência(Hb 13.16), proteção dos pobres e abandonados(Tg 1.27), dons de amor(Fp 2.1), gratidão e oração(Hb 13.15). E este serviço sacerdotal dos crentes é realizado por meio de Jesus.
- (20) John Joseph Owens. "Números" in *Comentário Bíblico Broadman*, trad. Arthur Anthony Boorne. Rio de Janeiro. JUERP, 1990(original em inglês,1969).p.100.
- (21) E.E. Carpenter. "Numbers, book of" in *The International Standard Bible Encyclopedia*, revised edition, edited by Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, MI. Eerdmans, 1988.v3.p.562.
- (22) William Sanford LaSor, David Allan Hubbard e Frederic Wm. Bush. *Old Testament survey*. Grand Rapids, MI. Eerdmans, 1985.p.164.
- (23) Carpenter, op.cit., p.561,562.
- (24)Owens, op.cit., p.97.
- (25) Ibid., p.100.
- (26) Ibid. p.100-102
- (27) R. Rendtorff. "Das uberlieferungs-geschichtliche des pentateuch" in *Beihefte zum zeitschirf fur die alttestamentliche wissenschaft*, 1977. p.147.
- (28) Gordon J. Wenham. *Números: introdução e comentário*. Original inglês, 1981, São Paulo. Vida Nova.1991.p.23-25
- (29) Ibid.. p.17,18
- (30) Ibid.. p.24.
- (31) W.F. Albright. *From the stone age to christianity*. New York. Doubleday Anchor.1957.p.253.
- (32) G.E.Mendenhall, "The Census Lists of Numbers 1 and 26" in *Journal of Biblical Literatura*, LXXVII(1958), citado em Clyde Francisco. *Introducing the old testament*, revised edition. Nashville,TN Broadmann. 1977.p88.
- (33) W.M.Flinders Petrie. *Researches in sinai*. London; John Murray, 1906.p.207ss
- (34) M. Barnoin. "Les recensements du livre des nombres et l' atronomie babylonienne", in *Vetus Testamentum*, 27, 1977, p.280-303, citado em Wenham,op cit.,p.69
- (35) Op cit., p.64-71.
- (36) Clyde T. Francisco. *Introdução ao Velho Testamento*. Trad. Antônio Neves Mesquita. Rio de Janeiro: JUERP, 1969.p.59.
- (37) Peter C. Craigie. *The book of deuteronomy*. Grand Rapids, MI: Eerdmans,1981(1976).p.30
- (38) Ibid.p.36,37
- (39) Ibid.p.22-24
- (40) Wright, G. Ernest. "Deuteronomy" in *The Interpreter' s Bible*. Nashville: Abingdon,1953,Vol.1, p.372.

**AT1 AT3 AT4 AT5 AT6 NT1 NT2 NT3 NT4 NT5**

## **Pastoreio Virtual Parábólica Discipulado Perspectivas**

### **ANTIGO TESTAMENTO III**

Através deste módulo você poderá fazer um estudo do conteúdo e contexto histórico-cultural dos livros do Pentateuco e históricos do Antigo Testamento. O leitor entende o conteúdo e o contexto histórico-cultural dos livros históricos do Antigo Testamento e a relevância de seus ensinamentos para os nossos dias.

#### **Unidade 1 – Os Livros de Josué, Juízes e Rute**

O leitor entende o conteúdo e o contexto histórico-cultural destes livros e a relevância dos seus ensinamentos para os nossos dias. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Descrever o contexto histórico-cultural e os principais temas e ensinamentos de cada um destes livros, bem como a relevância de seus ensinamentos para os dias atuais.

#### **Unidade 2 – Os Livros de I e II Samuel e I e II Reis**

O leitor entende o conteúdo e o contexto histórico-cultural destes livros e a relevância dos seus

ensinamentos para os nossos dias. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Descrever o contexto histórico-cultural e os principais temas e ensinamentos de cada um destes livros, bem como a relevância de seus ensinamentos para os dias atuais.

### **Unidade 3 – Os Livros de I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester**

O leitor entende o conteúdo e o contexto histórico-cultural destes livros e a relevância dos seus ensinamentos para os nossos dias. Para provar que alcançou tal entendimento, o leitor deverá ser capaz de: Descrever o contexto histórico-cultural e os principais temas e ensinamentos de cada um destes livros, bem como a relevância de seus ensinamentos para os dias atuais.

## **O LIVRO DE JOSUÉ**

### **1. O Seu Lugar no Cânon**

Com este livro começa a segunda divisão do Antigo Testamento. Segundo o arranjo do cânone judaico, Josué é o primeiro livro da divisão chamada de Os Profetas, e faz parte de sua primeira subdivisão, designada “Os Profetas Anteriores” para distingui-los dos livros proféticos que são encontrados posteriormente no Antigo Testamento, sob os nomes de homens profetas. Tomam o nome de profetas pelo fato de narrar a história contida neles da perspectiva profética: fazer avaliações, diante de Deus, dos personagens e eventos registrados; narrar somente eventos e pessoas chaves; e focalizar sempre a atuação de Deus dentro da história. Os autores não teriam de ter ocupado o ofício de profeta mas de ter tido o dom profético. Um levita ou um sacerdote, por exemplo, podia ocupar seu ofício não profético mas também ter o dom de profecia(II Cr 20.14). Samuel era juiz, mas ocupava o ofício adicional de profeta e oficiava cerimônias sacrificiais, uma função sacerdotal. A classificação, então, focaliza o dom profético do autor e a maneira de abordar o assunto.

Segundo o cânone cristão, com base na Septuaginta, Josué é o primeiro dos doze livros históricos. Esta maneira de classificar os livros parece olhar-lhes sob o prisma do tipo literário observado neles, o de narrativa histórica. Alguns estudiosos modernos preferem juntar Josué com o Pentateuco e assim falar do Hexateuco. Ainda outros desses dizem que os livros de Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel e Reis formam uma unidade que designam como “A Obra Histórica Deuteronomista”. Por isto, os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico e Números devem ser também considerados como uma unidade, designada de “Tetrateuco”. Embora haja algum valor em estudar tais teorias, parece-nos melhor manter a unidade do Pentateuco, agrupando Josué com os livros que o seguem.

### **2. O Seu Nome**

O livro é universalmente designado pelo nome do seu herói maior, que domina o cenário do começo ao fim do conteúdo. O nome no original significa “Salvação de Iavé” ou “Iavé é Salvador”. Equivale ao nome “Jesus”, proveniente do grego(através do latim) que dependia do aramaico, que por sua vez dependia do hebraico. Tanto na Bíblia Hebraica como na Septuaginta o nome do livro é o mesmo, Josué.

### **3. A Sua Autoria**

A – O autor de Josué é desconhecido. O texto em 24.26 diz, “Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus”, o que na superfície poderia ser tomado como indicação do autor do livro todo. Torna-se claro, contudo, que a referência aponta para a aliança registrada em 24.2-25. Como é claro no caso do Pentateuco é também evidente que alguém registrava os acontecimentos principais da história de Israel enquanto aconteciam.

B – Tradicionalmente Josué tem sido tomado como o autor. As evidências dentro do próprio texto apontam para uma testemunha ocular de certa parte dos eventos registrados no livro:

1. O uso da primeira pessoa no texto hebraico em 5.1: “... até que passássemos...” e 5.6: “... prometera a seus pais nos daria...”, embora no primeiro caso alguns manuscritos leiam “passassem”.

2. O pronome “vosso” em 15.4 sugere escrito autobiográfico, pois o autor se apresenta como encarregado se dirigindo aos homens de Judá na segunda pessoa do plural.

3. Referências à “grande Sidom” em 11.8 e 19.28 e aos fenícios pela designação “os sidônios” em 13.4-6 sugerem uma data anterior ao século XII a.C. quando Tiro tomou o lugar de Sidom como a cidade principal dos fenícios. Josué teria liderado na conquista em torno de 1280 ou 1240 a.C., um século antes da ascendência de Tiro.

4. O fato de os Filisteus não serem mencionados no livro como uma grande ameaça aos hebreus indica uma data anterior a 1200 a.C., quando deu a chegada maciça ao litoral ocidental de Canaã dos filisteus. Segundo 11.21 são os anaquins, não os filisteus, que habitavam as cidades que posteriormente foram tomadas pelos filisteus. Os filisteus, indicados no livro de Juízes entre os maiores inimigos de Israel depois de Josué também não constam da lista dos principais habitantes da terra em 12.8, o qual reflete os tempos da conquista.

C – Existem, por outro lado, referências textuais que sugerem uma data posterior ao período de Josué.

1. O relato da sua morte em 24.29,30.

2. Eventos que aconteceram posteriormente à morte de Josué, como a conquista de Hebrom por Calebe: Josué ordenou que o lugar fosse dado a Calebe, segundo 15.13,14, mas segundo Juízes 1.10 e 20 a tribo de Judá conquistou Hebrom dos cananeus e assim a família de Calebe tomou posse do lugar, no período após Josué. Parece que a linguagem de Josué 15.13,14 reflita um autor que olha para trás para registrar quando foi cumprida a ordem de Josué. A migração da tribo de Dã para Lesem bem ao norte de Canaã é mencionada em 19.47, mas o acontecimento deu-se no período de juízes e é registrado em Juízes 17 e 18.

3. A expressão “até os dias de hoje” usada repetidamente no livro claramente indica um autor de uma época bem diferente do período do homem Josué. A frase é encontrada em 4.9; 6.25; 7.26; 8.28; 9.27; 10.27; 13.13; 14.14; 15.63 e 16.10.

4. A menção em 10.13 da antiga fonte, “O Livro dos Justos”(ou literalmente “de Jassar”), parece apontar para trás da perspectiva de um autor, ou editor, que teria vivido bem depois de Josué. O Livro dos Justos existia no período do Rei Davi(II Samuel 1.18), e parece uma composição feita pela ordem do rei quando Israel tornou-se um povo com governo central. Se fosse assim, teria sido citado pelo autor de Josué como indicação de fonte autorizada à qual o autor apelou. Se o Livro dos Justos não estivesse escrito no período de Davi, ainda estava em desenvolvimento, capaz de sofrer um acréscimo na época do rei.

5. Uma fonte usada pelo autor final do livro de Josué é mencionada em 24.26. É o relato da renovação da aliança com a terceira geração após a saída do Egito, relato escrito por Josué mesmo e citado em 24.2–25.

D – As evidências internas do texto inspirado apontam para a seguinte conclusão. Teria havido um autor das fontes básicas do livro, autor(ou autores) que era testemunha ocular dos eventos que descreveu. Este autor poderia ter sido o próprio Josué ou um sacerdote ou outro designado por Josué. O impulso atrás do esforço deveria ser atribuído à liderança de Josué, embora remonte ao exemplo e à ordem de Moisés. Também teria havido um outro autor, ou editor, de uma época posterior a Josué, no período do reino de Davi ou depois, que teria completado e atualizado o livro, levando-o à sua forma atual.

#### **4. O Seu Tema**

Não pode restar dúvida de que o tema do livro é “A conquista e a Divisão da Terra Prometida”. Ver 1.2; 12.7,24; e 13.7 como versículos-chaves neste sentido. As ênfases no texto do livro que são percebidas por uma leitura do livro todo também levam à esta conclusão.

#### **5. A Sua Natureza**

Uma vez levando em conta o destaque que a aliança tem no pentateuco, e sabendo a respeito dos itens envolvidos numa cerimônia de instituição e renovação, torna-se evidente que o livro de Josué consta de um livro de renovação da aliança. Êxodo registra a instituição da aliança com a primeira geração saída do Egito(cap.19–24). Deuterônimo registra a reiteração dos eventos e termos das alianças registradas em Êxodo, mas dentro de um contexto de levar ao registro da renovação daquela aliança com a segunda geração de Israel. Josué, por sua vez, registra os eventos que levaram à renovação da antiga aliança com a terceira geração(24).

#### **6. O Seu Esboço**

I – A Conquista da Terra Prometida(1–12).

A – A preparação para invadir a terra ao ocidente do Jordão(1–2).

B – A travessia miraculosa do Jordão(3–4).

C – A conquista da terra em três campanhas(5–12).

1. Canaã central(5.1–8.35).



2. Canaã ao sul(9.1–10.43).

3. Canaã ao norte(11.1–23).

D – Um sumário da conquista(12).

II – A Divisão da Terra Prometida entre as Tribos de Israel(13–22).

III – A Renovação da Aliança Mosaica com a Terceira Geração em Siquém(23–24)

## **ANEXOS**

### **A RENOVAÇÃO DA ALIANÇA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ATUALIDADE**

(Josué 24)

#### **INTRODUÇÃO:**

A missão de Josué já estava quase cumprida, o povo assentado, as cidades e territórios distribuídos. Josué estava diante do ideal de sua vida: cumprir a tarefa de conduzir o povo a terra prometida e liderou a conquista. Mas em seu coração havia um desejo bem especial que o levou a uma expressiva atitude de liderança e fé. Ao convocar o povo para um encontro em Siquém e desafiá-lo para um compromisso mais profundo com o Senhor, Josué nos deixa um legado histórico-espiritual incontestável. Uma vez que uma nova etapa seria experimentada pelo povo de Israel a checagem espiritual fez-se necessária. Sem contar o fato de que uma geração nova cresceu sob a liderança de Josué e precisava, ela mesma, de estreitar os seus laços com o Senhor. Note-se que a renovação da aliança com o Senhor foi uma atitude espontânea do povo e por esta razão ela fez diferença. Ao convidá-lo para meditar sobre este momento histórico na vida do povo de Israel desejo que nos seja permitido compreender as implicações desta renovação da aliança com a vida no limiar do século XXI. A minha intenção é levá-lo a uma atitude diante de Deus que o habilite a viver neste tempo fiel ao Deus Eterno. Que implicações tem a renovação da aliança com a nossa vida hoje? Em primeiro lugar a renovação da aliança entre o povo de Israel e Deus implica que .

#### **I – DEUS É FIEL EM CUMPRIR AS SUAS PROMESSAS(v.1–11).**

Os israelitas por diversas vezes precisavam ser lembrados desta importante característica de Deus: Um Deus fiel que sempre honra com as suas promessas. Nesta retrospectiva da história de Israel Josué os faz lembrar de como a fidelidade divina foi um fator decisivo na vida de seus antepassados. Os triunfos nas batalhas não foram resultados da capacidade militar ou do esforço de Israel. A terra em que agora habitavam não era produto de seu trabalho.

Esta história da fidelidade divina deve servir para a sustentação para a nossa fé, tanto hoje quanto amanhã. Nesta perspectiva não importam as circunstâncias que nos cercam, devemos confiar em Deus. Ele é capaz de cumprir todas as suas promessas no presente e no futuro com a mesma precisão que agiu no passado. Você conhece as promessas de Deus? Você crê na fidelidade divina? Em segundo lugar a renovação da aliança entre o povo de Israel e Deus implica que...

#### **II – AS VITÓRIAS ALCANÇADAS NA VIDA NÃO SÃO MEROS RESULTADOS DO ESFORÇO HUMANO(v.12).**

A intenção de Josué era evitar uma atitude de jactância ou exaltação nacional. Na retrospectiva ele confirma o conceito: Deus é o agente através do qual o povo conseguiu suas vitórias. O mesmo princípio nos leva a considerar também que as derrotas, muitas vezes, são motivadas pela desobediência à sua vontade soberana.

O tempo em que vivemos é marcado por uma atitude de autopromoção. As pessoas são conduzidas a pensar e agir como se fossem o centro do universo. Frequentemente nossa comunicação utiliza os seguintes termos: "eu fiz", "eu sou", "eu posso", "meu dinheiro", "meu trabalho", "minha conquista pessoal", "fruto do meu esforço", etc. Lembre-se deste princípio: Deus continua interessado em ser o agente através do qual você alcançará êxito em todas as áreas de sua vida. Em terceiro lugar a renovação da aliança entre o povo de Israel e Deus implica que...

#### **III – DEUS NOS SUSTENTA E NOS FARTA DE BENS DESTA MUNDO(v.13).**

A história do povo de Israel revela a providência e a graça divina dispensada sobre aqueles que o temem. Deus havia provido os israelitas de terra, cidades e produtividade no terreno em que estavam cultivando. Deus opera sinais diante dos nossos olhos(v.17) para serem reconhecidos e lembrados. Racionalizar e esquecer os grandes sinais do Senhor, sempre tem sido a causa do abandono de Deus e da murmuração.

Aprendemos assim o princípio da providência divina e devemos entender que os bens que

possuímos e o sustento que entra diariamente em nosso lar é um testemunho constante da generosidade divina para conosco. Recebemos tanto do Senhor que não temos razão de fazermos qualquer murmuração contra ele. Sejam agradecidos por sua providência. Em quarto lugar a renovação da aliança entre o povo de Israel e Deus implica que...

#### **IV – DEUS ESPERA QUE O SIRVAMOS COM SINCERIDADE(v.14–15).**

Ao renovar a aliança com Deus aquela geração israelita(terceira) assume solenemente algumas responsabilidades como: a) temer ao Senhor = honrando e respeitando Sua vontade em tudo. b) Servir ao Senhor = dando-lhe honestamente, com toda fidelidade, aquilo que Ele quer. c) Escolher ao Senhor = dando-lhe o primeiro lugar na vida. A fidelidade requerida pelo Senhor é absoluta. Os israelitas precisaram lançar fora os deuses estranhos para servir ao Senhor com sinceridade. O que você precisa abandonar para servi-lo verdadeiramente? A indecisão na vida espiritual é um erro fatal para os cristãos de hoje. Cada dia de nossa vida precisa ser marcado pela decisão sábia de servir a Deus. Em quinto lugar a renovação da aliança entre o povo de Israel e Deus implica que....

#### **V – DEUS EXIGE EXCLUSIVIDADE RELACIONAL CONOSCO(v.23).**

A geração de israelitas que havia participado da conquista da terra prometida(v.16) aceita uma aliança com o Senhor, semelhante aquela que seus pais se comprometeram a cumprir no Sinai(Êx.24;7–18; 34:27–28). Aqui neste contexto de pacto destaca-se a exigência divina de exclusividade no relacionamento com seus filhos-adoradores. Além de uma atitude exterior(abandonar os ídolos), deveria haver também uma disposição interior. Inclinando o coração para Deus é servir com integridade, sinceridade, verdade, com inteireza do ser.

Qual é o nível do seu relacionamento com Deus? Você anda meio dividido? Sente que não está agradando ao Senhor? Pois bem meu conselho é que você jogue fora os “deuses estranhos” e incline o seu coração para o Senhor e assim apresente sua vida consagrada como uma oferta de amor. Lembre-se Deus exige exclusividade. Ele não quer corações divididos. Ele não quer culto parciais nem tampouco vidas incoerentes.

#### **CONCLUSÃO:**

Ainda que o povo de Israel achasse impossível abandonar a Deus, por causa de tudo que Ele fez a favor desta nação, a história de Israel, logo no livro de Juízes, indica que um reconhecimento das fraquezas, e humildade teriam sido mais recomendáveis. A falta de perseverança no caminho do Senhor, em grande parte deve-se ao fato de que os pais deixaram de praticar e ensinar a seus filhos dentro de seus lares. Isto Josué prometeu fazer(v.15), sabendo que o culto verdadeiro começa em casa.

Gostaria de sugerir que reconheçamos as nossas falhas e fraquezas e assim nos posicionemos humildemente diante deste Deus, que cumpre as suas promessas, e na dependência dEle procuremos viver uma vida dedicada sabendo que: **1) Ele é fiel em cumprir as Suas promessas. 2) As vitórias alcançadas na vida não são meros resultados do esforço humano. 3) Ele nos sustenta e nos farta de bens deste mundo. 4) Ele espera que O sirvamos com sinceridade. 5) Ele exige exclusividade relacional conosco.**

#### **O LIVRO DE JUÍZES**

##### **1. O Seu Nome**

A palavra hebraica traduzida por “Juízes” significa “os que julgam ou governam”(líderes), “libertadores”, ou “salvadores”. O livro recebeu o nome de Juízes por causa do caráter do trabalho dos seus heróis, pessoas levantadas por Deus para salvar as tribos de Israel dos seus(2.16). Essas pessoas, além da sua função em alguns casos de julgar o povo(4.4–5), executavam o julgamento de Deus sobre os opressores de Israel(11.27). De modo geral eram os juízes eram líderes e libertadores(3.9–10). W.S. LaSor diz da palavra: “È relacionada às palavras fenícia e ugarítica que ajudam a esclarecer o seu sentido. Os romanos referiam-se aos governantes de Cártago como sufes ou sufetes... Lívio comparava-os ao cônsul romano... A história ugarítica de Anate contém o seguinte dístico: ‘nosso rei é Alian Baal’. ‘Nosso juiz, não há outro acima dele’ (51.n 43sg)(1).

##### **2. O Seu Lugar no Cânon**

No cânon judaico Juízes é o segundo livro dos Primeiros Profetas. Em nosso cânon, é o segundo dos livros históricos. Continua a história registrada em Josué e prepara o leitor para entender as narrativas dos livros de Samuel.

### **3. O Seu Tema**

É a história dos juízes(2.12–19; 3.7–11).O livro de Juízes relata o governo de treze juízes sobre Israel desde a morte de Josué até os dias de Eli e Samuel. Os israelitas constantemente desobedeciam a Deus e caíam nas mãos de países opressores. Estes juízes foram constituídos por Deus para os livrar da opressão. Aproveito a sugestão de Giuseppe Grocetti e destaco como tema a seqüência: “pecado, punição, súplica e o envio de um salvador”. O livro traz pelo menos duas lições: 1) Pecado leva castigo, mas arrependimento leva libertação e paz; 2) Aquele que é dedicado a Javé pode ser usado por ele.

### **4. O Seu Caráter**

O livro narra a época mais escura de toda a história de Israel. A vida moral era de nível baixíssimo e a vida religiosa estava em condição sincrética. Javé era considerado o Deus do povo, mas muitas vezes ele foi cultuado como um dos baalins. Outras vezes o povo simplesmente cultuava os baalins. Astarote(I Rs 11.5) era a deusa associada a Baal(2.11,13). Os baalins foram realmente expressões de Baal em vários lugares. Esse Baal era o deus da fertilidade(Os 2.5–13; 4.10–14; Am 4.4–8; I Rs 17.1; 18.1,41–45), sendo senhor das tempestades as quais traziam as chuvas à terra, concorrendo para a colheita e fecundidade do gado e do rebanho. O nome “Baal” significa “o senhor”, “o marido”, ou “o possuidor”, e esse fato fazia com que os israelitas perdessem facilmente a distinção entre Javé, seu senhor, e o Baal(senhor) daquele lugar. Segundo as descobertas de Ugarite do século 14 a.C. Baal eqüivale ao deus mesopotâmico de tempestade, Hadade. Provavelmente fosse filho de um dos deuses irmãos de El, o deus altíssimo(2).

Os historiadores sagrados que compuseram os livros de Josué a II Reis delineavam a filosofia da história deuteronomica, assim chamada por que sua expressão mais clara se acha em Deuteronomio. O seu princípio básico é o da divina retribuição: que Deus em Sua providência galardoa a nação em correspondência direta com a fidelidade de seu povo. Obediência à vontade de Deus produz prosperidade e bênção, enquanto que a desobediência leva o povo à adversidade e castigo(Jz 2.6–23). Quando as tribos mantinham sua fidelidade a Javé e ao pacto do Sinai, elas estavam unidas e fortes. Mas quando desciam ao baalismo, sua unidade se perdia , tornando-se divididas e fracas. Essa filosofia se expressa da seguinte maneira em Juízes: o povo pecava e se afastava do seu Deus, e, como resultado, caía nas mãos dos seus opressores; pelo arrependimento e clamor a Deus, vinha a libertação, por meio dos homens chamados “Juízes”. Deus sempre ouvia as súplicas do povo e os livrava.

### **5. A Sua Autoria e Data**

1. É obra anônima, embora haja um tradição judaica de que fosse escrita por Samuel.
2. Semelhante a Josué há elementos anteriores e posteriores do livro.

Anteriores:

- a. O cântico de Débora(cap. 5).
- b. Os Jebuseus em Jerusalém(1.21, cf. II Samuel 5.6–9)
- c. Sidom ainda é a cidade principal da Fenícia(3.3). Tiro tornou-se cidade principal no século doze a.C.
- d. Os cananeus estavam ainda em Gezer(1.29).

Posteriores:

- a. Siló tinha sido destruída(18.31 [cerca de 1100 a.C.]; I Sm 4.12; 7.2; Jr 7.14; Rs 14.4).
  - b. Implicação de uma data durante o período da monarquia(17.6; 18.1; 21.25).
  - c. Implicação de uma data depois do início das invasões assírias(18.30 [740 a.C., II Rs 15.17–22]).
3. Segundo alguns a sua composição teria seguido o seguinte desenvolvimento:
    - a. Tradições orais, do século décimo segundo ao século décimo antes de Cristo.
    - b. Tradições escritas, do século décimo segundo ao nono século antes de Cristo.
    - c. Forma final, cerca do sexto século antes de Cristo(LaSor, p.221).

### **6. O Seu Esboço(3)**

#### **INVASÃO DE CANAÃ – 1:1–2:5**

Vitória de Judá e Simeão. 1:1–21

Vitórias de outras tribos. 1:22–36

O sacrifício em Boquim. 2:1–5

#### **O REINADO DOS JUÍZES – 2:6–16:31**

**Introdução à história dos juízes. 2:6-3:6**

A morte de Josué. 2:6-10

Apostasia de Israel. 2:11-19

Israel e seus vizinhos. 2: 20-3:6

Otoniel, o primeiro juiz. 3:7-11

A opressão por Cusã-Risataim. 3:7,8

O livramento por Otoniel. 3:9-11

Eúde, o segundo juiz. 3:12-30

A opressão por Moabe. 3: 12-14

O livramento por Eúde. 3:15-30

Sangar, o terceiro juiz. 3:31

**Co-regência, Débora e Baraque, quarto e quinto juízes. 4:1-5:31**

A opressão pelos cananeus. 4:1-3

O livramento por Débora e Baraque. 4:4-5:31

A derrota de Sísera. 4:7-24

O cântico de Débora. 5:1-31

Gideão, o sexto juiz. 6:1-9:57

A opressão por Midiã. 6:1-6

O livramento por Gideão. 6:7-8:35

A mensagem do profeta. 6:7-10

A chamada de Gideão. 6:11-32

A invasão midianita. 6:33 -7:14

A vitória dos israelitas. 7:15-8:21

Gideão recusa tornar-se rei. 8:22,23

Um lapso de Gideão e apostasia em Israel. 8:24-35

Reinado abortivo de um filho de Gideão, Abimeleque. 9:1-57

**O rei de Siquém. 9:1-6**

A fábula de Jotão. 9:7-21

A insurreição dos siquemitas. 9:22-49

A campanha contra Tebes. 9:50-57

Tola, o sétimo juiz. 10:1,2

Jair, o oitavo juiz. 10:3-5

Jefté, o nono juiz. 10:6-12:7

Uma opressão pelos Filisteus e Amonitas. 10:6-17

O livramento por Jefté. 11:1-12:7

A campanha contra os Amonitas. 11:1-28

O voto de Jefté e o seu cumprimento. 11:29-40

Jefté e a contenção dos Efraimitas. 12:1-7

Ibsã, o décimo juiz. 12:8-10

Elom, o décimo primeiro juiz. 12:11,12

Abdom, o décimo segundo juiz. 12:13-15

Sansão, o décimo terceiro juiz. 13:1-16:31

O nascimento de Sansão. 13:1-24

A mulher de Timna. 14:1-15:8

Um aprisionamento e retaliação de Sansão. 15:9-20

A prostituta de Gaza. 16:1-3

Dalila. 16:4-22

A morte de Sansão. 16:23-31

**APÊNDICES – 17:1-18:31****Relocalização dos Danitas. 18:1-31**

Mica e o Levita. 17: 1-13

A remoção dos Danitas. 18:1-31

A ofensa de Gibeá. 19:1-21:25

O levita e sua concubina. 19:1-30

A assembléia de Israel em Mispá. 20:1-7

Israel resolve punir os transgressores. 20:8-11  
As guerras de Israel contra Benjamim. 20:12-48  
Moças para Benjamim. 21:1-25

## ANEXOS

### O ESTABELECIMENTO DO POVO EM CANAÃ

(Juízes 1.1-2.5)

O estabelecimento dos israelitas na Terra Prometida fornece-nos alguns detalhes da manifestação divina na vida do seu povo. No texto encontramos várias lições práticas importantes para nosso crescimento na vida cristã. Destaco as seguintes:

**1. O estabelecimento dos israelitas em Canaã ensina que devemos consultar ao Senhor antes da realização de qualquer empreendimento humano(v.1,2).**

Foi feita uma consulta ao Senhor para ver que tribo ou tribos liderariam o ataque contra os cananeus. Judá foi a escolhida. O Senhor nunca nos deixa sem uma orientação. Só devemos realizar qualquer ação depois que o Senhor disser "sim".

**2. O estabelecimento dos israelitas em Canaã ensina que devemos unir nossas forças na realização do trabalho de Deus(v.3-7).**

A tribo de Judá contou com o apoio da tribo de Simeão para atacar e expulsar os cananeus e perizeus. O Senhor os entregou na mão do seu povo. A igreja de Jesus Cristo precisa estar unida para cumprir sua missão. Na igreja primitiva havia íntima comunhão. "todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum"(At.2.44).

**3. O estabelecimento dos israelitas em Canaã ensina que se Deus é por nós, ninguém pode nos vencer(v.4,17-19).**

O Senhor entregou nas mãos de Judá e Simeão todos os seus inimigos. Através das vitórias constantes, todos sabiam que o Senhor estava com eles. O apóstolo Paulo afirma que somos mais que vencedores, por aquele que nos amou. Nada pode nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor(Rm 8.37-39).

Neste trecho vimos que você deve consultar o Senhor antes da realização de qualquer empreendimento. Por outro lado é necessário que você esteja aberto(a) para a necessidade de cooperação, pois neste mundo dificilmente fazemos as coisas sozinhos. Diante dos desafios da vida, tenha fé que, se Deus está do seu lado, ninguém poderá vencê-lo. Seja zeloso nas coisas espirituais, pois somente assim você cumprirá todas a justiça de Deus. Não se esqueça que Deus é justo e visita com castigo à infidelidade daqueles a quem ele ama. Seja sincero em seu estado de arrependimento quando peca contra Deus. A confissão de culpa superficial não produz efeito duradouro em sua vida.

### LIÇÕES EXTRAÍDAS DO PERÍODO DOS JUÍZES

(Juízes 2.6-21-25)

Vejamos algumas lições práticas que o período dos juízes de Israel apresenta para nós. Deixe estes princípios espirituais se tornarem uma realidade em sua vida!

**1. O período dos juízes ensina que as promessas de Deus precisam ser possuídas pelo seu povo(2.6).**

As tribos de Israel precisaram lutar para possuírem a terra prometida. Nós queremos as promessas de Deus, mas não lutamos pelo seu cumprimento em nossas vidas. Todas as conquistas espirituais envolvem esforço, luta e confiança total em Deus(Josué 1.9).

**2. O período dos juízes ensina que o povo de Deus precisa de líderes comprometidos com o Senhor(2.7).**

Enquanto Josué e os anciãos ligados a Ele eram vivos, o povo de Israel serviu ao Senhor. Um líder comprometido com o Senhor pode conduzir toda uma nação a um genuíno despertar espiritual(I Reis 18.20-40).

**3. O período dos juízes ensina que a falta de liderança espiritual firme conduz o povo a um completo esquecimento de Deus(2.10).**

Com a morte de Josué e dos anciãos ligados a ele, levantou-se outra geração que não conhecia o Senhor. O profeta Ezequiel ensina que as ovelhas se espalharam, por não haver pastor; e se tornaram pasto de todas as feras do campo, porquanto se espalharam(Ez34.5).

**4. O período dos juízes ensina que a ira do Senhor se acende contra os cristãos infiéis(2.14-15).**

A mão do Senhor passou a ser contra os israelitas para o mal. Eles começaram a viver uma grande aflição na terra prometida.

### **5. O período dos juízes ensina que Deus atende o clamor sincero dos seus filhos(2.16–18).**

A Bíblia informa que o Senhor se compadecia dos israelitas em razão do seu gemido por causa dos que os oprimiam e afligiam. Em resposta, suscitava Juízes que livravam o povo da mão dos que os despojavam. Em qualquer circunstância da vida, devemos lembrar que “a benignidade do Senhor jamais se acaba, as suas misericórdias não têm fim”(Lm 3.22).

Nesta secção vimos que as promessas de Deus são conquistadas por você através do combate da fé. Deus chama você para um comprometimento total com ele, através da fé em Jesus Cristo. A falta de uma liderança espiritual firme nas igrejas hoje em dia é a causa do afastamento contínuo de cristãos em relação a Deus. Mas a ira do Senhor está acesa contra aqueles que vivem de maneira infiel. Se este é o seu caso, clame ao Senhor com sinceridade, e ele atenderá a sua oração. Seja sóbrio e vigilante em todos os seus procedimentos, porque Deus prova sua lealdade a ele constantemente.

## **O LIVRO DE RUTE**

### **1. O Seu Tema**

A história de Rute é o tema do livro. Esta é uma história simples que nos ensina das bênçãos que vieram à moabita Rute(Gênesis 19.37; Nm 21.13) em razão do seu amor para com o povo e o Deus de Israel. Explica-nos também o papel desta moabita na linhagem de Davi, o grande rei de Israel. Trata da transformação de uma moabita pela qual ela tornou-se bisavó de Davi(4.13,17). Mostra-nos a liderança oculta da providência de Deus na vida de uma família(2.3), preservando-a para Israel. Desta veio o grande Davi e posteriormente o maior(segundo) Davi.

### **2. O Seu Lugar no Cânon**

O tempo de Rute era da época dos Juízes(1.1). Em virtude desse fato traduções da Bíblia desde a Septuaginta até agora vem colocando o livro após o de Juízes. Entretanto, a posição de Rute na Bíblia Hebraica entre os Escritos nos aponta à probabilidade de que foi escrito posteriormente no período vetero-testamentário(1.1; 4.7). Isto nada implica contra nem a antigüidade da matéria do livro nem a sua inspiração. Nada sabemos do autor humano.

### **3. O Seu Esboço**

I – Rute escolhe o povo e o Deus de Israel, cap. 1(1.16).

II – Providencialmente Rute encontra-se com Boaz e acha o seu favor,cap.2(2.3,8,10–11).

III – Rute pede casamento a Boaz, e o pedido é providencialmente prosperado, cap. 3(3.1,2,4,8–13).

IV – Rute casa-se com Boaz, e o casamento é providencialmente abençoado, cap. 4(4.1–10,13,17).

Notemos que através da longaminidade da fé de Noemi, Rute foi convertida ao único e verdadeiro Deus(1.15–17). O contraste entre a amargura da sua experiência de perda e a doçura da sua recompensa posterior pode se ver na história de Noemi. Notemos a recompensa vista nas bênçãos que vieram para e por meio de Rute:

1. Rute tornou-se adoradora de Javé(1.16).

2. Rute tornou-se parte de Israel(1.16).

3. Rute tornou-se sustentadora de Noemi(2.2,17–19).

4. Rute tornou-se esposa de Boaz(4.9–12).

5. Rute tornou-se mãe de Obede(4.13–17).

6. Rute tornou-se bisavó de Davi(4.8–22).

7. Rute tornou-se avoenga de Cristo(Mt 1.5; Lc 3.32).

É preciso estudar a questão do resgatador(Rute 3.9,12; 4.2,3,5,10) em face do requerimento de Números 36.7–9 e a sua ampliação em Deuteronômio 25.5–10.

## **LIÇÕES APRENDIDAS COM A HISTÓRIA DE RUTE**

A história de Rute apresenta um aspecto diferente da vida durante o período dos Juízes. O livro relata as tristezas e alegrias de uma piedosa família de Belém. Rute, a moabita, que passou a adorar o Deus de Israel, exibiu uma fé e uma lealdade rara naquele tempo em Israel. Depois da tristeza de perder seu primeiro marido, Rute retornou a Belém com sua sogra e realizou um casamento feliz com Boaz. Desse modo ela veio a ser uma antepassada do rei Davi. Seu nome figura na genealogia de Jesus Cristo. Eis alguns princípios práticos que podem servir de estímulo para o seu crescimento espiritual:

### **1. A história de Rute ensina que nem sempre as coisas acontecem como planejamos(1.1-5).**

O texto mostra que não havia em Elimeleque e sua família a intenção de uma migração permanente no país de Moabe. Eles foram peregrinar para manter a vida e acabaram se deparando com a morte. O amanhã não nos pertence; portanto, não devemos inquietar-nos por causa dele. Basta a cada dia o seu mal(Mt 6.34).

### **2. A história de Rute ensina que as pessoas reagem de maneira diferente diante da mesma situação(1.8-14).**

Enquanto Orfa deu a Noemi o beijo de despedida, Rute se apegou a ela. A mesma causa que induziu Orfa a ir embora fez Rute permanecer: o fato de que Noemi não tinha filhos, nem esposo. Nós respondemos às circunstâncias de maneira pessoal e exclusiva. Tudo depende das motivações que trazemos dentro de nós no momento decisivo. A personalidade exerce um papel preponderante.

### **3. A história de Rute ensina o preço alto que precisamos pagar por causa da fidelidade a Deus e ao próximo(1.15-17).**

Rute declara sua devoção imorredoura a Noemi. Recusa-se a deixá-la naquele momento, ou em qualquer outra ocasião. A fidelidade, tanto a Deus como ao próximo, envolve sacrifícios. Aqueles que não querem passar por sofrimentos e privações dificilmente conseguirão demonstrar fidelidade em seu viver.

### **4. A história de Rute ensina que Deus recompensa o esforço que fazemos para demonstrar fidelidade a ele e ao próximo(4.9-12).**

Rute voltou com Noemi para Belém de Judá e fez um feliz casamento com Boaz. Desse modo veio a ser uma antepassada de Davi. Seu nome também figura na genealogia de Jesus Cristo. Ela tornou-se numa pessoa importante aos olhos dos homens e de Deus.

A história de Rute ensina que as coisas nem sempre acontecem na sua vida como você planeja.

Às vezes você chega a uma situação tal que a melhor alternativa é voltar às origens para recomeçar. Reconheça que as pessoas não iguais; por isso reagem de maneira diferente diante de uma mesma situação. Saiba que o preço que você paga pela fidelidade a Deus e ao próximo envolve renúncia, sacrifícios e até mesmo sofrimento. Nos momentos de provações, lembre-se que Deus recompensa todos o esforço de ser fiel a ele e ao próximo.

## **OS LIVROS DE SAMUEL**

### **1. O Seu Lugar no Cânon**

De acordo com o cânon judaico os dois livros de Samuel eram originalmente um só, e foram designados pelo nome de seu primeiro herói, Samuel. A divisão em dois livros teve origem com a Septuaginta. Nela os dois livros de Samuel e os dois livros de Reis são contados como quatro e designados de os livros dos reinos, I e II Samuel passando a serem chamados de o primeiro e o segundo livro dos reinos. A sua divisão em dois livros foi aceita nas edições da Bíblia Hebraica somente na Idade Média(cerca de 1448 depois de Cristo).

### **2. O Seu Tema**

É o estabelecimento do reino em Israel( I Sm 8.1,4-7,22; 10.24-25; 11.15; 12.1,6-15; 13.13-14; 16.1,13; II Sm 5.3,12; 17.16; 12.13-15,20,22).

### **3. O Seu Caráter**

Os dois falam do fim do tempo dos Juizes e dos primórdios da monarquia sob Saul e Davi. Parece que o seu propósito era registrar a fundação da monarquia hebraica. Relatam, portanto, a carreira de Samuel, consagrador de reis; a carreira de Saul, o rei infiel, que abandonando a aliança, se transformou em tirano; e a carreira de Davi, rei verdadeiramente teocrático, que fundou a dinastia permanente e válida de cuja descendência surgiria o Messias.

### **4. O Seu Esboço**

I – A juventude de Samuel e os seus primeiros tempos de atuação, I Sm 1-7(cerca de 1075 – 1035 antes de Cristo).

II – Samuel e Saul: unção, sucessos e rejeição, I Sm 8-15( cerca de 1050/45 – 1010 antes de Cristo).

III – Saul e Davi como rivais, I Sm 16-31.

IV – A posse de Davi e seu governo, II Sm 1-8( cerca de 1010 – 970 antes de Cristo).

V – Os conflitos na casa de Davi, II Sm 9-20( mais I Reis 15).

VI – Um apêndice, II Sm 21-24.

## 5. A Sua Autoria

O autor não poderia ter sido Samuel, porque eles falam da sua morte(I Sm 25.1) e de muitos eventos posteriores( I Sm 25.2–31.13 a II Sm 1–24). A menção dos “reis” de Judá em I Sm 27.6 mostra que o reino já estava estabelecido e tinha havido um cisma(II Reis 12.17,19). É provável que o livro tenha sido escrito algum tempo depois do cisma do reino e da morte de Salomão. Em I Crônicas 29.29 e II Crônicas 9.9; 29.25 se diz que os profetas Samuel, Natã e Gade escreveram narrativas das suas atividades:

1. Samuel = I Sm 1.20; 3.20; 7.6,9,15; 8.1; 19.20.

2. Natã = II Sm 7.2,4,17; 12.1,15,25; II Rs 1.8.

3. Gade = I Sm 22.5; II Sm 24.11.

O caráter do reino foi escrito por Samuel(I Sm 10.25). Estes escritos históricos e outros, incluindo poesias e cânticos( por exemplo II Sm 1.18ss; 3.33–34; 22. 1–51), teriam sido acessíveis ao autor.

## ANEXOS

### UM MODELO A SER SEGUIDO

I Samuel 7,1–17

Samuel foi o último e o maior dos juizes de Israel. Os textos bíblicos não o mostram como um comandante à frente de um exército, liderando homens em batalhas memoráveis. Samuel era um juiz diferente, embora Deus o usasse para libertar o povo também. Seu principal ofício era exercer a liderança civil e religiosa de Israel. Ele era sacerdote e profeta. Conduzia o povo de Deus, e transmitia ao povo as palavras do Senhor. A estatura moral e espiritual de Samuel dá-lhe credenciais de um dos maiores vultos da história israelita e do Antigo Testamento. O que podemos aprender com Samuel se de fato desejamos realizar um bom ministério?

#### 1. Precisamos dar prioridade a proclamação da vontade do Senhor(v.3).

A proclamação da palavra de Deus, advertindo o povo dos seus erros, e mostrando como pode voltar a Deus é responsabilidade séria do servo, seja ministro formalmente ordenado ou não. E como Deus precisa hoje de homens e mulheres que estejam prontos a falar a palavra divina, sem subterfúgios, ao povo.

#### 2. Precisamos dar prioridade ao ministério da intercessão(vv.5,8,9).

Samuel não negligenciava o ministério da intercessão. Embora fosse um homem muito ocupado, ele tinha tempo para a oração. Por que será que crescemos pouco, ganhamos poucas almas, somos fracos e necessitados? Porque oramos muito pouco. Este pensamento não é original mas é significativo: “muita oração, muito poder; pouca oração, pouco poder; nenhuma oração, nenhum poder”.

#### 3. Precisamos exercitar a disciplina da gratidão a Deus(v.12).

As bênçãos do Senhor sobre nossa vida, e sobre o serviço que prestamos são tantas que não podemos contar. Isto entretanto não deve nos impedir de agradecer e de fazê-lo com um coração humilde. Como agir convenientemente diante do Senhor sem mostrar-lhe nossa gratidão?

#### 4. Precisamos desenvolver o princípio da dedicação(vv.15–17).

O ministério de Samuel era exercido com dedicação total. Parece que ele não tinha férias, nem licença, e não reivindicava aposentadoria(conquanto que sejam necessárias). Ele ministrou andando por todo o Israel, e quando estava em sua cidade servia também. Nós fomos chamados das trevas para a luz de Cristo para dedicação exclusiva. Onde quer que estejamos, o que quer que façamos, somos servos de Cristo, ministros de Jesus.

#### 5. Precisamos manter viva a chama da devoção a Deus(v.17).

Samuel dava testemunho de sua fé em Deus em Ramá onde vivia. A edificação de um altar ali era um sinal de sua permanente e contínua devoção ao Senhor. Um dos grandes riscos do ministérios é que podemos ser consumidos pelos afazeres ministeriais e perdermos o senso e a prática devocional. A lição deixada por Samuel é de que não podemos deixar que se apague esta chama da devoção particular e pessoal.

A grandeza de Samuel deveu-se em grande parte à direção que seus pais deram à sua formação. Ele nasceu em atenção divina ao pedido de Ana, sua mãe. Quando chegou à idade em que não dependia tanto da mãe, Samuel foi levado à Siló, onde vivia o Sacerdote Eli, e estava a arca do Senhor. Ana entregou o seu filho, conforme prometera, adorando a Deus, e dizendo: “Por todos os dias que viver está entregue”(I Sm 1.28).



Embora criado por Eli, não se pode subestimar a influência exercida pela mãe na vida de Samuel. Principalmente quando nos lembramos a que ponto de maldade chegaram os filhos do sacerdote. O salmo que Ana entoou(I Sm 2) indica a profundidade da vida espiritual que ela cultivou e transmitiu a seu filho Samuel. O mundo de hoje, mais do que nunca, busca lideranças altamente qualificadas. O surgimento de lideranças assim depende muito dos pais crentes.

## **NA BOCA DA URNA**

**Por Jadai Silva de Souza**

Vivemos numa época histórica para o nosso país. Nos próximos dias, como bons cidadãos, compareceremos às urnas e com responsabilidade escolheremos os futuros líderes de nosso povo. Seu voto será disputado por todos aqueles que participarem do processo eleitoral e todos os meios serão utilizados para alcançá-lo. Mesmo quando a campanha oficialmente ainda não tinha sido iniciada muitos já haviam dado a largada na corrida eleitoral. Já ouvimos falar nas pesquisas eleitorais e neste ano em especial com a possibilidade da reeleição aumenta a expectativa daqueles, que no exercício de seu mandato, têm procurado realizar um boa administração. Questões político-partidárias à parte, devemos tomar todo cuidado com o ditado popular que diz que **a voz do povo é a voz de Deus** a fim de que não sejamos influenciados a eleger alguém que de fato não seja da vontade de Deus. Pois quando a voz do povo não é a voz de Deus os resultados são catastróficos pois o Senhor rejeita o povo infiel. Neste papo de boca de urna( aliás há que diga que a eleição se decide na boca da urna) desejo compartilhar com você alguns princípios aprendidos com a experiência do povo de Israel em sua primeira “eleição” onde percebemos claramente o que acontece quando a voz do povo não é a voz de Deus. A ferramenta que utilizaremos nesta tarefa é o texto bíblico de I Samuel 8:4-9.

Em primeiro lugar a voz do povo não é a voz de Deus quando as atitudes dos eleitores revelam uma profunda ingratidão(v.4). O argumento usado pelo povo para pedir um outro líder era que Samuel o líder(juiz) estava velho. Sabemos que Samuel foi um líder escolhido por Deus e que fora fiel no exercício do seu ministério como juiz, sacerdote e profeta. Representante do modelo teocrático este líder polivalente estava sendo recusado pelo povo por causa de sua idade. Se você ao ler as narrativas seguintes e encontrar um Samuel magoado não se assuste pois ele teve todas as razões para sentir-se assim. Eleição é coisa séria e não podemos recusar alguém por causa de sua idade. Por outro lado devemos mostrar gratidão àqueles que, servindo a Deus, têm feito algo em nosso favor. Essa ingratidão não se deu somente em relação ao homem que estava na situação mas também em relação ao próprio Deus. Isto significa dizer que com a rejeição do sistema político estabelecido por Deus, a teocracia, e optando pela monarquia o povo estava dizendo que um rei humano poderia ser melhor do que o próprio Deus Eterno. Ainda que a nossa vontade nos pareça agradável se nela houver qualquer espécie de ingratidão não poderá ser confirmada por Deus.

Em segundo lugar a voz do povo não é a voz de Deus quando os sentimentos dos eleitores são alimentados pela desconfiança(v.5). Os israelitas além de justificarem sua escolha de um novo rei por causa da idade avançada de Samuel ainda acrescentaram que os filhos deste líder não andavam nos seus caminhos. Sabemos que se o povo de Israel depositasse sua inteira confiança em Deus, não precisaria temer a má liderança dos filhos de Samuel. Durante esta campanha eleitoral, como tem ocorrido nas anteriores, uma estratégia dos marketeiros será alimentar o seu coração com a desconfiança e revelar o mar de lama(verdadeiro ou falso) que envolve a vida dos candidatos é um recurso indispensável. Alguns jargões que ouviremos e que infelizmente até repetiremos são esses: “política em nosso país é coisa suja”; “político é tudo igual”; “irmão vota em irmão”. Tenho certeza que se confiarmos em Deus encontraremos os caminhos a serem seguidos, sem precipitações e atitudes que só prejudicam o povo e a causa de Deus. Ainda que o povo tivesse razão sobre o caráter dos filhos de Samuel faltou confiança no Deus que sempre dirigiu e conduziu a nação. Caro irmão, não permita que a sua escolha eleitoral seja alimentada pela ingratidão, vingança ou desconfiança. O que podemos aprender com o povo de Israel é que ainda que os homens(políticos ou não) sejam falhos Deus é fiel e não devemos deixar que os erros dos homens nos condicionem a não confiar em Deus.

Em terceiro lugar a voz do povo não é a voz de Deus quando ela expressa uma conformação com

os padrões seculares(v.5). Não sabemos precisar até onde o secularismo perdeu sua influência com o advento do pós-modernismo. Mas é certo que tanto um quanto outro sistema filosófico tem em comum uma proposta de substituição de valores e crenças. Um propõe a eliminação dos conceitos ligados a Deus e apresenta o homem como centro das abordagens o outro propõe o abandono de todos os conceitos absolutos. No tempo de Samuel a motivação que levou o povo a escolha de um novo líder foi a necessidade de padronizar-se com as demais nações: "constituinos, pois, agora um rei... como o têm todas as nações". As nações ímpias e pagãs foram o modelo que Israel elegeu para si. O sistema de Governo, seguido desde a constituição de Israel como nação, não agradava ao povo ainda que funcionasse bem. Eles não tinham um rei humano, e recusavam o governo do Rei dos reis. Quando nos preocupamos em nos assemelharmos aos ímpios isso revela uma triste vaidade. Nosso modelo não está no mundo, mas em Cristo. O padrão para a nossa vida é revelado nas Escrituras. Com certeza os padrões humanos nem sempre são os melhores, por isso permaneçamos no padrão do Senhor e transformemos este mundo pela renovação do nosso entendimento. A nossa nação tem sentido violentamente as influências da globalização e quando formos as urnas precisamos dizer se queremos ou não tal modelo internacional de governo. O que o seu candidato pensa acerca dos padrões de Deus? Você sabe no que ele crê? O povo achou que Saul seria um ótimo rei e o elegeu. Tempos depois a infidelidade de Saul trouxe sérias conseqüências. Pense nisto!

Em quarto lugar quando a voz do povo não é a voz de Deus a conseqüência é a rejeição a Deus(v.7). "Não é a ti que me tem rejeitado, porém a mim". Pior do que rejeitar a liderança de um homem dedicado é recusar a companhia de Deus. O líder entristece-se quando descobre que o povo não o quer. Preocupa-se porém muito mais, quando verifica que o povo tem rejeitado a Deus. Queridos eleitores não sejamos culpados deste pecado. Tomemos cuidado com as aparências. O povo de Israel achou que a Monarquia era melhor que a Teocracia, e logo percebeu os efeitos desta rejeição ao sistema político divino. Em nosso país vivemos no regime chamado de Democracia que significa **o governo do povo exercido pelo povo e para o povo** e se este povo continuar rejeitando a Deus com sua idolatria e seus pecados ainda teremos que realizar muitas eleições para que a Palavra de Deus se cumpra em nós. Pois "feliz é a nação cujo Deus é o Senhor". Será que estamos levando a sério nosso relacionamento com Deus como cidadãos na ordem política? O quadro político é alarmante, porque alarmante também está a vida espiritual do povo, incluindo líderes políticos de nossa nação. O povo não mediu as conseqüências do que fez. Samuel alertou, mas não foi ouvido. Ao orarmos pedindo por um presidente, governadores, senadores ou deputados, meçamos as conseqüências dessa escolha sobre a vida da família, igreja e nação.

Ao iniciar este papo de boca de urna mencionei um ditado popular e procurei destacar algumas das possibilidades quando ele se torna uma premissa falsa. Agora desejo em poucas linhas apontar direções para que tal ditado assim como suas possíveis implicações tornem-se uma realidade na vida do povo brasileiro(povo este que neste ano marcado também pela disputa do mundial começa a sonhar com o Penta embalado em outro ditado que diz que "Deus é brasileiro"). Ele que é o Senhor do universo quer ser também o Senhor do Brasil. Quero conduzi-lo agora a um momento que antecedeu ao período áureo da monarquia em Israel quando no reinado de Salomão Deus lhe orienta sobre algumas condições para que a "voz do povo seja a voz de Deus". Observe a narrativa de II Crônicas 7.14 e os versos próximos e veja como Deus garante atender a voz do seu povo se ele agisse de acordo com alguns princípios.

Numa aliança entre Deus e o povo(representado por seu líder Salomão) temos as indicações que precisamos para corrigir a rota de nosso país. A priori poderá parecer simplório este modo de argumentar. Eu sei que você tem o direito de questionar e de duvidar que eles sejam a solução para os problemas complexos de nosso país. Mas lembre-se eles são princípios norteadores e não receitas miraculosas e mágicas. Por outro lado, eu o desafio a colocar em prática estes princípios em sua própria vida. Em nossa histórica política nos parece que o tempo dos "salvadores da pátria" já passou e o que queremos são governantes que governem por princípios. A vida da nação israelita seria restaurada se o povo observasse quatro princípios existenciais.

Para que a voz do povo seja a voz de Deus é necessário buscar uma vida marcada pela

humildade. Humilhar neste verso da Bíblia é um verbo aplicado ao indivíduo e este é um exercício onde reconhecemos nossas próprias limitações. Este verbo não pode ser aplicado as outras pessoas, ou seja não podemos humilhar os outros. Devemos buscar uma vida onde a soberba e a presunção dêem lugar para o exercício da humildade. Lembremo-nos de que “Deus dá graça aos humildes, porém resiste aos soberbos”. Lembremos de Cristo que nos desafia ao viver humilde e que nos apela ao coração dizendo: “bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”. O povo brasileiro se desejar ter sua voz confirmada por Deus precisa trilhar os caminhos da humildade seja na vida pessoal, seja nas escolhas eleitorais.

Para que a voz do povo seja a voz de Deus é necessário ter uma vida marcada pela oração.

Talvez os tecnocratas e especialistas em administração pública me achem ridículo em apontar este princípio como norteador da vida uma nação. Mas saibam senhores a Bíblia orienta que devemos interceder pelos governantes e pelas autoridades porque eles estão no poder porque Deus assim o permite. No caso específico de Israel o exemplo usado por Deus para demonstrar sua disposição em atender não somente um sistema de governo, como o governante e sua nação foi uma tríplice calamidade: seca, gafanhotos e peste. Qualquer governo decretaria estado de calamidade pública e apalaria para todas as alternativas. Deus sugere um caminho: a intercessão. Os cristãos não somente são responsáveis por eleger seus líderes, devem pagar os impostos, preservar o patrimônio público, observar as leis e acima de tudo devem orar e continuar orando para que Deus dê sabedoria aos líderes e quando necessário aja poderosamente fazendo o que é impossível ao homem realizar.

Para que a voz do povo seja a voz de Deus é necessário praticar os ensinamentos da Palavra de Deus. Nas tentativas de solucionar as dificuldades sejam públicas ou privadas vários são os caminhos, ou atalhos que alguém pode tomar. Se mapearmos as necessidades de nosso país encontraremos um sem número de problemas dos crônicos aos mais suaves. Surpreendam-se senhores a Bíblia pode ajudá-los a governar e serem governados por princípios justos e equidistantes. Os cristãos a temos como nossa carta magna e esperamos que nossa nação deixe de consultar os astros, os oráculos, videntes, etc. e busque na BÍBLIA os valores e princípios que serão úteis neste processo de reconstrução nacional. Note bem que a ênfase não se dá a leitura ou ao conhecimento e sim à prática dos ensinamentos. Têm sido comum presentear autoridades recém-eleitas

com exemplares da Bíblia e embora recebidas em seus gabinetes são abandonadas ou então adota-se a filosofia daquele que diz: “Bíblia você tem as respostas para os meus problemas. Você é demais. Estou contigo e não abro!” E não abre mesmo. Por outro lado, nos meios cristãos ainda ouve-se queixas sobre a ausência de ação governamental em áreas fundamentais e resistesse muito a idéia da criação de ONG’s que possam operacionalizar uma prática de Ação Social Cristã.

Para que a voz do povo seja a voz de Deus é necessário uma mudança radical patrocinada por Deus. A Bíblia chama esta mudança de conversão que significa experimentar uma vida nova, marcada por novos valores, novos princípios, novas expectativas e novas prioridades. Quem realiza esta mudança é Deus e o território onde ele trabalha é no coração do homem. Temos vivido uma expectativa acerca das reformas no governo e algumas ainda não emplacaram pois segundo dizem os entendidos “falta vontade política”. Cremos que a reforma mais radical que o Brasil precisa passar não é nem a da Previdência, Política ou da Economia (conquanto que sejam importantes). Cremos que o povo brasileiro precisa não somente de líderes comprometidos com o Deus da Bíblia como também precisa deixar os caminhos tortuosos do pecado e de uma religiosidade aparente e distante dos valores éticos e morais. Cremos que o brasileiro precisa deixar Deus dar um jeito em sua vida ao invés de ficar tentando dar um “jeitinho” em tudo. Deus promete restaurar e abençoar a vida dos indivíduos, líderes e nações que praticarem estes princípios. Eu creio no que ele promete e você?

Ao chegar diante da urna eleitoral(seja eletrônica ou convencional) não aceite nenhuma pressão nem vote segundo as pesquisas. Não deixe para escolher os seus candidatos na última hora.

Assista aos debates, leia, interesse-se pelos argumentos, não seja participante de nenhum curral eleitoral, vote com a consciência tranqüila e em quem de algum modo preenche os requisitos

básicos para liderar seu estado e sua nação. Lembre-se de que os congressistas nos representam e são importantes na conjuntura política e que a responsabilidade de fazer ou corrigir as leis estarão sobre seus ombros. Lembre-se que os chefes do executivo neste misto de presidencialismo e parlamentarismo dividem o poder e as vezes competem pelo poder e assim sendo aumenta a nossa responsabilidade nesta eleição. Que Deus nos abençoe!

## **OS LIVROS DOS REIS**

### **1. O Seu Lugar no Cânon**

Semelhantemente ao caso dos livros de Samuel, os livros dos Reis eram originalmente um só no cânon judaico. Na Septuaginta eles foram agrupados com os livros de Samuel e assim chamados o terceiro e o quarto livro do Reino. Encontram-se entre os profetas anteriores no cânon judaico, enquanto fazem parte dos livros históricos do cânon protestante.

### **2. O Seu Caráter**

O seu conteúdo continua a história dos livros de Samuel, assim relatando a retirada divina do reino por etapas sucessivas. I Reis 11.11; 9.4-7; 14.14-16(cf. I Sm 8.5,22; II Sm 7.12,16). Mostra-se neles uma interpretação profética da história do povo a qual é seletivamente escrita, a dizer, o autor escreveu na perspectiva profética, relatando somente certos episódios da história, os quais foram considerados decisivos. O autor escreveu especificamente do ponto de vista do Deuteronômio, Dt 28.15,36,43-52; 29.9,24-28 em comparação com II Rs 17.7-20.

O estilo do autor mostra-se pela moldura que caracteriza todos os relatos sobre os diversos reis. Ela consiste de fórmulas introdutórias e finais, que apresentam pouca variação(I Rs 16.23-28; II Rs 16.1-3,19-20). Então, menciona-se cada rei, dando a sua idade, extensão do reinado, a mãe e outros fatos considerados importantes. Depois vem uma avaliação(deuteronômica) do reinado, por exemplo: Jeroboão I(I Rs 11.26); Onri(I Rs 16.25-26); Acabe(I Rs 16.30-33); Roboão(I Rs 14.22-24); Joás( II Rs 12.2-3); Acaz( II Rs 16.1-4). Nenhum dos reis de Israel é recomendado, enquanto somente três daqueles de Judá são: Asa(I Rs 15.10-11); Ezequias(II Rs 18.1-4); e Josias(II Rs 22.1-2).

### **3. O Seu Ator**

O autor desconhecido fez uso de registros, três dos quais ele mencionou por nome: 1) O livro da história de Salomão(I Rs 11.41); 2) O livro da história dos reis de Israel(I Rs 14.19; 22.39; II Rs 10.34; 14.28; 15.31); 3) O livro da história dos reis de Judá(I Rs 14.29; 15.23; II Rs 12.19; 20.20; 23.28). Estes registros, por sua vez, eram complicações de atos diversos dos personagens mencionados, e que teriam sido compilados por homens profetas de Israel e Judá tais como Natã, Abias, Jeú e Isaías, segundo II Crônicas 9.29; 12.15; 13.22; 20.34; 26.22.

Quanto à data desta obra, deve-se notar II Reis 25.27, que relata o último evento datado nos livros. É dito que este foi escrito no ano trigésimo sétimo(561 a.C.) do cativo(597 a.C.) do rei Joaquim de Judá. Portanto, vê-se o período do cativo babilônico como sendo a época da composição. Foi antes de 539 a.C. quando Ciro da Pérsia conquistou a Babilônia. A data, então, seria entre 561 e 539 a.C., provavelmente cedo no período.

### **4. O Seu Tema**

É a retirada do reino de toda a família de Israel(I Rs11.11).

### **5. O Seu Esboço**

1. A cisão do reino nos dias de Salomão e o seu filho(I Rs 1.1-12.24 [cf. II Cr 1-12]). Passagens chaves: 3.1-15; 9.1-9; 11.9-13,36-40; 12.21-24.

2. A retirada do reino da casa de Jeroboão(primeiro rei do reino do norte; "casa" representa a dinastia ou linhagem de reis estabelecida por ele. I Rs 12.25-15.32. cf. II Cr 13.1-14.1).

3. A retirada do reino da casa de Baasa(segunda dinastia nortista. I Rs 15.33-16.14.cf. II Cr 14.2-16.10).

4. A retirada do reino da casa de Onri(precedida pela "dinastia" de Zinri que durou somente sete dias. I Rs 16.15-II Rs 10.17. cf II Cr 16.11-22.9). As placas arqueológicas mostram que Onri era tão respeitado pelos reis assírios que até muito tempo depois da morte dele os anais assírios se referiam a Israel como "a terra de Onri". Acabe, filho de Onri, é o famoso rei desta dinastia na Bíblia, devido a sua política. Depois de casar-se, por razões provavelmente políticas internacionais, com Jezabel, princesa fenícia, ele permitiu que ela estabelecesse o baalismo fenício como a religião oficial em Israel. Houve um período de grandes crises religiosas no país com a atuação de profetas de Javé como Elias e Eliseu.

5. A retirada do reino da casa de Jeú( II Rs 10.18–15.12. cf. II Cr 20.10–26.23 e Amós). Jeú era comandante do exército israelita que destruiu, com muito sangue derramado, todos os descendentes de Acabe, assim constituindo-se rei sobre Israel. O seu descendente de mais destaque era outro Jeroboão, chamado por nós de segundo. Na sua época Israel entrou num período de expansão e riqueza sem paralelo. Isto, porém deu-se em problemas sociais seríssimos, como se vê no livro do profeta Amós, que profetizou contra de Israel na última parte do reinado de Jeroboão II.

6. A retirada do reino de toda a descendência de Israel(reino do norte, II Rs 15.13–17.41 cf. II Cr 27.3–32.21; Oséias).

7. A retirada do reino de Judá( II Rs 18.–25.30, cf. II Cr 32.1–36.23; Is 1–39, Miquéias, Habacuque, Sofonias, Jeremias e Ezequiel).

## **OS LIVROS DE CRÔNICAS**

### **1. O Seu Lugar no Cânon**

Os dois livros eram originalmente um único livro, devendo a sua divisão aos tradutores da Septuaginta. No cânon judaico eles se encontram sob a terceira divisão maior, “Os Escritos”, provavelmente devido à sua redação tardia. Ali eles aparecem como os últimos livros na seqüência da Bíblia Hebraica. No nosso cânon, por causa da influência da Septuaginta, encontram-se entre os doze livros históricos.

### **2. O Seu Nome**

O seu título hebraico é “(Livro) das Ocorrências Diárias”, o qual leva a idéia de história. O nome “crônicas” reflete essa idéia, tendo sido usado desde Jerônimo no século quarto depois de Cristo. O seu nome na Septuaginta é “Paraleiponema”, significando “fatos omitidos”.

### **3. O Seu Caráter**

Primeiro Crônicas é um paralelo aos livros de Samuel, enquanto Segundo Crônicas é paralelo aos livros dos Reis. O ponto de vista é dos sacerdotes e levitas da época após a volta dos judeus exilados da Babilônia para a sua terra. Contém esses livros muitas descrições destes grupos e dos seus papéis entre o povo, especialmente nos tempos de Davi, Salomão e o período posterior ao cativo(I Cr 9.1–2; 23.1–6; 24.1; 25.1). Outra evidência a respeito do ponto de vista se mostra no fato de que os primeiros nove capítulos relatam quase nada senão listas genealógicas, terminando com os habitantes de Jerusalém após o cativo. Tal fato casa bem com o relato em Esdras 2.59,62 sobre a importância dada naquela época a provas de linhagem, que eram realmente de Israel.

É a opinião de alguns estudiosos que o propósito dos livros era suplementar os livros de Samuel e Reis a respeito dos reis de Judá e das genealogias dos personagens mais destacados na história de Israel(1.1; 2.1; 3.1). Outros estudiosos dizem que o interesse primordial da obra esta na “legitimação de funções culturais, especialmente a dos levitas”(64). Foi Davi quem instituiu os levitas como cantores do templo(I Cr 6.16,31, 33,44,48; 16.1ss). Esse propósito, então, teria tido seu fundamento histórico na procura geral de legitimação pelos líderes da comunidade pós-exílica.

### **4. A Sua Autoria**

O autor de Crônicas é anônimo. Deduz-se do propósito da obra que era da classe levitical. Há pelo menos uma indicação quanto à data da obra. Na lista genealógica de I Cr 3.19–24 encontram-se registrados os nomes dos descendentes de Zorobabel até a sexta geração. Este Zorobabel foi um príncipe descendente de Davi que liderou o grupo dos primeiros que voltaram(Ed 2.2; Ag 1.1). Se atribuímos a cada geração 25 anos, chegaremos à época depois de 387 a.C., sendo que Zorobabel e seu grupo voltaram da Babilônia em 537 a.C. Se contarmos 40 anos por geração, chegaremos a cerca de 300 a.C. para a época da obra. Provavelmente fosse em cerca de 350–300 a.C.

### **5. As Suas Fontes**

Parece que o autor usou o Pentateuco como fonte das suas genealogias em I Cr 1–9, e os livros de Samuel e Reis para a sua apresentação da história dos reis em I Cr 10–II Cr 36. Ele deve ter contado, porém, com outra fonte referente à época dos reis, porque as informações tiradas dela sobre construções de defesa, armamento e guerra reais não fazem parte dos livros dos Reis. Como diz Homburg, “elas são transmitidas(...) exclusivamente pelo cronista( II Cr 11.5b–10 a; 13.8ss; 25.5; 26.6–8 a,9,15 a; 27.5,13,14 a; 28.18; 32.30; 33.1022; 35.20–24)”(65). Esta fonte era

um trecho adicional dos anais reais.

## **6. O Seu Esboço**

1. Genealogia das tribos de Israel(I Cr 1–9).
2. O reino de Davi( I Cr 10–29).
3. O reino de Salomão(II Cr 1–9).
4. História dos reis de Judá até a destruição de Jerusalém(II Cr 10–36).

## **GRÁFICO DA HISTÓRIA DE ISRAEL**

### **I – Israel**

#### **Rei Reinado Referência**

Jeroboão 22 anos 1 Reis 14.20

Nadabe 2 anos 1 Reis 15.25

Baasa 24 anos 1 Reis 15.28,33

Elá 2 anos 1 Reis 16.8

Zinri 7 dias 1 Reis 16.10,15

Onri 12 anos 1 Reis 16.23

Acabe 22 anos 1 Reis 16.29

Acázias 2 anos 1 Reis 22.52

Jorão(irmão) 12 anos 2 Reis 3.1

Jeú 28 anos 2 Reis 10.36

Jeoacaz 17 anos 2 Reis 13.1

Jeoaz 16 anos 2 Reis 13.10

Jeroboão II 41 anos 2 Reis 14.23

Zacarias 6 meses 2 Reis 15.8

Salum 1 mês 2 Reis 15.13

Menaem 10 anos 2 Reis 15.17

Pecaías 2 anos 2 Reis 15.23

Peca 20 anos 2 Reis 15.27

Oséias 9 anos 2 Reis 17.1

Soma dos anos de reinado segundo a Bíblia = 241 anos, 7 meses e 7 dias.

### **II – Judá**

#### **Rei Reinado Referência**

Roboão 17 anos 1 Reis 14.21

Abias 3 anos 1 Reis 15.1,2

Asa 41 anos 1 Reis 15.9,10

Josafá 25 anos 1 Reis 22.42

Jeorão 8 anos 2 Reis 8.16,17

Acasias 1 ano 2 Reis 8.25,26

Atalia 6 anos 2 Reis 11.3,4

Joás 40 anos 2 Reis 12.1

Amazias 29 anos 2 Reis 14.1,2

Azarias 52 anos 2 Reis 15.1,2

Jotão 16 anos 2 Reis 15.32,33

Acáz 16 anos 2 Reis 16.1,2

Ezequias 29 anos 2 Reis 18.1,2

Manassés 55 anos 2 Reis 21.1

Amom 2 anos 2 Reis 21.9

Josias 31 anos 2 Reis 22.1

Jeoacaz 3 meses 2 Reis 22.31

Jeoaquim 11 anos 2 Reis 23.36

Joaquim 3 meses e 10 dias 2 Reis 24.8

Zedequias 11 anos 2 Reis 24.18

Soma dos anos de reinado segundo a Bíblia = 393 anos, 6 meses e 10 dias.

O reino do norte contava com 19 reis, representando nove dinastias. O reino do sul tinha 19 reis da dinastia de Davi, e uma rainha usurpadora, Atalia, filha de Acabe e Jezabel, do reino do norte.

Portanto, Judá contava com 20 reis e duas dinastias, se Atalia for incluída na lista.

## **DATAS IMPORTANTES**

1. Cerca de 1075–1035 a.C. – o ministério de Samuel.
2. Cerca de 1050–1010 a.C. – o reinado de Saul.

3. Cerca de 1010–970 a.C. – o reinado de Davi.
4. Cerca de 970–930 a.C. – o reinado de Salomão.
5. Cerca de 930 a.C. – a divisão do reino.
6. Cerca de 721 a.C. – o cativo assírio de Israel, reino do norte.
7. Cerca de 586 a.C. – o cativo babilônico de Judá.
8. Cerca de 539 a.C. – a queda da Babilônia aos Medos e Persas.
9. Cerca de 538 a.C. – o decreto de Ciro de que os exilados poderiam voltar para as suas terras.
10. Cerca de 537 a.C. – a volta do primeiro grupo dos Judeus sob Zorobabel.
11. Cerca de 520 a.C. – Ageu e Zacarias exortam o povo a reconstruir o templo.
12. Cerca de 516 a.C. – o templo dedicado.
13. Cerca de 458 a.C. – Esdras em Jerusalém.
14. Cerca de 445 e 432 a.C. – Neemias em Jerusalém.
15. Cerca de 433 a.C. – Malaquias.

## **ANEXOS**

### **ASCENÇÃO E QUEDA DA MONARQUIA EM ISRAEL**

#### **Jonas Celestino Ribeiro**

Hoje procuraremos mostrar os principais acontecimentos na vida do povo de Israel em sua experiência com a monarquia e quais as lições que podemos aprender com esse capítulo da história do povo de Deus. Como todos os povos Israel tem seus altos e baixos, mas muito diferentes dos demais povos ele contava com a atuação especial e direta do Deus único e verdadeiro, razão por que, inclusive, ele foi severamente punido quando pecou contra esse Deus santo, justo e eterno. Aprendemos que quanto maior é o privilégio, maior é a responsabilidade.

#### **1 Samuel 8.1–22 – Crise no Regime Tribal e a Tentativa de Resolvê-la.**

O sistema político que imperava em Israel era de uma confederação tribal, no qual as decisões eram tomadas por um grupo de representantes de cada tribo, chamados anciãos, dirigido por um juiz, que surgia por um chamamento de Deus. O último juiz foi Samuel, que ainda sobreviveu até grande parte da experiência do povo com a monarquia, o novo sistema solicitado pelo povo. O povo olhou para os povos vizinhos e viu que os mesmos tinham seus reis, cujos reinos, em sua maioria, eram formados em torno de uma cidade-estado, não sendo, com isso, de grandes proporções. Samuel mostra ao povo os inconvenientes do novo regime político e os adverte seriamente que muita mudança iria acontecer, não só na vida política, mas na social, econômica e religiosa. Será que valeria a pena tal mudança? Parece que o povo não havia pensado, nem estava disposto a pensar nisto.

O pedido de um rei é visto como um ato de traição a Deus. Mas Deus procura, mesmo contra sua vontade, regular a atividade de um rei entre o povo, para que o povo não caísse nos mesmos tipos de erros das nações vizinhas. Deus não deixa de cumprir seus propósitos. Ele olha para o futuro pensando no cumprimento de sua promessa de que todas as nações seriam abençoadas.

#### **1 Samuel 10.1–7,17–27; 15.10–31 – O Primeiro Rei**

O primeiro rei que foi ungido sobre Israel foi um verdadeiro fracasso. Saul tinha tudo: força física, a unção de Deus, o poder do Espírito, a aceitação pelo povo, enfim, não lhe faltava nada. Todo governante desejava ter o que ele tinha para exercer um reinado de paz, segurança e justiça. Deus não tolera o pecado, a arrogância, a prepotência. De Saul foi tirado o direito de governar, porque não manteve o padrão de Deus. Todos os recursos foram dados por Deus e por isso ele pôde exigir o melhor. A vida de Saul ensina que há necessidade de cultivar uma vida espiritual para se garantir a vitória, porque nem sempre um bom começo significa um término vitorioso. Há necessidade de manter o padrão espiritual compatível com o poder que Deus nos dá.

#### **2 Samuel 16.1–13; 2 Samuel 5.1–12 – O Rei Segundo o Coração de Deus**

Com o fracasso de Saul, o povo vive um período de instabilidade política, experimentando a palavra que Samuel dizia quando havia pedido por um rei. Saul sofreu não apenas de problemas espirituais, mas também de problemas emocionais, fazendo o povo sofrer com sua falta de condições para governar.

Deus, muito tempo antes de Saul deixar o governo, já havia escolhido um outro rei que pudesse cumprir sua vontade. Deus escolhe a Davi, o filho mais novo de Jessé, de uma família humilde. Primeiro Davi foi ungido e depois, anos mais tarde, entronizado. Quando entronizado, tomou uma decisão muito importante e que vai dar ao povo segurança e unidade durante muitos anos: mudou

a capital política e religiosa para Jerusalém, cidade que havia sido anteriormente capital do reino Jebuseu e que havia sido a cidade de Melquisedeque, o rei e sacerdote que recebeu dízimos de Abraão. Esta foi uma das principais decisões de Davi.

O segredo do sucesso de Davi foi o fato de Deus estar com ele. Houve momentos na vida de Davi em que ele pecou contra Deus, ao contrário de Saul, que não reconhecia o seu erro e sempre achava desculpas vazias, reconheceu o seu pecado e o confessou, restituindo sua comunhão com Deus. A vida e reinado de Davi nos ensinam que Deus está no controle e, por isso, embora pessoas caiam e abandonem a Deus, há sempre um novo começo, principalmente com aqueles que conquistam as vitórias com Deus.

### **2 Samuel 7.1–29; 1 Reis 8.22–53 – Idealização e Dedicção do Templo de Jerusalém**

Chegou um momento na vida de Davi em que ele experimentou a paz e a serenidade, alcançando descanso das lutas contra os inimigos. Deus lhe deu segurança e estabilidade no reino. Davi percebeu que ele estava morando numa casa bem edificada com a melhor madeira, o cedro do Líbano, e a arca do Senhor estava colocada sob uma tenda. Ele deseja então, com coração grato, edificar um templo para abrigar os símbolos da presença e atuação de Deus.

Deus, porém, responde que Davi não faria isso, porque os propósitos de Deus para sua vida não incluíam isso. A função de Davi era dar estabilidade e fazer com que o povo se aproximasse mais de Deus. O templo seria uma obra do seu sucessor. O que significa um templo em Jerusalém? Deus mostrou que até aquele momento não havia habitado em templos, mas em tendas. Um templo significaria um centro único de adoração, dando maior unidade ao povo. Foi isso que Jeroboão temeu quando assumiu o Reino do Norte, não permitindo que o povo fosse adorar em Jerusalém e edificando altares com imagens de deuses estranhos, dando continuidade, assim, à idolatria iniciada por Salomão.

Davi não conseguiu edificar o templo. Quem o fez foi Salomão, que o dedicou ao Senhor e conseguiu do Senhor a bênção da presença e a garantia da resposta às orações, quando essas fossem feitas dentro de sua vontade.

### **1 Reis 1.32–40; 2.1–12 – Salomão, Sucessor e Consolidador**

Salomão reina por ser filho de Davi e por ter sido por este nomeado. Próximo à sua morte, Davi é avisado que se não indicasse o seu sucessor, haveria uma disputa muito grande pelo poder que prejudicaria o reino. Salomão, então, é ungido pela liderança confiável de Davi, que soube do valor de uma liderança confiável, com a qual se poderia contar em momentos de tão grande importância e mudança na vida do povo.

Davi passa a Salomão o segredo de suas vitórias, dizendo que a razão de seu crescimento era ter feito a vontade de Deus. O temor do Senhor é o princípio de todos os acertos e a razão da sensibilidade para com os erros. O episódio da entronização de Salomão nos ensina a confiança de Davi, a sabedoria de Salomão, a fidelidade dos líderes responsáveis pela unção de Salomão e a alegria do povo em ver feita a vontade de Deus.

### **1 Reis 11.1–13 – A Decepção da Vida de Salomão**

Salomão teve muitos recursos para um grande reinado. Teve riquezas, sabedoria, comunhão para com Deus, um povo fiel, enfim, muito mais do que um simples rei precisaria para reinar. Salomão terminou seus dias com um coração endurecido, por causa dos casamentos políticos que manteve durante grande parte de seu reinado. Suas mulheres e concubinas, com a aprovação de Salomão, trouxeram para Israel as suas imagens de deuses e deusas pagãos, influenciando o povo com a idolatria. Salomão não apenas permitiu como pessoalmente se entregou ao culto desses deuses, construindo altares para eles nos montes e bosques.

Salomão cometeu três grandes erros na vida: 1) Desobedeceu a Deus (11.2). 2) Teve um falso conceito de amor. Pensava que o que fazia era por amor às suas mulheres, mas o seu conceito de amor demonstrava falta de maturidade e entendimento da vontade de Deus. 3) Não usou as estratégias divinas em seu governo. Seguiu mais os modelos dos reis vizinhos do que as recomendações de Deus. Como consequência, Deus promete que o seu reino seria dividido e faria com que o povo sentisse os reflexos do seu modo idolátrico de vida.

O final da vida de Salomão nos ensina que devemos pensar nas consequências de nossos atos e que não devemos deixar que aquilo que foi dado para nos abençoar tome conta de nós, como



senhor, e nos leve ao pecado contra Deus.

### **1 Reis 12.1–33 – O Reino Dividido**

O pecado de Salomão não teve reflexos só sobre sua vida, mas na vida política de todo o povo. Logo após a sua morte, Roboão, seu filho, reina em seu lugar, porém, é inábil e tolo, deixando de ouvir os conselhos de pessoas sábias e entrando no conselho de jovens mal acostumados e que nunca tinham pensado na vida das outras pessoas, a não ser para delas tirar proveito. Roboão não quis ouvir o povo sobre uma reforma tributária com a finalidade de suavizar a pesada carga que Salomão havia imposto para financiar sua vida de luxo e idolatria.

O resultado da atitude de Roboão foi a divisão do reino em duas partes: Reino do Norte e Reino do Sul, ou Israel e Judá, respectivamente. Israel constituiu a Jeroboão como rei, que instituiu a idolatria, pervertendo o povo e atraindo a ira de Deus. A vida de Roboão e Jeroboão e seu conseqüente governo nos ensinam que quem exerce poder deve ser sábio e prudente, pensando bem nas resoluções. Ensinam também que o assessoramento para as decisões deve ser feito por pessoas dignas de confiança e que sejam idôneas para a tarefa. Outro ensino é que a decisão para resolver um problema não deve criar outros piores ainda.

### **1 Reis 19.19–21; 2 Reis 2.1–18 – O Ministério dos Profetas**

Tanto na época da punição do Reino do Norte como na do Reino do Sul, uma coisa que Deus lembrou bem ao povo era que ele não tinha cessado de avisá-lo através do ministério dos profetas, seus servos (2 Reis 17.13; 24.2). O ministério profético não tem paralelos nos povos contemporâneos do povo de Deus; principalmente no seu apego à ética, à comunhão com Deus. Profetas tais como Elias, Eliseu, Isaías, Amós, Oséias, etc., tiveram um papel de grande relevância para trazer o povo à lembrança e à prática da palavra do Senhor. Os profetas tinham um ministério de exortação e denúncia dos males sociais e religiosos, advindos da vida moral lasciva dos governantes. Pensavam no futuro com palco da restauração e por isso tinham uma grande esperança na atuação de Deus para trazer a verdadeira paz ao povo.

### **2 Reis 23.1–25 – Um Momento de Arrependimento**

O rei Josias promoveu uma reforma religiosa durante vários anos de sua vida, motivado em grande parte pelo conteúdo de um livro encontrado no templo quando este estava sendo reformado. Esse livro era o Deuteronômio, e trouxe ao povo grande consciência de seu pecado. No livro estava escrito sobre a punição que viria sobre o povo. As intenções de Josias foram cumpridas, mas o castigo já estava a caminho e nada mais podia ser feito. A restauração religiosa nos ensina quão poderosa é a Palavra de Deus e é ela que deve servir de base para qualquer plano de restauração de vidas em nossas igrejas.

### **2 Reis 17.5–23; 25.1–21 – Os Reinos São Punidos**

Deus não pode mais suportar o pecado do povo. Israel é punido em 722 a.C. pelas investidas dos assírios, que invadem a região e dispersam o povo por vários lugares e trazem estrangeiros para habitarem na região onde ele morava. Israel não mais se reorganizou. A causa foi o gritante pecado da idolatria, que foi um ato de traição a Deus, que sempre se mostrou misericordioso e pronto a perdoar, mas o povo, principalmente seus reis, sempre caía no pecado.

Judá caiu em 586 a.C., 136 anos depois de Israel. A razão disso foi a promessa de Deus feita a Davi. Se todos os reis de Judá e Israel tivessem seguido o caminho de Davi, a história de Israel teria sido completamente outra. Os mesmos pecados pelos quais Israel foi punido trouxeram punição a Judá também. A punição para Judá, no entanto, não foi a mesma que veio sobre Israel. A nação de Judá foi punida numa atitude educativa de Deus, para correção, porque Deus desejava que ainda um remanescente fiel e santo permanecesse para cumprir seus propósitos. Deus é o grande dirigente da história, e não deixará o mundo sem salvação.

## **OS LIVROS DE ESDRAS E NEEMIAS**

### **1. O Nome dos Livros**

Os nossos nomes são tomados dos heróis principais de cada um. Não há uma consistência de nomes na Septuaginta e na Vulgata. O resultado dá em confusão, uma vez encarando as referências dadas a eles na literatura a respeito. Veja o seguinte quadro a fim de verificar as divergências de nomes:

**1 2 3 4**

Texto

Massorético Esdras Neemias (falta) (falta)

Algumas Bíblias Esdras Neemias 1 Esdras 2 Esdras\*

Septuaginta Esdras B Esdras A (falta)

Vulgata 1 Esdras 2 Esdras 3 Esdras 4 Esdras

1. O livro de Esdras do nosso AT.
2. O livro de Neemias do nosso AT.
3. Obra grega que contém II Crônicas 35–36, Esdras e Neemias 8.1–12, mostrando algumas diferenças quanto a seqüência de trechos, e que contém mais um relato não contido no nosso AT.
4. Obra apocalíptica composta, feita originalmente em grego mais existente agora somente um texto em latim.

\* 2 Esdras é às vezes chamado de 4 Esdras.

## **2. A Sua Unidade Literária**

Esdras–Neemias se mostram originalmente como um só livro. Eles mostram o mesmo estilo e tipo de vocabulário, e continuidade quanto à história relatada. De fato, se mostram como que fazendo parte da obra que chamamos de I e II Crônicas.

## **3. O Seu Conteúdo**

Esdras–Neemias relata os eventos de dois períodos distintos relacionados aos judeus que tinham voltado do exílio babilônico: 1) a volta dos exilados e a reedificação do templo no período de 538–516 a.C.(Esdras 1 a 6); 2) a obra de Esdras em estabelecer a comunidade religiosamente, e a obra de Neemias em estabelecer a comunidade fisicamente pela reconstrução dos muros de Jerusalém no período de 458–420 a.C.(Esdras 7 a Neemias 13).

## **4. A Sua Natureza Literária**

A – Há três unidades maiores que podem ser distinguidas:

1. A narrativa Sesbazar–Zorobabel constando de Esdras 1–6.
2. A narrativa Esdras que consta da maior parte de Esdras 7.1–10,44 e Neemias 7.73b–10.39.
3. A narrativa Neemias que consta da maior parte de Neemias 1.1–7.73 a e 11.1–13.31.

B – Dentro dessas seções várias fontes podem ser distinguidas:

1. As memórias de Esdras, constando de Esdras 7–10 e Neemias 8–10.
2. As memórias de Neemias, constando de Neemias 1.1–7.73 a; 11–13. Que são memórias é sugerido pelo uso nessas seções da primeira pessoa.
3. Documentos e cartas oficiais.
  - a. O edito de Ciro, registrado em aramaico, em Esdras 6.3–5; o variante hebraico em 1.2–4 é uma adaptação dirigida aos judeus no exílio.
  - b. A carta de Artaxerxes em Esdras 7.12–26.
  - c. Outras cartas oficiais incluem Esdras 4.8–22; 5.7–17e 6.6–12.
4. Listas de tipos diferentes.
  - a. dos exilados que voltaram com Zorobabel(Esdras 2.1–70 repetida em Neemias 7.7–73 a).
  - b. o balanço dos utensílios do templo devolvidos da Babilônia(Esdras 1.9–11)
  - c. dos que casaram-se com mulheres estrangeiras(Esdras 10.18–44).
  - d. dos edificadores dos muros(Neemias 3.1–32).
  - e. dos novos habitantes de Jerusalém(Neemias 11.3–19).
  - f. dos sumo sacerdotes(Neemias 12.1–7) e dos levitas(Neemias 12.8–21).

## **5. A Sua Autoria**

O Talmude preserva uma tradição judaica no sentido de que I e II Crônicas e Esdras–Neemias foram escritos por Esdras, mas acrescenta que a obra foi terminada por Neemias. O grupo atual de estudiosos que seguem Martin North falam “do cronista”, autor escriba anônimo, por isso mesmo complexo. O grupo Albrigh, Myers e John Bright argumentam que “o cronista” foi mesmo Esdras ou um discípulo bem chegado dele. Portanto, se reconhece o papel, ao menos fundamental, de Esdras por trás da confecção desse complexo de livros.

## **6. A Sua Data**

A lista genealógica de Neemias 12.10–11,22 fala em cinco gerações depois de Jesuá, que voltou em 538 a.C. Isto sugere uma data de cerca de 400 a.C. A lista genealógica de I Crônicas 3.10–24 fala em onze gerações depois de Zorobabel, o que leva até cerca de 300 a.C. Assim levando em conta as certezas e as incertezas envolvidas, é provável que a obra fosse terminada no período 400–300 a.C.

## **LIÇÕES EXTRAÍDAS DOS LIVROS DE ESDRAS E NEEMIAS**

#### A relação de Deus com seu povo

1. Deus pune o pecado – “Mas nenhum remédio houve”(2 Crônicas 36.16).
2. Deus promete livramento – “Para que se cumprisse a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias”(Esdras 1.1).
3. Deus cumpre a promessa – “Despertou o Senhor o espírito do Ciro”(Esdras 1.1).
4. Deus governa o universo – “O Senhor Deus do céu me deu todos os reinos da terra”(Esdras 1.2).
5. Deus acompanha o seu povo – “Seja Deus com ele”(Esdras 1.3).
6. Deus recebe culto de seu povo – “Edifique casa ao Senhor, Deus de Israel”(Esdras 1.3)
7. Deus recebe ofertas do seu povo – “Afora a oferta voluntária para a casa de Deus... deram ofertas voluntárias para a casa de Deus”(Esdras 1.4; 2.68).

#### Características da Congregação do povo de Deus

1. União – “Ajuntou-se o povo, como um só homem”(Esdras 3.1).
2. Adoração – “Edificaram o altar... ofereceram sobre ele holocaustos... louvando ao Senhor e dando-lhe graças”( Esdras 3.2,3,11).
3. Contribuição – “Deram dinheiro... como também comida e bebida, e azeite”(Esdras 3.7)
4. Administração – “Constituíram os levitas... para superintenderem a obra da casa do Senhor”(Esdras 3.8).
5. Emoção – “Muitos... choraram em altas vozes... também muitos gritaram de júbilo”(Esdras 3.12).

#### As táticas do inimigo

1. Aproximação – “Os adversários... disseram-lhes... como vós buscamos o vosso Deus”(Esdras 4.1,2).
2. Inquietação – “O povo da terra... os inquietava, impedindo-os de edificar”(Esdras 4.4).
3. Perturbação – “Assalariaram contra eles conselheiros para frustrarem o seu plano”(Esdras 4.5).
4. Acusação – “Escreveram uma acusação contra os habitantes de Judá e Jerusalém”(Esdras 4.6).
5. Intimidação – “E os impediram à força e com violência”( Esdras 4.24).

#### O povo de Deus prospera

1. Com obediência às autoridades – “O rei Ciro baixou um decreto... Ei, Dario, baixei o decreto”(Esdras 6.3,12).
2. Com recursos para a obra – “Da fazenda do rei, dos tributos da província... se pague... toda a despesa”(Esdras 6.8).
3. Com disposição para o trabalho – “Os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando”(Esdras 6.14).
4. Com submissão a Deus – “Pela profecia de Ageu, o profeta, e de Zacarias, filho de Ido... com o mandado do Deus de Israel”(Esdras 6.14).
5. Com alegria no serviço – “Fizeram a dedicação com alegria... Celebraram a festa com alegria”(Esdras 6.16,22).
6. Com organização do culto – “Os sacerdotes nas suas divisões e os levitas nas suas turmas”(Esdras 6.18).
7. Com santidade de vida – “Os sacerdotes e levitas se tinham purificado... todos... se apartaram da imundícia”(Esdras 6.20,21).

#### Um homem de Deus

1. Anda sob a proteção de Deus – “segundo a mão do Senhor seu Deus, que estava sobre ele”(Esdras 7.6).
2. Busca a palavra de Deus – “para buscar... a lei do Senhor”(Esdras 7.10).
3. Prática a vontade de Deus – “e cumprir a lei do Senhor”(Esdras 7.10).
4. Divulga os ensinamentos de Deus – “Para ensinar em Israel os seus estatutos e as suas ordenanças”(Esdras 7.10).
5. Vive a confiança em Deus – “A fim de lhe pedirmos caminho seguro para nós”(Esdras 8.21)
6. Alcança os favores de Deus – “Ele atendeu às nossas orações”(Esdras 8.23).
7. Cuida das coisas de Deus – “Vigiai, pois, e guardai-os até que os peseis... em Jerusalém”(Esdras 8.29).

#### O povo de Deus em relação ao pecado

1. Denuncia – “vieram ter comigo os príncipes, dizendo... a raça santa tem se misturado”(Esdras 9.1,2).
2. Reage – “Permaneci sentado atônito até a oblação da tarde”(Esdras 9.4).
3. Confessa – “A nossa culpa tem crescido até o céu”(Esdras 9.6).

4. Lamenta – “o povo chorava amargamente”(Esdras 10.1).
5. Confia – “Ainda há esperança em Israel”(Esdras 10.2).
6. Decide – “Esdras... ajuramentou... todo o Israel, de que fariam conforme esta palavra; e eles juraram”(Esdras 10.5).
7. Age – “Acabaram de tratar todos os homens que tinham casado com mulheres estrangeiras”(Esdras 10.17).

Qualidades de um líder do povo de Deus

1. Interesse pelo povo – “Perguntei-lhes pelos judeus que tinham escapado”(Neemias 1.2).
2. Coração sensível – “Sentei-me e chorei”(Neemias 1.4).
3. Vida espiritual – “Continuei a jejuar e orar perante o Deus do céu”(Neemias 1.4).
4. Confiança na misericórdia divina – “Usas de misericórdia... estejam atentos os teus ouvidos”(Neemias 1.5,6).
5. Humildade para confissão – “Eu e a casa de meu pai pecamos”(Neemias 1.6).
6. Conhecimento da Palavra – “Lembra-te, pois, da palavra que ordenaste a teu servo Moisés”(Neemias 1.8).
7. Intercessão pelo povo – “Eles são os teus servos e o teu povo”(Neemias 1.10).
8. Submissão ao plano de Deus – “O que o meu Deus me pusera no coração para fazer”(Neemias 2.12).
9. Disposição para examinar – “saí de noite pela porta do vale”(Neemias 2.13).
10. Discrição – “Eu não havia declarado coisa alguma”(Neemias 2.16).
11. Franqueza – “Bem vedes vós o triste estado em que estamos”(Neemias 2.17).
12. Certeza da direção de Deus – “como a mão de Deus me fora favorável”(Neemias 2.18)
13. Capacidade para desafiar – “fortaleceram as mãos para toda a boa obra”(Neemias 2.18).

O povo de Deus vence a oposição

1. O povo de Deus resiste – “assim edificamos o muro”(Neemias 4.6).
2. O povo de Deus trabalha – “o coração do povo se inclinava a trabalhar”(Neemias 4.6).
3. O povo de Deus ora – “Nós porém oramos ao nosso Deus”(Neemias 4.9).
4. O povo de Deus previne-se – “Pusemos guarda contra eles de dia e de noite”(Neemias 4.9).
5. O povo de Deus confia – “o nosso Deus pelejará por nós”(Neemias 4.20).

Deus reconhece os direitos do indivíduo

1. Direito à alimentação – “Que se nos dê trigo, para que comamos”(Neemias 5.2).
2. Direito à vida – “e vivamos”(Neemias 5.2).
3. Direito ao trabalho – “Estamos empenhando os nossos campos, as nossas vinhas”(Neemias 5.3).
4. Direito à habitação – “e as nossas casas”(Neemias 5.3).
5. Direito à igualdade – “a nossa carne é como a carne de nossos irmãos, e nossos filhos como os filhos deles”(Neemias 5.5).
6. Direito à liberdade – “Algumas de nossas filhas já estão reduzidas à escravidão”(Neemias 5.5).
7. Direito à não-opressão – “Os primeiros governadores oprimiram o povo... eu assim não o fiz, por causa do temor de Deus”(Neemias 5.15).
8. Direito à proteção – “tudo quanto tenho feito em prol deste povo”(Neemias 5.19).

O homem de Deus para tempos especiais

1. Homem de ação – “souberam que eu tinha edificado o muro”(Neemias 6.1).
2. Homem de visão – “estou fazendo uma grande obra”(Neemias 6.3).
3. Homem que não cede – “mandaram dizer-me quatro vezes; e do mesmo modo lhes respondi”(Neemias 6.4).
4. Homem que não foge – “um homem com eu fugiria?”(Neemias 6.11).
5. Homem que teme a Deus – “quem há, que, sendo tal como eu, possa entrar no templo e viver?”(Neemias 6.11).
6. Homem de discernimento – “percebi que não era Deus que o enviara”(Neemias 6.12).
7. Homem humilde – “fizemos esta obra com o auxílio de Deus”(Neemias 6.16).

Uma escola para o estudo da Bíblia

1. Os alunos – “todo o povo se ajuntou... homens... mulheres... todos os que podiam ouvir com entendimento”(Neemias 8.1,2).
2. O livro-texto – “o livro da lei de Moisés”(Neemias 8.2).
3. O tempo de estudo – “desde a alva até o meio-dia”(Neemias 8.3).

4. O interesse dos alunos – “os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da lei”(Neemias 8.3).
5. O diretor da escola – “Esdras, o escriba, ficava em pé sobre um estrado de madeira” (Neemias 8.4).
6. A reverência – “todo o povo se pôs em pé... inclinaram-se, adoraram ao Senhor, com os rostos em terra”(Neemias 8.5,6).
7. Os professores – “Os levitas explicavam ao povo a lei”(Neemias 8.7).
8. Os resultados – “Todo o povo chorava, ouvindo as palavras da lei”(Neemias 8.9).

A congregação diante de seu Deus

1. Toma atitude humilde – “ajuntaram-se os filhos de Israel em jejum, vestidos de saco e com terra sobre as cabeças”(Neemias 9.1).
2. Afasta-se do pecado – “os da linhagem de Israel se apartaram de todos os estrangeiros”(Neemias 9.2).
3. Lê a palavra – “Leram o livro da lei do Senhor seu Deus”(Neemias 9.3).
4. Confessa suas faltas – “Confessaram os seus pecados... fizeram confissão”(Neemias 9.2,3).
5. Adora ao seu Senhor – “e adoraram ao Senhor seu Deus”(Neemias 9.3).
6. Ora ao Pai – “E clamaram em alta voz ao Senhor seu Deus”(Neemias 9.4).
7. Louva ao Criador – “Levantai-vos, bendizei ao Senhor vosso Deus”(Neemias 9.5).
8. Toma decisões – Por causa de tudo isso firmamos um pacto e o escrevemos”(Neemias 9.38).

Como deve viver o povo de Deus

1. Separando-se do mundo – “apartaram de Israel toda a multidão mista”(Neemias 13.3).
2. Respeitando as coisas santas – “por minha ordem purificaram as câmaras”(Neemias 13.9).
3. Participando do culto – “ajuntei os levitas e os cantores e os restaurei no posto”(Neemias 13.11).
4. Entregando dízimos e ofertas – “todo o Judá trouxe para os celeiros os dízimos... também o que diz respeito à oferta de lenha”(Neemias 13.12,31).
5. Guardando o dia do Senhor – “para que nenhuma carga entrasse no dia de sábado”(Neemias 13.19).
6. Evitando aliança com os infiéis – “não dareis vossas filhas... não tomareis suas filhas”(Neemias 13.25).
7. Pondo ordem na casa do Senhor – “Determinei os cargos para os sacerdotes e levitas”(Neemias 13.30).

## O LIVRO DE ESTER

I – É um livro bíblico bem diferente em sentido religioso de qualquer outro do AT.

- a. O nome de Deus não aparece no livro.
- b. A cena é Susã(1.2), a capital de inverno da Pérsia.
- c. Trata, entre outras coisas, do casamento duma judia com um rei gentílico, o que vai ao encontro da ênfase de Esdras-Neemias, por exemplo.
- d. Resolve o problema duma ação anti-judaica por meio duma auto-defesa sangrenta(9.5), repetida no dia seguinte(9.13,15), toda essa vingança mostrando-se como motivo de alegria por parte de judeus mencionados(9.17).

II – O Seu fundo histórico é a corte de Assuero, rei da Pérsia. É provável que fosse o Xerxes I que reinou no período de 485-465 a.C.

a) O rei foi derrotado pelos gregos numa grande batalha no segundo ano de seu reinado. O ano seguinte seria “o terceiro ano” mencionado em 1.3, o que foi também o ano de fazer os planos para a batalha de Salamis que deu em 480 a.C. Portanto, o rei estaria ventilando o seu orgulho ferido e magnificando-se indevidamente aos olhos de seus nobres e servos na ocasião registrada no capítulo 1. A rainha Vasti, perante a ordem do rei tirano e bêbado, recusou-se em dar um espetáculo na presença de todos os convidados, e assim foi deposta. O fato triste fez com que a judia Ester fosse feita rainha na corte da Pérsia.

b) Alguns detalhes mencionados no livro têm sido questionados quanto à sua historicidade até por alguns estudiosos conservadores. Todavia, não parece existir motivos para a rejeição do aspecto básico da sua autenticidade histórica. Se fosse comprovado algo contra a sua historicidade, a pergunta que deve ser considerada, porém, é se o evento descrito tivesse ou não valor revelador da parte de Deus, o que achamos que tinha.

III – O evento descrito forma o fundo da festa secular judaica de Purim, que é celebrada em Fevereiro/Março do nosso calendário. Purim vem de **pur**, que significa “sorte”, segundo 9.24,26. A

festa de Purim celebra o livramento dos judeus de um plano para a sua exterminação como raça. IV – O problema do livro tem sido reconhecido desde a época dos antigos judeus, e é que o livro celebra um evento marcado pelo espírito de vingança sem mencionar nenhuma vez nem a oração nem o nome de Deus. Mardoqueu é quem, sob a autoridade da rainha Ester(9.39), quem mandou os judeus guardarem para sempre esta festa(9.20–22). O livro, portanto, parece, pelo menos na sua superfície, um livro secular.

V – Por outro lado, o livro, especialmente em face do seu contexto maior do AT, implica na proteção providencial de Deus sobre o seu povo indigno lá no estrangeiro depois do fim do cativeiro babilônico.

a) O povo é indigno em vários sentidos: estava debaixo do castigo divino do exílio; escolheu não voltar do exílio; mostrou-se tão cheio de espírito vingativo contra os seus inimigos; e por algum motivo não fez nenhuma oração por livramento.

b) O trecho chave que implica na proteção divina é 4.14 que exprime palavras de Mardoqueu a Ester: “Pois, se de todo te calares agora, de outra parte se levantarão socorro e livramento para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se não foi para tal tempo como este que chegaste ao reino?”.

c) Namã procurou, perante a recusa de Mardoqueu em curvar-se perante ele(3.2), destruir todos os judeus(3.6) do império, quer dizer quase todos os judeus existentes àquela altura. Isto se conhece hoje como anti-semitismo, mas estende-se para anti-cristianismo também.

d) Ester, que não tinha revelado ao rei que era uma judia(2.20), procurou saber a razão do êdito do rei a respeito do extermínio planejado(4.5–7). Mardoqueu implorou que ela fizesse intercessão como o rei pelo seu povo(4.8). O rei estendeu o seu cetro a ela, e perante o fato de que não podia anular o seu decreto, fez outro que autorizou os judeus para se defender.

VI – O tema do livro, portanto, é a proteção providencial de Deus em favor do povo que não merecia após o exílio(4.14).

VII – A autoria e a data do livro.

a) A fonte principal usada pelo autor desconhecido é aparentemente referida em 10.2: “Quanto a todos os atos do seu poder e do seu valor, a narrativa completa da grandeza de Mardoqueu.... porventura não estão escritos no livro dos anais dos reis da Média e da Pérsia?” Parece que escrito por alguém a respeito de Mardoqueu, e não por ele mesmo.

b) Não há uma indicação clara a respeito da data específica em que o livro foi escrito. Parece que seria razoável pensar no período de 400–350 a.C.

VIII – Algumas lições do livro para os cristãos.

a. Que o anti-semitismo não é a vontade de Deus.

b. O povo de Jesus pode ser também o objeto do ódio do mundo(cf. João 15.18–20).

c. O povo de Jesus não deve optar pelo método de vingança empregado por estes judeus contra seus inimigos(cf. Dt 32.35; Mt 26.52; Rm 12.19).

#### **Notas Bibliográficas:**

(1) Old Testament Survey p. 214

(2) ALBRIGHT, W.F. From the Stone Age To Christianity, pp.231,232

(3) Os esboços são sugestões da Bíblia Vida Nova pp. 291–292

(4) HOMBURG, Klaus, Introdução ao Antigo Testamento, p.121

(5) Op.cit.,p.120